

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E
APRENDIZAGEM

DANIELE SANTORO

**ESTUDO INTERGERACIONAL COM INDIVÍDUOS EM CONDIÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA**

Bauru
2013

DANIELE SANTORO

**ESTUDO INTERGERACIONAL COM INDIVÍDUOS EM CONDIÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia

Orientadora: Prof^a Dra. Lígia Ebner Melchiori

Bauru
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Santoro, Daniele.

Estudo intergeracional com indivíduos em condição de vulnerabilidade social: concepções de família / Daniele Santoro, 2013.
197 f.

Orientador: Dra. Lígia Ebner Melchiori

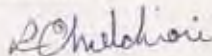
Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2013

1. Concepções de família 2. Intergeracionalidade 3. Vulnerabilidade I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências de Bauru. II. Título.

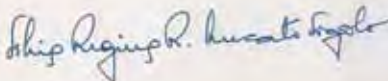
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DANIELE SANTORO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIÊNCIAS DE BAURU.

Aos 22 dias do mês de março do ano de 2013, às 09:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-graduação/FC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO L SIGOLO do(a) Departamento de Psicologia Da Educação / Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Profa. Dra. OLGA MARIA P ROLIM RODRIGUES do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DANIELE SANTORO, intitulada "ESTUDO INTERGERACIONAL COM INDIVÍDUOS EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA". Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

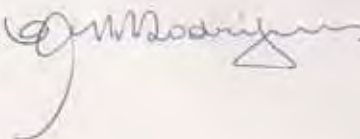
Profa. Dra. LIGIA EBNER MELCHIORI



Profa. Dra. SILVIA REGINA RICCO L SIGOLO



Profa. Dra. OLGA MARIA P ROLIM RODRIGUES



DANIELE SANTORO

**ESTUDO INTERGERACIONAL COM INDIVÍDUOS EM CONDIÇÃO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. **Área de Concentração:** Desenvolvimento: Comportamento e Saúde. **Orientadora:** Prof. Dra. Lígia Ebner Melchiori.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Dra. Lígia Ebner Melchiori – UNESP – Bauru
Orientadora – Presidente da banca

Dra. Sílvia Regina Ricco Lucato Sigolo – UNESP - Araraquara
1º Examinador

Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues – UNESP – Bauru
2ª Examinadora

Bauru
2013

DEDICATÓRIA

**À minha família na qual nasci
e à família que escolhi**

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos que de alguma forma participaram desta construção, em especial:

Às **famílias** que aceitaram participar desta pesquisa, me deixaram entrar em seus lares e compartilharam comigo parte de suas histórias.

Aos **funcionários** do Centro de Formação da Criança e do Adolescente que me receberam na instituição e permitiram o contato com seus educandos e familiares.

Ao meu **pai José Luiz Santoro, minha mãe Aparecida Josinéia Calandrin Santoro, meu irmão André Luiz Santoro, minha cunhada Natália Garcia e a minha prima Amanda Calandrin de Barros** que acompanharam os momentos de desânimo e nervosismo, me apoiando e me dando forças pra continuar.

À minha tia **Josineide Calandrin**, carinhosamente tia Josi e novamente minha **mãe Josinéia** que leram e releeram cada passo deste trabalho, dando sugestões, incentivo, ou simplesmente por estarem ali comigo.

Aos meus tios **Palmira e Leonardo Pelicão** e primas **Carita e Taís Pelicão** que me acolheram, emprestaram sua casa durante todo o período do mestrado.

Ao **Bruno Henrique Roca Santo**, meu namorado, que foi meu companheiro durante todo esse processo e me proporcionou e proporciona momentos muito agradáveis com a sua companhia.
Obrigada também por me ajudar com as tabelas!

Às **amigas e amigos** das turmas de mestrado de 2011 e 2012 Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem – UNESP/Bauru, pois caminhamos e crescemos juntos. Conhecer vocês foi muito especial.

Aos **professores** do programa de mestrado e aos professores que aceitaram fazer parte da banca.

E principalmente à **Prof^ª Dra. Lígia Ebner Melchiori** que me orientou, conduziu, ensinou, sempre com carinho, cuidado e atenção.

Guardo todos no meu coração.
Obrigada.

Cara de Família
(Grecco)

Meu pai me disse que a vida
Não tem nada de marcada
E que o destino não é nada
Levando a gente na vida
E toda vez que eu paro e olho
Pra esse velho companheiro
Vejo quem deu pra essas paredes
Essa cara de família

Deixa eu ver a mão machucada
Te levanta, deixa essa cama
Estou tão triste, quero falar-te
Fica calmo filho, não chora!

Quem não sabe dar valor pra essas coisas...
Ter um lar é um tesouro!

Minha mãe me disse umas coisas
Sobre os ódios do meu peito
Disse que o ódio que se guarda
Vai matando só quem sente
Minha mãe juntou as minhas mãos
Ainda quando eram pequenas
E me falou que tinha um Deus
Que era um tal papai do céu
Que era Pai!

Deixa eu ver a mão machucada
Te levanta, deixa essa cama
Estou tão triste, quero falar-te
Fica calmo filho, não chora!
Quem não sabe dar valor pra essas coisas...
Ter um lar é um tesouro!

Meu Deus, como seria bom
Seria bem melhor se fosse sempre assim...
Meu Deus como seria bom
Só hoje pude ver o que isso fez pra mim...
Meu Deus como seria bom
Seria bem melhor pra cada um
E assim pra todos nós!!!

SANTORO, D. Estudo intergeracional com indivíduos em condição de vulnerabilidade social: concepções de família. 2013. 197f. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) UNESP – Faculdade de Ciências, Bauru. 2013

RESUMO

A família passa por diferentes estágios ao longo da vida e, em cada um deles, seus integrantes precisam se adaptar e vencer os novos desafios. A intergeracionalidade e a transmissão de valores são pontos comuns em todas as fases do desenvolvimento familiar e em todos os tipos de família. O ciclo de vida familiar das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social, apesar de diferente em relação à classe média, não é ruim ou inadequado. Ele se organiza de maneira diferente devido à falta de apoio e grande número de eventos estressores. Tendo como base a abordagem bioecológica, o objetivo dessa pesquisa foi o de investigar as concepções de família e se há transmissão desse conceito considerando três gerações de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social: avós, genitores e filhos. Os objetivos específicos foram: (a) identificar o conceito de família nas três gerações; (b) identificar o que eles julgam ser uma boa/má família; (c) identificar o que eles julgam ser um bom/mau pai/mãe/filho; (d) verificar quem eles consideram ser sua família e o quanto estão satisfeitos com elas; (e) verificar se há diferença, nas respostas obtidas, entre os sexos. Este estudo foi realizado parte em um Centro de Formação da Criança e do Adolescente que atende exclusivamente o público infante juvenil que vive em situação de vulnerabilidade social e parte nas casas dos participantes. O critério utilizado para selecionar as famílias foi ter uma criança ou adolescente que frequentasse o Centro, seus respectivos pai/padrasto ou mãe/madrasta ou ambos, ou o(s) responsável(is), além de pelo menos um dos avós, desde que tivesse contato semanal com as crianças ou adolescentes. Participaram 20 famílias, com renda per capita média de 0,39 salário mínimo, sendo 20 filhos(as) com idade média de 10 anos, sete pais/padristos (média = 34 anos), 17 mães (média = 31 anos), 2 parentes que adoram crianças (média = 52 anos), sete avôs (média = 60 anos) e 19 avós (média = 59 anos), totalizando 71 participantes. Para descrição da amostra foi utilizado o “Questionário de Caracterização do Sistema Familiar”, adaptado de Dessen (2009) e, para a coleta de dados referentes aos objetivos do estudo utilizou-se um Roteiro de Entrevista que foi baseado no instrumento utilizado por Dessen e Ramos (2010), Santoro (2009) e Faco (2007). Em relação à concepção de família (objetivo geral), a segunda e terceira geração, apontaram como o grupo de pessoas que permanecem unidas, cumpre a função aglutinadora e despertam sentimentos positivos, enquanto que os filhos e filhas identificaram família pela função afetiva e socializadora que o grupo exerce. Em relação aos objetivos específicos foi possível observar que as três gerações concordam sobre o conceito de família, quem faz parte dela, o que é uma má família, o que é uma boa mãe e o que é um bom e mau filho. A segunda e terceira geração concordam sobre o que é uma boa família, bom e mau pai. Primeira geração tem opinião diferente sobre a má mãe, pois a identifica como aquela que tem mau comportamento. Em pouco mais da metade das questões há intergeracionalidade na transmissão dos valores do grupo, porém, em outros, a segunda e terceira geração aparecem com concepções bastante diferentes da primeira. Tais dados indicam que alguns valores são passados de pais para filhos, mas que outros vêm sofrendo outras influências importantes para sua formação.

PALAVRAS CHAVES: Concepções de família, intergeracionalidade, vulnerabilidade.

SANTORO, D. Intergenerational study with individuals in a condition of social vulnerability: family conceptions. 2013. 197f. Thesis (Master in Psychology of Learning and Development)

ABSTRACT

Family goes through different stages throughout life and, in each of them, its members need to adapt and overcome new challenges. The intergenerationality and the transmission of values are common points in all stages of family development and in all types of family. The family life cycle of the people who live in situations of social vulnerability, although different in relation to the middle class, is not bad or inappropriate. It is organized differently due to the lack of support and a great number of stressful events. Having as base the bioecologic approach, the aim of this research was to investigate the concepts of family and if there is transmission of this concept considering the three generations of families who live in situations of social vulnerability: grandparents, parents and children. Specific objectives were: (a) identify the concept of family in the three generations; (b) identify what they believe to be a good/bad family; (c) identify what they believe to be a good/bad father/mother/son; (d) check who they consider to be his family and how much they are satisfied with them; (e) check if there is no difference on the answers between the sexes. This study was carried out part in a Training Center of Child and Adolescent that exclusively serves the public children and youth who live in situations of social vulnerability and part in the houses of the participants. The criterion used to select families was having a child or adolescent who was a member of the Center, their respective fathers/stepfathers or mother/stepmothers or both, or the responsible, in addition, at least one of the grandparents was asked to be present since they had weekly contact with the children or adolescents. Twenty families participated, with income average of 0.39 minimum salary, 20 children with an average age of 10 years, seven fathers/stepfathers (average age = 34 years old), 19 mothers/stepmothers (average age = 31 years old), seven grandparents (average age = 60 years old) and 19 grandparents (average age = 59 years old), totaling 71 participants. Two instruments were used, the "Questionnaire for characterization of the Family System", adapted of Dessen (2009), and an interview guide which was based on the instrument used by Dessen and Ramos (2010), Santoro (2009) and Faco (2007). In relation to the conception of family (general purpose), the second and third generation, pointed out as the group of people who remain united, fulfill the function and arouse positive feelings, while the sons and daughters have identified family by affective and social function that the group plays. In relation to the specific goals, it was able to observe that, in some moments it is remarkable the intergenerationality in the transmission of values of the group, but in others, the second and third generation appear with concepts very different from the first, bringing the idea that the new generation has been suffering other important influences for the formation of values. The vast majority of the participants is satisfied with his family. In relation to specific goals it was possible to observe that the three generations agree on the concept of family, who takes part in it, what a bad family is, what a good mother is, as well as a good or bad son. The second and third generation agree on what a good family is, good and bad father. The first generation has a different opinion on the bad mother, once she is identified as the one who has bad behavior. In a little more than half of the questions there are intergenerationality in the transmission of values of the group, however, in others, the second and third generation appear with concepts very different from the first. These data indicate that some values are passed from parents to children, but that others have been suffering from other important influences for their formation.

KEY WORDS: family conceptions, intergenerationality, vulnerability.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grau de Escolaridade dos pais/padrastos, mães, avôs e avós participantes.....	55
Tabela 2 – Renda familiar.....	57
Tabela 3 – Número de eventos importantes ocorridos com a criança ou adolescente e com o grupo familiar nos últimos anos.....	60
Tabela 4 – Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “o que é família”.....	66
Tabela 5 – Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “o que é família” em função do sexo dos participantes.....	68
Tabela 6 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “quem é sua família”	70
Tabela 7 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “quem é sua família” em função do sexo dos participantes.....	71
Tabela 8 – Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa família”.....	73
Tabela 9 – Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa família” em função do sexo dos participantes.....	74
Tabela 10 - Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má família”.....	76
Tabela 11 - Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má família” em função do sexo dos participantes.....	78
Tabela 12 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom pai”	79
Tabela 13 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom pai” em função do sexo dos participantes.....	82
Tabela 14 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau pai”	83
Tabela 15 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau pai” em função do sexo dos participantes.....	85

Tabela 16 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa mãe”.....	86
Tabela 17 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa mãe” em função do sexo dos participantes.....	88
Tabela 18 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má mãe”.....	89
Tabela 19 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má mãe” em função do sexo dos participantes.....	91
Tabela 20 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom filho”.....	92
Tabela 21 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom filho” em função do sexo dos participantes.....	94
Tabela 22 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau filho”.....	95
Tabela 23 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau filho” em função do sexo dos participantes.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Os estágios do Ciclo de Vida Familiar.....	42
Quadro 2 – Respostas dos integrantes da Família do João ao Roteiro de Entrevista.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gráfico 1- Religião predominante nas famílias.....	56
--	----

LISTA DE ANEXOS

ANEXOS	122
ANEXO A -PARECER COMITÊ DE ÉTICA	123
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	124
ANEXO C - Questionário de caracterização do sistema familiar versão – pais ou responsável (DESSEN,2009) – Adaptado	125

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICES.....	132
APÊNDICE A – QUADRO DE DESCRIÇÃO DAS FAMÍLIAS.....	133
APÊNDICE B – CATEGORIAS.....	134
APÊNDICE C - ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	139

SUMÁRIO

Apresentação.....	14
Introdução.....	16
Breve perspectiva histórica da família.....	17
A família brasileira: organização e funções.....	20
Estudos Censitários Brasileiros -1872 a 2010.....	31
Concepções de família: pesquisas.....	35
O ciclo de vida familiar e intergeracionalidade.....	41
Vulnerabilidade social e o grupo familiar.....	45
Abordagem bioecológica de Bronfenbrenner.....	48
Objetivos.....	51
Método.....	52
Procedimentos Iniciais e Aspectos Éticos.....	52
Local.....	52
Percurso Amostral.....	53
Participantes.....	54
Instrumentos.....	61
Procedimento de Coleta de Dados.....	62
Procedimento de tratamento e análise dos dados.....	63
Resultados.....	65
O que é família e quem faz parte dela.....	65
O que é boa e má família.....	72
O bom e mau pai, mãe e filho.....	79
Satisfação com as famílias.....	97
Estudo de caso: Família do João.....	97
Descrição das respostas dos familiares.....	99
Discussão.....	102
Similaridades e diferenças nas concepções de três gerações sobre o conceito geral de família, componentes e concepção de boa e má família.....	102
Similaridades e diferenças nas concepções de três gerações sobre pai, mãe e filho...105	105

A satisfação com a família, a intergeracionalidade e a transmissão de valores.....	109
Considerações Finais.....	112
Referências Bibliográficas.....	115
Anexos.....	122
Anexo A – Parecer Comitê de Ética.....	123
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	124
Anexo C - Questionário de caracterização do sistema familiar versão – pais ou responsável (DESSEN,2009) – Adaptado.....	125
APÊNDICES.....	132
Apêndice A – Quadro de descrição das famílias.....	133
Apêndice B – Categorias.....	134
Apêndice C – Tabelas de análise de conteúdo.....	139

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é a resposta a algumas inquietações que surgiram durante o início da minha carreira profissional. Após iniciar trabalho clínico infantil em uma prefeitura municipal, tive também a oportunidade de participar da equipe de uma Ong que atende crianças em situação de vulnerabilidade social e, nesses dois espaços, encontrei famílias se esforçando para se organizar, para melhorar a qualidade de vida, apesar das dificuldades financeiras, sociais, educacionais, entre outras. Esforço esse muitas vezes não reconhecido pela sociedade.

Havia sempre a expectativa de família “completa” e feliz, como a dos comerciais de margarina. No entanto, em muitas delas havia um membro ausente: o pai por exemplo. Observei que havia uma valorização deste ausente. Ele era responsabilizado por tudo de ruim que acontecia e assim, era a ele também que atribuíam a responsabilidade de resolver todos os problemas, de forma mágica.

Ensinar essas famílias a acreditar que elas eram boas e completas, mesmo que faltando um dos integrantes da família era uma tarefa muito difícil. Ensiná-los a contar uns com os outros, valorizar os presentes e não os ausentes e reconhecer o que cada um dos presentes podia oferecer tornou-se o maior desafio do meu trabalho. Para isso era importante conhecer o que eles consideravam ser uma boa família, bom pai, boa mãe e suas expectativas. Assim fiz. Esse foi meu trabalho da Especialização em Psicologia da Saúde, no qual entrevistei os filhos dessas famílias.

Quando fui apresentar os resultados para os responsáveis pelas crianças notei certa surpresa. Os filhos valorizaram o afeto, o brincar, o ficar junto, necessidades prementes para eles, e com a possibilidade de ocorrer entre eles, mesmo sem a presença de todos os membros. Nesse momento nasceu em mim a vontade de saber a opinião desses pais e, de alguma forma, aproximar

as expectativas de pais e filhos, a fim de melhorar o relacionamento entre eles. Nasceu, então, esse projeto de mestrado, ao qual foi acrescentado a visão dos avós, no sentido de verificar também a transmissão intergeracional. É a resposta para essa questão e faísca de novas dúvidas. Paralelamente a esse trabalho coordenei, por um ano, um grupo de pais com encontros mensais, onde foram abordados os temas levantados pelos filhos, na pesquisa citada. Os resultados surgiram de forma muito positiva no comportamento diário das crianças. Espero que esse trabalho, agora mais completo, possa servir de inspiração e ajudar outras famílias a se valorizarem, se ajudarem e serem mais felizes.

INTRODUÇÃO

Família é um tema bastante comentado na mídia, nos meios educacionais, sociais e políticos. Ela é responsável pelo cuidado e desenvolvimento dos seus integrantes, principalmente das crianças. Muitos autores têm destacado que a família é o primeiro espaço de socialização da criança e que as relações iniciais são determinantes para um bom desenvolvimento físico, cognitivo e emocional (KOWALIC, 2007; DESSEN; BRAZ, 2005; KREPPNER, 2000; PEIXOTO; CICCHELLI, 2000; BOWLBY, 1997; CERVENY; BERTHOUD, 1997).

O relacionamento entre pais e filhos tem papel importante na socialização da criança e no estabelecimento de relações destas fora do contexto familiar (PENAGOS; RODRÍGUEZ; CARRILO; CASTRO, 2006). Assim, quando se conhece as raízes das relações familiares, os processos e os valores que estão sendo passados entre as gerações, é possível inferir qual sociedade está sendo construída.

A organização da família está vinculada à um momento histórico da sociedade da qual ela faz parte, uma vez que os diferentes tipos de arranjos familiares são determinados por um conjunto de variáveis ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e históricas (PRATTA; SANTOS, 2007). Sendo assim, para melhor compreender a importância da família, de suas funções e concepções, é necessário conhecer a sua história ao longo do tempo, as transformações que ocorreram e que contribuíram para a pluralidade familiar atual.

Por isso esta introdução encontra-se dividida em sete seções, que buscam construir uma revisão histórica sobre o tema família. Na primeira discorre-se brevemente sobre a revisão bibliográfica na perspectiva histórica da família na Europa, seguida da história da família no Brasil e são apresentadas pesquisas sobre os conceitos de família que contribuem para identificar papéis e funções delegados a seus membros, além de ser uma amostra do que vem sendo

estudado sobre esta temática. Na terceira seção estão os estudos censitários que apresentam a família brasileira em dados estatísticos. Na quarta seção são apresentadas as concepções de família, enfocando as relações familiares. Na quinta seção descreve-se o ciclo de vida familiar e a intergeracionalidade, em seguida, faz-se uma tentativa de definir o conceito de vulnerabilidade social. Diz-se tentativa, pois se trata de um termo em construção. Finalmente é apresentada a teoria bioecológica de Bronfenbrenner, que foi utilizada como base para este estudo.

Breve perspectiva histórica da família

Ariès (1981) fez uma investigação da história da criança e da família, na Europa, por meio da iconografia do século XII ao século XX e observou que, inicialmente, os artistas retratavam o tema ofício, sem considerar a família e seus membros, como se o que importasse naquela época fosse apenas o trabalho. Por volta do século XV a família começou a aparecer nos quadros, timidamente, com homens e mulheres, sem crianças.

Na Idade Média (século V a XV) a família era parte do Estado, não havia fronteiras entre família e sociedade. As relações familiares, como a do casal e a dos pais com seus filhos, eram permeadas por relações comunitárias. Os arranjos familiares dos poderosos eram planejados para manter o domínio sobre terras e bens e a função da família era a transmissão da vida, do patrimônio e dos nomes. A atração sexual, idade e o desejo dos casais não eram levados em conta (GOMES; PAIVA, 2003; ARIÈS, 1981).

Nessa fase, ainda não havia um lugar específico definido para a infância; havia pouco investimento afetivo e elevadas taxas de natalidade e de mortalidade. A criança só era considerada membro da família após os seis ou sete anos de idade, pois antes disso o risco de morte era muito alto. As crianças pequenas, da classe abastada, eram geralmente cuidadas por amas de leite, mamavam até os seis anos de idade e, aos sete, se fossem meninos, eram enviados

para aprender um ofício, saindo de sua família e passando a viver com um mestre. Eles não conviviam com sua família e passavam a frequentar os mesmos eventos e festas que os adultos. As meninas ficavam em casa e aprendiam a geri-la. As crianças filhas dos proletários trabalhavam nos serviços gerais. Crianças, adolescentes e adultos dividiam os mesmos espaços e tarefas, não havia lugar para a escola, que eram raras, voltadas mais para a formação de clérigos e destinadas a pessoas de idades diversas (ARIÈS,1981).

Por volta do século XVII houve uma preocupação dos educadores em isolar a criança do mundo dos adultos, iniciando uma diferenciação dessa fase em meio à sociedade. As escolas, na segunda metade do século XVII e século XVIII, passaram a aceitar alunos de 10 a 25 anos, porque compreendia-se que a infância deveria ser mais prolongada. No entanto, muitos adolescentes de classes abastadas de 11, 12, 13 e 14 anos tornavam-se tenentes em patentes do exército, da marinha, não tendo frequentado escolas (ARIÈS, 1981). Também nasceu a preocupação dos pais em ficar mais perto dos filhos. A família passou a concentrar-se um pouco mais nas crianças, que distraíam os adultos e eram paparicadas, começando a ser mais importante a qualidade dos cuidados oferecidos aos filhos no lugar da descendência numerosa (STRATTON, 2003; NOLASCO, 2001; ROUSSEL, 1995; VAITSMAN, 1994; ARIÈS, 1981).

No final do século XVII e início do XVIII, a sociedade, influenciada pelas mudanças sócio históricas, começou a tomar uma nova posição e a pensar sobre a sua própria constituição e história de vida. Iniciou-se uma mudança na concepção de família, ocorrendo um processo de privatização da vida familiar, no qual as famílias se recolheram a um ambiente mais íntimo, passando a dar uma grande importância a essa intimidade, que antes praticamente não existia, a vida era vivida em público. A mãe passou a assumir papel de destaque na organização familiar e a família tornou-se responsável pela educação dos filhos, surgindo um novo sentimento de

afetividade e responsabilidade (NOLASCO, 2001; ARIÈS, 1981). Durante esse período também, segundo Ariès (1981), surge a consciência da adolescência, separando-os dos adultos.

As transformações na família proletária foram mais tardias (século XIX). Foi somente a partir deste período que os trabalhadores agrícolas passaram a residir em casas próprias, separadas dos patrões. Esse fato demarcaria, segundo Ariès (1981), a incorporação do modelo burguês de família pela classe trabalhadora. Ao mesmo tempo em que a família foi adquirindo a privacidade, a separação entre as classes sociais se intensificou, ficando claro os espaços onde residiam os pobres das demais classes sociais. As escolas também passaram a ser diferenciadas, os burgueses aos poucos foram tendo seu estudo estendido até o liceu ou colégio (2º. grau) e os proletários até o primário.

A escola no século XIX, segundo Ariès (1981), passou a ser bem mais próxima do que é hoje, com a regularização do ciclo anual das promoções, classes menos numerosas e relação mais rigorosa entre idade e classe, do que vinha sendo considerado até então. Ela também passou a ser estendida, na Europa, a todas as crianças. Este autor destaca que se não fosse a escola, a criança e os adolescentes não conviveriam tão de perto com seus pares, uma vez que ainda hoje, ao exercerem qualquer atividade profissional, passam a conviver socialmente com diversas faixas etárias, semelhante ao que era na idade média.

Nesse período a ciência médica passou a interferir no estilo de vida das pessoas. Em meados do século XIX, o movimento higienista, que teve início no século XVIII, já tinha bases sólidas na Europa e trazia como bandeira a ideia de que a população era a grande riqueza da nação. Dessa forma houve mudanças importantes na relação de trabalho, carga horária, saúde, higiene, prevenção de doenças, saneamento básico, escolha do parceiro para casamento e para ter filhos, entre outros. Combater o aumento da pobreza na Europa, crescente desde o final da Idade Média, também foi alvo deste movimento (GOIS JUNIOR, 2000).

No século XX o amor passou a ser fundamental para a escolha dos casais e para manter os casamentos. O homem/pai era o responsável pelo trabalho e provedor da família enquanto a mulher/mãe deveria educar os filhos, cuidar deles, do marido e da casa. No entanto, as atividades domésticas acabaram sendo desvalorizadas pela sociedade, que considerava importante apenas as atividades realizadas no mundo público, pelos homens (NEDER, 1998; VAITSMAN, 1994).

A família brasileira: organização e funções

Ao analisar a história da família no Brasil, é necessário considerar que o país foi colonizado por portugueses de diferentes regiões, que trouxeram culturas diferentes, apesar de virem de um mesmo país. Por muito tempo o Brasil colônia seguia os ditames da metrópole, apesar de ser constituído por uma população com diversidade étnica, socioeconômica e cultural (SCOTT, 2002).

Segundo Scott (2002), a região noroeste de Portugal, principalmente do Entre Douro e Minho, foi a responsável por grande parte das emigrações. Entre a segunda metade do século XVI até o século XIX, o imigrante português que rumava ao Brasil era minhoto. A cidade ficou sem homens, pois eles eram enviados ainda jovens (entre 11 e 14 anos), o que acarretou importantes transformações na organização familiar portuguesa. As mulheres chefiavam algumas famílias, os casamentos nessa região eram tardios, por volta dos 28 anos, diferente dos realizados no sul de Portugal, onde os jovens se casavam aproximadamente aos 20 anos.

Para se compreender como tudo isso interferiu na organização familiar brasileira atual, parte-se do período da colonização, de como era o papel dos homens e mulheres ao longo dos anos, na sociedade e na família e como o Estado, Igreja, medicina e metrópole participaram dessa construção, até as novidades observadas nos dias de hoje.

No período da colonização, século XVI a XVIII, os portugueses que vieram para o Brasil chegaram desacompanhados de suas mulheres e tomavam por suas esposas índias e mulheres negras, escravas ou livres. A incorporação de mulheres não europeias resultou na formação de uma população de raças mistas, vista com inferioridade pelos europeus (SCOTT, 2005). A metrópole ditava as ordens para a colônia. O poder era disputado entre a Igreja, família de grandes latifundiários, militares e o estado (SCOTT, 2002).

As mulheres eram submissas, sem direitos, responsáveis pelo andamento da casa e consideradas frágeis (SAMARA, 2002; SCAVONE, 2001). Por não existir métodos contraceptivos, elas passavam boa parte do tempo grávidas ou de resguardo, recolhidas em casa. A arquitetura da época favorecia a não participação da mulher na área social. Elas ficavam em alcovas, salas sem janelas localizadas no interior da casa, pois acreditava-se que elas estariam protegidas do sol, dos ventos e de outros males, porém se tratava de espaços bastante insalubres, e, conseqüentemente, adoeciam mais, o que reforçava a ideia de fragilidade (COSTA, 2004).

Os homens eram os provedores do lar. Era deles a responsabilidade de manter financeiramente a família e, também, de ser a voz do grupo. Os desejos da família eram os desejos do homem-pai e todos deveriam acatar, sem questionar (MATOS, 2011; COSTA, 2004; MOURA; ARAUJO, 2004; SAMARA, 2002)

Por volta do século XVIII, família era sinônimo de latifúndio, grandes proprietários de terras, homens de influência. Nesse período os casamentos eram realizados com o intuito de manter patrimônios e realizar alianças políticas (COSTA, 2004; MOURA; ARAUJO, 2004; SCOTT, 2002).

Havia disputa de poder entre famílias, estado e igreja. Alguns criminosos, se de família influente, eram protegidos pela igreja e pelas famílias, enfraquecendo as ordens do rei. A Igreja por diversas vezes contrariava a metrópole visando interesses próprios (COSTA, 2004).

Nesse período a medicina estava fazendo diversas descobertas e o Movimento Higienista começava a despontar na Europa (GOIS JUNIOR, 2000). Assim a nova alternativa para controlar o povo também no Brasil, foi usar a medicina de forma política (ARAUJO, 2011; COSTA, 2004). No final do século XIX as recomendações médicas interferiram na arquitetura – as mulheres saíram das alcovas, as casas precisavam ser ventiladas, com janelas trazidas da Europa. A medicina interferiu também na alimentação, higiene, sexualidade, na relação senhor-escravo e nas vestimentas – a população deveria seguir a moda francesa para se adequar à boa saúde, o que movimentou o comércio e estimulou o capitalismo (COSTA, 2004).

O movimento higienista visava a boa saúde, higiene e pressupunha que cada cidadão seria o fiscal dos outros e, em troca disso, seriam cuidados. Porém, os escravos não recebiam nada em troca, dessa forma não cumpriam com as exigências higiênicas, por isso passaram a ser mal vistos nas residências e eram responsabilizados por qualquer doença, perda de filho, aborto das senhoras da casa (ARAUJO, 2011; COSTA, 2004). Com a libertação dos escravos, as mulheres necessitaram sair das alcovas para cuidar dos filhos, passaram a participar e ser responsável pelo funcionamento da família e socializar-se. A rua deixou de ser lugar apenas das prostitutas e mendigos, dessa forma as mulheres podiam sair de casa e ir às compras. Os vendedores deixaram de ir às casas e o comércio começou a tomar forma. Porém, com a saída das mulheres iniciaram-se também as traições. Os homens tinham relações sexuais com escravas, prostitutas, além de suas esposas, sendo que algumas começaram a adotar o mesmo padrão de comportamento. Nessa época, o casamento era por interesse financeiro e, muitas vezes, homens já de idade avançada casavam-se com moças novas, ou primos se casavam entre si, visando juntar as propriedades. Como muitos bebês nasciam com deficiências a medicina interferiu novamente, através do movimento higienista, incentivando o casamento entre jovens por amor e as mães a ficarem em casa cuidando de seus filhos, fortalecendo a ideia de amor aos filhos e à família (COSTA, 2004).

A mulher-mãe deveria dar bons exemplos, cuidar dos filhos, educar, ser o oposto do mundo cruel e competitivo encontrado fora de casa (MOURA; ARAUJO, 2004).

Escravos passaram a ser considerados sujos e portadores de possíveis doenças. Os homens que tivessem relações sexuais com escravas estariam colocando em risco sua prole (COSTA, 2004). A mãe deveria ser a responsável pelo aleitamento e cuidado com os filhos, pois os escravos passaram a ser considerados más influências (MOURA; ARAUJO, 2001; SAMARA, 2002)

A Igreja também teve seu papel importante nesse período, pois como as mulheres necessitavam voltar para dentro das casas, a família passou a ser comparada à Sagrada Família, o homem-pai deveria portar-se como Deus, ser bondoso para com filhos e esposa, ser educado e próximo. A mulher-mãe era comparada a Santana, avó de Cristo, sempre representada por uma senhora que catequizava as crianças, era amorosa e preocupada com os filhos e marido (COSTA, 2004). O amor e a privacidade familiar passaram a ser importantes e valorizados pela sociedade (TENÓ; SALLES, 2011; MOURA; ARAUJO, 2004; FONSECA, 2002)

Essas influências do movimento higienista e da Igreja causaram alterações nos papéis familiares. A mulher deixou de ser tão submissa e o homem deixou de ser ausente do convívio familiar, passando a frequentar alguns momentos de socialização junto com a família. O número de escravos foi diminuído. Era mais importante na sociedade ter um filho estudado e com boa saúde do que ter escravos (COSTA, 2004).

No entanto, não foram apenas a Igreja e o movimento higienista os responsáveis por essas mudanças na vida social e na família. No início do século XIX, com a vinda da corte para o Brasil, mudanças importantes aconteceram. Até então o Brasil era visto por Portugal como uma grande fazenda, terras que serviam apenas para a exploração. Não havia investimento em cultura, hospitais, estradas, universidades, entre outros. Não existia o sentimento de ser brasileiro. Assim,

com a vinda da corte, o Brasil foi transformado em um país digno de receber a corte e todos os seus criados (GOMES, 2007).

Sendo assim, não bastava apenas ser grande latifundiário, comerciante, letrado ou militar para ter prestígio, era necessário ter título de nobreza. Para isso era preciso participar da aristocracia, aproximar a cultura local da cultura portuguesa. Era possível comprar títulos de nobreza, para isso era necessário ter dinheiro para investir no Banco do Brasil, criado em 1808. As famílias da elite passaram a contratar governantas estrangeiras para europeizar as casas, começaram a organizar festas e recepções, além das festas religiosas. Enfim, era importante socializar-se com nobres e casar os filhos com essas pessoas ilustres (ARAUJO, 2011; COSTA, 2004; SCOTT, 2002).

No início do século XX, os jovens passaram a ter a possibilidade de escolher seus parceiros, tanto por influência da medicina, como pela valorização do afeto entre os membros da família (TENÓ; SALLES, 2011; COSTA, 2004; FONSECA, 2002). A mulher submissa, que não sabia conversar, organizar recepções e se portar como dama na sociedade não tinha mais espaço. As atribuições das mulheres mudaram, ela precisava acompanhar o esposo e saber conversar de diversos assuntos, além de ser uma esposa amorosa, cuidar da casa, dos filhos e do marido (COSTA, 2004). Por outro lado, as mulheres das classes populares diferenciavam-se das mulheres da elite brasileira, pelo motivo óbvio: precisavam trabalhar. Dessa forma, a organização familiar das camadas populares foi marcada pela diferenciação do papel feminino, momento em que muitas famílias passaram a ser chefiadas por mulheres, enfraquecendo a organização patriarcal (TENÓ; SALLES, 2011).

Muitos fatos históricos marcaram o desenvolvimento das famílias e do país, no decorrer do século XX. Entre eles as duas grandes guerras mundiais, a Revolução de 1930, a ditadura

militar, os movimentos estudantis, feministas e hippies, a revolução sexual e a inserção da mulher no mercado de trabalho, o surgimento da pílula anticoncepcional e da AIDS (MATOS, 2011).

A ditadura militar - período de grande importância política, econômica e relacional - teve início com o Golpe Militar em 1964 e término em 1979 com a anistia. Os seis anos seguintes marcaram o fim do período autoritário, com mudança lenta e gradual. Durante a ditadura a população viveu sobre vigia severa, o discurso governamental era de “moralizar” o país através de suas regras, não somente econômicas e políticas, mas também os comportamentos dos cidadãos brasileiros. Qualquer opinião diferente ou ato contra as regras do governo era entendido como contravenção grave e resultava em prisão, morte e tortura. Os jornais e a televisão deviam apoiar o governo, a censura era rígida. Por conta disso aconteceram muitos assassinatos, desaparecimentos e muitas famílias foram exiladas (COLLING, 1997).

A diferenciação entre as classes sociais se acentuou. Era frequente a auto exploração familiar e a exploração por terceiros, quando homens, mulheres e crianças, incluindo outros familiares (família extensa), necessitavam trabalhar para contribuir com o sustento (TENO; SALLES, 2011; SCOTT, 2005; MACHADO, 2001). Era necessário o grupo familiar se unir para manter a sobrevivência, devido à crise financeira que o país enfrentava.

Segundo Araujo (2011), o país passou por um período de manifestações de diversos grupos em busca de direitos, porém após cessar ou reduzir essas manifestações, a população ficou sem perspectiva política, o que favoreceu o desenvolvimento de uma cultura individualista, onde cada membro passou a se preocupar com suas vontades, necessidades e elas estavam acima dos desejos do grupo. Machado (2001) também discutiu a diferença do grupo familiar e o individualismo dos seus membros, um sobrepondo-se ao outro, enfatizando que o individualismo passou a ter maior destaque a partir da década de 60.

Na década de 80 o país estava endividado e havia grande insatisfação popular com os planos econômicos e políticos da época. Nas décadas de 70, 80 e 90 as manifestações políticas foram dando lugar ao culto às drogas e a liberdade sexual. Não ser virgem e morar junto sem casar tornaram-se comportamentos considerados modernos. O amor, como base do relacionamento conjugal, justificou o divórcio, pois não havia sentido continuar casado se não havia mais esse sentimento. A televisão passou a exercer grande influência sobre as famílias. As telenovelas apresentavam o modelo de família que deveria ser seguido, em relação aos comportamentos, organização e roupas; as propagandas incentivavam o consumo e para fazer parte da sociedade, era preciso seguir as regras apresentadas por elas (ARAUJO, 2011).

Ainda na década de 80, em cinco de outubro de 1988, foi promulgada a Constituição Federal do Brasil. Esta foi considerada a mais completa, principalmente no sentido de garantir o direito à cidadania para o povo brasileiro. Além da conquista de direitos das mulheres e das crianças, que antes eram posicionadas abaixo dos homens como submissas. Houve a queda do patriarcalismo e a família passou a se basear nos direitos iguais e no afeto (MATOS, 2011).

O código civil vigente até então, havia sido criado em 1916 e seguia o modelo familiar patriarcal e preocupava-se mais com o patrimônio familiar. A família matrimonializada – patriarca, mãe e filho - era a única considerada adequada à procriação e qualquer alteração nessa configuração era considerada como declínio das relações familiares. A família extramatrimonial não pertencia ao código civil e os filhos dessas uniões eram considerados ilegítimos (MATOS, 2011; FONSECA, 2002; SAMARA, 2002).

Não há consenso na literatura de qual era o modelo familiar predominante, pois o modelo patriarcal era encontrado apenas nas famílias de elite. Alguns autores defendem que havia diversas formas de organização familiar, que sofreram influências culturais e socioeconômicas (ARAUJO, 2011; MATOS, 2011; LEONE, 2010; RAMOS, 2008; FONSECA, 2003; SAMARA,

2002). Samara (2002) questiona se a família brasileira mudou quanto à composição ou se as pesquisas utilizaram como modelo apenas as famílias patriarcais, de elite, que não era o modelo mais encontrado na sociedade em geral.

Atualmente também não existe um modelo de organização familiar. Segundo Matos (2011) há um modelo jurídico plural de família, que considera os casamentos, uniões estáveis, casal sem filhos, pai ou mãe solteira, casais homossexuais, entre outros.

Observa-se que a família ocupou diversas funções na sociedade ao longo da história. Desde a manutenção da riqueza, da propriedade, passando por interferências do Estado, metrópole, Igreja, como a indissociabilidade do casamento, a perspectiva amorosa, inicialmente entre casal e filhos e, finalmente, a possibilidade de escolha dos parceiros (LASH, 19991). Ainda segundo este autor a família tem se transformado em um refúgio, um local protegido nas sociedades capitalistas.

Atualmente a família vem sendo foco de diversas críticas, existindo um murmúrio no senso comum que diz que a família vai mal. Segundo Costa (2004), a desestruturação da família está relacionada ao afrouxamento dos laços conjugais, ao enfraquecimento da autoridade dos pais, à emancipação da mulher, ao conservadorismo do homem, à rebeldia da adolescência, à repressão da infância, ao excesso de proteção aos filhos, à ausência de amor para com eles, enfim, diversos motivos que justificam as novas organizações familiares. Este mesmo autor afirma ainda que a independência tão buscada pelos adultos resulta em certo abandono das crianças e acrescenta que os membros da família, ao invés de cuidarem e se responsabilizarem uns pelos outros, estão declarando guerra entre os sexos e entre as gerações. Por outro lado, Carvalho e Almeida (2003) destacam que uma observação mais cuidadosa indica como a instituição família vem se adaptando às novas demandas sociais, econômicas e até mesmo culturais.

Do ponto de vista científico, o que se sabe é que, independente da composição familiar, as relações familiares e o ambiente em que essa família está inserida influenciam uns aos outros (DESSEN; BRAZ, 2005). As relações entre pais e filhos, marido e mulher, relacionamento entre irmãos, dependem uns dos outros e o bom funcionamento dessas relações seria determinante para o equilíbrio da família. Minuchin e Fishman (1990) descrevem a família de maneira geral como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que exercem influência bidirecional, dessa forma os seus integrantes se afetam mutuamente, assim como um subsistema afeta o outro. Eles são separados por fronteiras com diferentes níveis de permeabilidade e constituídos por regras e limites criados por seus membros. Em cada grupo familiar existe um padrão de interação que direciona os membros daquela família.

O alemão Petzold (1996) define que “família é um grupo social especial, caracterizado por relações íntimas e intergeracionais entre seus membros” (p. 39), sem identificar os membros ou elencá-los por nível de importância. Sendo assim, o grupo familiar não depende da consanguinidade ou moradia sob o mesmo teto, mas depende do vínculo de intimidade que se estabelece entre as pessoas identificadas como parte da família (DESSEN, 2010).

Fonseca (2002) afirma que a afeição como base do relacionamento conjugal fez surgir a adoção de filhos, a união de pessoas do mesmo sexo, integração de pessoas ao grupo familiar por laços afetivos, sem necessitar dos laços sanguíneos, constituindo o que ela chama de “família de escolha”, fazendo também surgir o divórcio, pela ausência do afeto. Essa visão, segundo a autora, revolucionou as concepções tradicionais de “família conjugal” (p. 07).

Por tudo isso, é uma tarefa bastante difícil elencar a variabilidade de tipologias de famílias existentes. No entanto Petzold (1996), baseado no modelo bioecológico de Bronfenbrenner, propôs 14 variáveis, (exemplo: casais casados ou não, partilha ou separação de bens, morar junto ou separado, dependência ou independência financeira, com ou sem crianças, filhos biológicos ou

adotivos, genitores morando juntos ou separados, relação heterossexual ou homossexual, cultura igual ou diferente, entre outras) que combinadas, fornecem no mínimo 196 tipos diferentes de família.

Vários autores descrevem alguns tipos de organização familiar (RIBEIRO 2012; FACO, 2007; TURNBULL, TURNBULL, 2001):

- *Família nuclear*: composto por duas gerações, sendo a mulher/esposa, o pai/marido, com casamento civil ou união estável, e filhos do casal.
- *Família monoparental*: São famílias também formadas por duas gerações, porém que apresentam apenas um adulto cuidando de pelo menos uma criança.
- *Casais Homossexuais*: Pessoas do mesmo sexo que mantêm um relacionamento de intimidade, podendo ou não se responsabilizar pelo cuidado de crianças.
- *Famílias recasadas, recombinadas, reconstituídas ou sucessivas*: formadas por dois adultos responsáveis pelo cuidado de pelo menos uma criança que é filho biológico de apenas um deles. Este tipo de família é formado a partir da morte de um dos pais ou após divórcio.
- *Casais vivendo em casas separadas*: Pessoas que mantêm um relacionamento de intimidade, compartilham a vida, porém vivem em casas ou cidades diferentes, às vezes pela necessidade de trabalhar, ou cuidar de pais idosos.
- *Família extensiva*: Constituídas de pelo menos três gerações – avós de um ou de ambos os lados, esposa/mãe, esposo/pai e filhos, biológicos ou não – podendo incluir ainda tios, primos, sobrinhos ou outros parentes da esposa e do esposo, sendo necessariamente da mesma família (FACO, 2007). Nessa definição estamos incluindo a família estendida, definida por Turnbull e Turnbull (2001) como sendo a que o pai e/ou mãe e filhos, vivem junto com a família de origem de um deles, por necessidade financeira e/ou apoio emocional. Essa medida foi tomada em função da dificuldade de se diferenciar a família extensiva da estendida nos participantes desta

pesquisa, uma vez que a dependência financeira e o apoio emocional são extremamente fortes na população alvo da pesquisa, em todas as gerações.

- *Família extensiva recombinação*: Constituídas de pelo menos três gerações – avós de um ou de ambos os lados, esposa/mãe, esposo/pai e filhos, biológicos ou não – podendo incluir ainda tios, primos, sobrinhos ou outros parentes da esposa e do esposo, madrasta, padrasto e meio-irmãos (RIBEIRO, 2012)

O IBGE (2012) acrescenta os seguintes tipos de família:

- *Famílias conviventes*: Famílias independentes que vivem na mesma casa, ou em casas diferentes, mas no mesmo terreno, sem grau de parentesco, se referindo as condições de moradia, podendo englobar vários tipos de família.

- *Família unipessoal - Solteiros/Viúvos*: Pessoas que moram sozinhas.

Vale ressaltar que não é discutido qual o melhor tipo de família e que não é esse o foco da discussão dos autores pesquisados. Porém, independente da configuração, diversos estudos abordam as funções da família. Kreppner (2003) indica algumas responsabilidades do grupo familiar, como a proteção do funcionamento biológico e da sobrevivência humana, a transmissão de valores, tradições e significados culturais. Dessa forma, ele traz o conceito de *Cultura Familiar ou Cultura das Relações Familiares* que faz referência a um conjunto de regras tradicionais, implícitas e explícitas, valores, ações e ambientes materiais que são transmitidos pela linguagem, pelos símbolos e comportamentos, por um grupo de pessoas que interage de forma duradoura. Assim explicita-se a intergeracionalidade, a importância das gerações mais velhas na transmissão de valores e crenças.

Alguns autores afirmam que família é um espaço privado, de autossatisfação e acolhimento, além de ser o grupo responsável pelo desenvolvimento infantil saudável (KOWALIK, 2007; RAMOS, 2008; WAGNER; PREDEBOM; MOSMNN; VERZA, 2005).

Outros afirmam que a família é vista como funcional na medida em que proporciona a cada um de seus membros as condições para seu desenvolvimento pessoal (FONSECA, 2002; SINGLY, 2000).

O que não se pode negar é que a instituição familiar exerce um papel importante na vida de seus membros, sendo um modelo ou um padrão cultural que se apresenta de forma diferenciada nas diversas sociedades existentes e que sofre transformações no decorrer do processo histórico-social. Por isso, é importante contextualizar a família brasileira, sua história, transformações, concepções, pois é neste contexto cultural que esta pesquisa se insere.

Outras transformações sociais e familiares podem ser observadas pelas informações obtidas nos estudos realizados pelo IBGE, através do Censo. Estudos que são realizados a cada 10 anos, desde 1890, embora tenha se iniciado em 1872, e que indicam as principais mudanças sociais do país.

Estudos Censitários Brasileiros - 1872 a 2010

A população e a família brasileira têm se transformado social, econômica e demograficamente, acompanhando os fatos históricos dos últimos séculos. A família é um espaço importante de socialização, de trocas de experiências, valores e membros que exercem diferentes funções, por isso é um tema pesquisado pelo IBGE, nos estudos censitários (NASCIMENTO, 2006).

Para se entender os resultados desses estudos é preciso antes conhecer qual é o conceito de família utilizado pelo IBGE. Segundo Nascimento (2006), inicialmente família estava relacionada ao número de pessoas que moravam no mesmo domicílio, justificado pelo seguinte motivo: estrutura domiciliar e parentesco estariam intimamente ligados. Com o passar do tempo, o conceito de família se manteve, mas foi ampliado, incluindo a pessoa que mora sozinha, o

conjunto de pessoas ligadas por laços de parentesco ou de dependência doméstica e as pessoas ligadas por normas de convivência (IBGE, 2003).

O primeiro Censo nacional foi realizado no ano de 1872 e o último foi realizado no ano 2010. O objetivo desses censos é o de conhecer e acompanhar a história da população do Brasil. As mudanças mais observadas nas últimas décadas foram em relação à fecundidade e mortalidade, aumento da longevidade, melhores condições de vida e de saúde, mudanças também nos padrões de relacionamento familiar, no papel da mulher e aumento de uniões consensuais, consequência da diminuição dos casamentos civis e religiosos (TENÓ; SALLES, 2011; NASCIMENTO, 2006; IBGE, 2003).

No primeiro Censo (em 1872) o Brasil passava de escravocrata para capitalista. O país contava com 9.930.478 habitantes, sendo mais da metade do sexo masculino. Foi observado que 66% da população adulta era solteira, 19% casadas e 15% viúvas. Os escravos eram considerados solteiros, as uniões entre os escravos, apesar de serem bastante comum, não eram consideradas pela organização burguesa (NASCIMENTO, 2006).

O segundo Censo, realizado em 1890, marcou o Censo da Primeira república. A ideia do governo era apagar a mancha da escravidão e ver como a sociedade estava se comportando. Para isso foram incluídas perguntas referentes à família: filiação, diferenciando filhos legítimos dos ilegítimos e os expostos (entregues à roda dos expostos); número de filhos nascidos vivos, mortos e sobreviventes, número de casamentos e parentesco (NASCIMENTO, 2006).

A partir deste estudo, foi convencionado que os Censos seriam realizados a cada 10 anos. Dessa forma, em 1900 foi realizado novo estudo, porém o ambiente político era pouco favorável e os dados foram considerados incompletos. Por esse mesmo motivo não foi realizado o censo de 1910 e 1930, ano da Revolução Industrial. O censo de 1920 foi realizado parcialmente, apenas para fazer a contagem populacional. O país apresentado no novo Censo (1920) já contava com

30.636.606 habitantes, havendo pouca diferença no número de homens e mulheres (NASCIMENTO, 2006).

Para desenvolver esses estudos a fim de conhecer e controlar o vasto território nacional foi criado, em 1938 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Esse instituto passou a ser responsável pela realização do Censo Nacional.

No Censo de 1940, em relação à família, admitiu-se além do casamento jurídico, o casamento religioso e, além das categorias de solteiro, casado e viúvo, foram incluídas as categorias separado/divorciado/desquitado. Em 1950 e 1960 houve uma redução no questionário censitário, mas essas categorias em relação ao estado civil se mantiveram. A novidade foi incluir as uniões consensuais como forma de união. Na Constituição Civil registrada em 1988, essa forma de união que já era reconhecida nos meios populares foi, também, reconhecida pela lei (MATOS, 2011; NASCIMENTO, 2006).

Os dados do Censo de 1960 foram inutilizados, pois foi utilizada a técnica de amostragem e não se obteve sucesso. Por isso, em 1970, o censo voltou ao seu padrão anterior, com uma diferença: o automóvel foi incluído como bem durável (NASCIMENTO, 2006).

Grande mudança social foi observada no Censo de 1980, principalmente em relação à desigualdade social, tendo ocorrido um empobrecimento da população (SCOTT, 2005). Os indicadores sobre a família eram referente à estrutura, situação socioeconômica, tamanho, composição, estrutura, nível de escolaridade, rendimentos individual e familiar, fecundidade e situação habitacional. Foi a primeira vez que foi diferenciado grupo familiar, parentesco e coabitação. Esta nova classificação também incluiu três categorias para identificar diferentes tipos de família: nuclear, estendida e composta. Um dado importante neste Censo foi que diversas famílias eram chefiadas por mulheres; ser chefe de família deixou de ser função exclusiva dos homens (NASCIMENTO, 2006; MACHADO, 2001). A família estendida tinha a tarefa de atuar

como rede de apoio, ajudando a cuidar das crianças do jovem casal (MOURA; ARAUJO, 2004; FONSECA, 2002).

No Censo de 1990, com um ano de atraso, a inovação foi incluir, no conceito de família, a noção de convivência, a pessoa que vive ou conviveu junto. Alterações maiores foram feitas no Censo de 2000, o último do século. O Brasil estava com quase 170 milhões de habitantes, sendo mais da metade do sexo feminino. Houve uma desaceleração do crescimento populacional, decorrente da menor fecundidade e diminuição da taxa de mortalidade infantil (NASCIMENTO, 2006). A expectativa de vida aumentou, resultando em uma inversão na pirâmide etária brasileira e no aumento da convivência entre as gerações (FONSECA, 2002; MACHADO, 2001).

As mulheres já eram responsáveis por 26,5% dos domicílios, aumentando o grupo de famílias monoparentais. A ideia geral que vem associada a esse termo é de famílias de mães com filhos que foram abandonados pelos pais, porém, também existiam, em menor número, as famílias monoparentais por opção (MACHADO, 2001).

O último censo realizado no Brasil teve os resultados publicados em 2010. Esses dados apontam que as mudanças continuam ocorrendo, por exemplo, a distribuição etária mostrou que a população do Brasil está envelhecendo e que cada vez mais aposentados estão chefiando as famílias (2000 – 3,9% e em 2010 – 5,1%). Ainda em relação à distribuição etária, houve novamente uma diminuição do número de crianças e adolescentes: 2000 – 40% da população e em 2010 – 32% (IBGE, 2010).

A desaceleração do crescimento populacional foi novamente observada, sendo que em 2010, a taxa de fecundidade total (número médio de filhos que uma mulher teria ao final do seu período fértil) foi de 1,94 e o número médio de pessoas na família caiu de 3,4 em 2000 para 3,1 em 2010. Ocorreu também um aumento na proporção de casais sem filhos (de 13,3% para 17%) e, conseqüentemente, uma redução de casais com filhos, passando de 55% para 47%. Entre as

famílias mais pobres a renda mensal *per capita* era de até meio salário mínimo e o número médio de pessoas por família era de 4,2 (IBGE, 2010).

Os recasamentos, ou famílias reconstituídas, representaram, em 2010, 17,1% do total das uniões formalizadas em cartório, sendo que em 2000 totalizavam 10,6% (IBGE, 2010). Em relação à divisão de tarefas domésticas, elas ainda foram consideradas como trabalho feminino e os homens, quando participavam, o faziam com o título de ajuda. Assim, a mulher acumulou diversas funções: ser mãe, esposa, provedora e cuidar das tarefas de casa (ARAUJO, 2011; TENO; SALLES, 2011; SCOTT, 2005).

Estas informações vão ao encontro às de Araujo (2011) que afirma que a família vem se adaptando às necessidades de cada época. O que não se pode perder de vista é se a diversidade de organização familiar tem cumprido sua função de proteção, educação, saúde do grupo e a transmissão cultural. Para tanto é necessário a realização de pesquisas que contemplem não só a composição familiar, como também as funções, concepções, intergeracionalidade e rede de apoio.

Concepções de família: pesquisas

No Brasil, por haver grande diversidade cultural, pode-se falar em “famílias brasileiras”, que são formadas por padrões econômicos, sociais e culturais diversos, em constante transformação (CERVENY; BERTHOUD, 1997).

Assim como as transformações ocorreram na família, as percepções sobre esse tema também foram se transformando ao longo dos anos. Segundo Gomes e Pereira (2005), o termo família remete a lembranças, emoções, sentimentos, identidade, que são de significado único para cada indivíduo. Cada pessoa tem sua própria representação de família.

É importante que seja feito um contínuo acompanhamento desse processo de transformações familiares, pois elas influenciam diretamente na constituição dos vínculos

(BOWLBY, 1997) e são a base para as futuras relações sociais (GOMIDE, 2004; RAVER, 1996), intrafamiliares e sociopolíticas (KALLOUSTIAN, 2004). Além disso, a família é o primeiro contexto de socialização da criança, e as alterações que ocorrem nesse ambiente interferem no desenvolvimento não só das crianças, mas de todos os seus membros, pois “o ciclo de vida do indivíduo se insere no ciclo de vida familiar” (DESSEN; COSTA JUNIOR, 2005, p.120).

Em estudo realizado com crianças norte-americanas, com o objetivo de identificar como elas concebem suas famílias, Roe, Bridges, Dunn e O’Connor (2006) solicitaram que crianças de aproximadamente sete anos, realizassem desenhos de família. Estas mesmas crianças refizeram seus desenhos dois anos depois. Algumas crianças não moravam mais com os pais biológicos, estavam com madrastas/padrastos, irmãos e meio-irmãos inseridas no lar e outras moravam em famílias monoparentais. Essas mudanças foram observadas nos desenhos, mas também genitores que estavam separados foram representados juntos. Crianças advindas de famílias monoparentais foram mais propensas a excluir do desenho os membros da família ausente do convívio e, na maioria dos desenhos, as crianças excluíram os meio-irmãos. Os desenhos foram correlacionados com um questionário respondido pelos pais sobre a dinâmica familiar e o *Child Behaviour Checklist* - CBCL, para avaliar indicativos de problemas de comportamento. Os resultados indicaram que os membros excluídos dos desenhos eram pessoas com quem as crianças tinham relacionamento pobre ou nulo. Também foi possível notar mudanças comportamentais associadas às mudanças ocorridas na organização familiar.

Em outro estudo, Paludo e Koller (2008) buscaram descrever as características das famílias dos jovens que vivem em situação de rua. Os autores apontaram que a falta de recursos materiais e afetivos tem como uma das consequências a saída das crianças e adolescentes para o contexto de rua e que a fragilização financeira dessas famílias influencia diretamente o desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico de seus filhos. De maneira geral, as

crianças buscam a rua para encontrar proteção dentro de um grupo, limites, sentimento de pertencimento que não encontram na família, talvez não pela ausência do afeto, mas pela dificuldade em demonstrá-lo. Parreira e Justos (2005) alertam que, muitas vezes, crianças que estão em situação de vulnerabilidade social não sabem quem são seus pais ou convivem pouco com eles, pois passam a maior parte do tempo em instituições.

Adultos que não tiveram contato com suas famílias quando crianças e viveram até a maioria em Aldeias SOS, participaram de um estudo desenvolvido por Cruz (2008). A respeito do conceito de família os participantes consideraram família como sendo quem cuida e concluíram que as relações de cuidado e acolhimento podem “gerar” pessoas que procurarão também cuidar. No entanto, em estudo realizado por Martins e Szymanski (2004), no qual foi observado o brincar de um grupo de crianças moradoras de um abrigo, as autoras perceberam que o descuido dos adultos levou as crianças a desenvolverem uma espécie de cuidado mútuo entre elas. Durante a brincadeira também foi observada a predominância do modelo de família nuclear e bastante harmoniosa, apesar de não ser o modelo vivenciado pelas crianças.

Em um estudo observacional, realizado em uma escola do estado de Rio Grande do Sul, as autoras encontraram que a concepção de família da comunidade escolar influenciava a aprendizagem do aluno. As crianças advindas de famílias monoparentais ou recasadas, eram chamadas de crianças de famílias “desestruturadas” ou “desorganizadas” e a isso era associado a justificativa da dificuldade de aprendizagem que apresentavam (PATIAS; ABAID; GABRIEL, 2012).

Antigamente as queixas mais frequentes em relação ao grupo familiar faziam referência a uma criação opressiva, onde seus membros deviam acatar todas as regras do pai, sem questioná-las, no entanto, atualmente elas referem-se à falta de raízes, limites e sentido de filiação

(PARREIRA; JUSTOS, 2005). Esses autores destacam que a família partiu da rigidez extrema à liberdade extrema, que passou a soar como falta de amor.

Vários estudos, que também investigaram o que é família e qual a sua função segundo a opinião de seus membros, obtiveram como principal resposta o cuidar (MOREIRA; RABINOVICH; SILVA, 2009; SANTORO, 2009; RABINOVICH; MOREIRA, 2008; RAMOS, 2008; FACO, 2007). Os adolescentes de zona rural e urbana entrevistados por Faco (2007) apontaram como modelo de família predominante a nuclear, composta por pai, mãe e filhos, e a percepção que eles têm como função dar suporte emocional e afetivo aos filhos. A maioria deles afirmou estar satisfeita com suas famílias.

Alguns estudos, além de avaliar a concepção de família, buscaram identificar o que as crianças pensam sobre os papéis de pai e mãe. Um deles é a pesquisa de Moreira, Rabinovich e Silva (2009) que entrevistaram crianças baianas, da capital e interior, a respeito do que pensam sobre família. As crianças descreveram as famílias como sendo extensas, indicando que o conceito de família não se restringe a quem mora na mesma casa. Para elas família são pessoas que cuidam e que têm significado afetivo. Os papéis de mãe e pai estão relacionados ao cuidar, educar e ao lúdico. Algumas vezes o pai aparece também como provedor.

Rabinovich e Moreira (2008) também procuraram identificar o significado de família e os papéis de pai e mãe em crianças de seis a 10 anos, advindas de famílias com genitores com ensino médio, superior e misto, moradores de três cidades do estado de São Paulo. Segundo as crianças que participaram deste estudo, os significados dados à família foram cinco: visão afetiva, a ajuda que presta, companhia, sentido da vida e pessoas que fornecem sustento. Nos meios sociais menos favorecidos, as crianças apontaram que família boa é a que não pune ou maltrata e a que provê necessidades materiais. Nas classes com maior poder aquisitivo o consumo não apareceu como necessidade, mas como mimo. As autoras identificaram que em todos os grupos

há uma diferenciação nos papéis parentais e nas classes sociais mais baixas essa diferenciação é ainda mais evidente. Está surgindo uma nova configuração em relação à figura paterna, que de autoritário, passou a ser visto como amigo. Apesar de a maior parte das mães trabalharem fora, o pai é mais identificado como provedor. Os avós também assumiram papéis diferentes, pois nas classes com maior poder aquisitivo eles apareceram como quem mimam e leva o neto para passear, enquanto nas classes mais baixas eles são responsáveis por educar e cuidar dos netos enquanto os pais trabalham, além de aparecerem como provedores.

Dessen e Ramos (2010) entrevistaram 33 crianças do Distrito Federal, em idade pré-escolar, com o objetivo de conhecer suas concepções de família, bons e maus pai e mãe. Os resultados indicaram que a maioria das crianças relacionou a família a qual pertencia como sendo a família ideal, no entanto, algumas apontaram alguns integrantes como fazendo parte de famílias más, ou seja, as que não cumprem a função provedora, socializadora e tem maus hábitos. Esse grupo identificou o bom pai principalmente pelas características de provedor, educador e ser afetuoso e na maioria das vezes, referiram-se aos pais pela atuação profissional. Sobre as mães, a maioria das crianças uniu a mãe ideal à sua mãe real, e as caracterizaram como provedora, cuidadora, socializadora e afetiva.

Informações semelhantes foram encontradas por Santoro (2009). A autora entrevistou 40 crianças paulistas que viviam em situação de vulnerabilidade, com o objetivo de conhecer sua opinião sobre concepção de família, além de questionar sobre bons e maus pais, mães e famílias. Os resultados apontaram que as crianças consideraram família a que exercia a função de aglutinar/reunir os familiares, cuidar, socializar, além de proporcionar afeto e ser provedora. Sendo a boa família a que exercia as funções de socialização (educar, passear, brincar) e a afetiva (amar, dar carinho) e a má família a que não exercia suas funções e que apresentavam maus comportamentos, como os de beber, falar palavrões e bater. Em relação aos pais, as crianças

consideraram um bom pai aquele que cumpre suas funções: afetiva, socializador, cuidador, provedor e aquele que está presente. O mau pai foi indicado como aquele que não cumpria as funções de socializar e cuidar e que tem maus comportamentos (beber, fumar, bater, xingar). A boa mãe foi indicada como aquela que cumpria suas funções de cuidar, socializar, prover material e afetivamente, estar presente e aglutinar. A mãe má foi indicada como aquela que não cumpria essas funções, além de ter maus comportamentos (usar drogas, bater, xingar, entre outros).

De maneira geral, nos estudos apresentados, as famílias foram identificadas com a função de cuidar e a forma de organização mais evidenciada foi a nuclear, mesmo que não seja a vivenciada. O papel dos pais apresentaram maiores mudanças, pois eram vistos como repressores e agora são vistos como amigos (RAMOS, 2008), com função lúdica, de cuidador e provedor. As mães são na maior parte das pesquisas indicadas com a função de cuidadoras, educadoras e com a responsabilidade de manter o grupo unido. Nas famílias mais carentes vem sendo destacado também o seu papel como provedora.

Um estudo realizado por Bandeira, Moura e Vieira (2009) buscou identificar a expectativa dos pais e mães para o futuro de seus filhos. Participaram 30 casais, pais de filho único menor de três anos, pertencentes a classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro. As respostas foram analisadas segundo cinco categorias: auto-controle, auto aperfeiçoamento, emotividade, expectativas sociais e bom comportamento, das quais pais e mães valorizaram metas relacionadas à socialização para autonomia e interdependência relacional, mostrando que os pais e mães esperam que seus filhos sejam pessoas de bom caráter, que se esforçam para atingir seus objetivos, educados e solidários.

É importante salientar que não foram encontrados estudos que avaliam a concepção de família em diferentes gerações, o que explicita a necessidade de pesquisas nesta área.

Em relação às diferentes classes sociais e organizações familiares, Fonseca (2002) traz à reflexão as diferenças nos termos utilizados em pesquisas sobre famílias, pois quando se fala das famílias pobres os rótulos são negativos: mãe solteira, família desestruturada, filhos abandonados; enquanto que nas camadas abastadas as mesmas organizações são denominadas como produção independente, descasamento e família de escolha.

Independente da classe econômica a qual pertencem, todas as famílias passam por um desenvolvimento, que se inicia com a união do casal e se encerra com a morte dos cônjuges, perpassando por inúmeras etapas e transformações. Nos grupos com nível econômico mais elevado essas fases são mais facilmente observadas, enquanto que nas famílias pobres, elas se misturam e se sobrepõem (HINES, 2001). A seguir encontram-se estudos sobre o ciclo de vida familiar e a intergeracionalidade.

O ciclo de vida familiar e a intergeracionalidade

A família passa por diferentes estágios ao longo do tempo e, em cada um deles, seus integrantes precisam se adaptar às novas formas de agir, cuidar dos filhos, se relacionar com seus genitores, dividir tarefas domésticas, entre outros. A intergeracionalidade e a transmissão de valores são pontos comuns em todas as fases. Ora novos casais precisam encontrar o equilíbrio entre os seus costumes e crenças - que aprenderam com seus genitores- para constituir sua nova família, ora eles devem transmitir valores para a nova geração, seus filhos.

Carter e McGoldrick (2001) definiram seis estágios do desenvolvimento do ciclo de vida familiar. Elas tomaram como base para os estudos a família nuclear de classe média norte americana, que têm diferenças em relação à família brasileira, porém é útil para identificar as tarefas e processos emocionais que o grupo precisa superar ao longo da vida.

No Quadro 1 estão descritos os seis estágios do ciclo de vida familiar por Carter e McGoldrick (2001, p. 17), o processo emocional de transição especificando seus princípios-chaves e as mudanças de segunda ordem no *status* familiar, ou seja, quais tarefas necessárias para o grupo familiar continuar se desenvolvendo em harmonia.

Quadro 1- Os estágios do Ciclo de Vida Familiar

Estágios do Ciclo de Vida Familiar	Processo Emocional de Transição: Princípios-chave	Mudanças de Segunda Ordem no <i>Status</i> Familiar Necessárias para se Prosseguir Desenvolvementalmente
1. Saindo de casa: jovens solteiros	Aceitar a responsabilidade emocional e financeira pelo eu	a. Diferenciação do eu em relação à família de origem b. Desenvolvimento de relacionamentos íntimos com adultos iguais c. Estabelecimento do eu com relação ao trabalho e independência financeira
2. A união de famílias no casamento: o novo casal	Comprometimento com um novo sistema	a. Formação do sistema marital b. Realinhamento dos relacionamentos com as famílias ampliadas e os amigos para incluir o cônjuge
3. Famílias com filhos pequenos	Aceitar novos membros no sistema	a. Ajustar o sistema conjugal para criar espaço para o (s) filho (s) b. Unir-se nas tarefas de educação dos filhos, nas tarefas financeiras e domésticas c. Realinhamento dos relacionamentos com a família ampliada para incluir os papéis de pais e avós
4. Famílias com adolescentes	Aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós	a. Modificar os relacionamentos progenitor-filho para permitir ao adolescente movimentar-se para dentro e para fora do sistema b. Novo foco nas questões conjugais e profissionais do meio da vida c. Começar a mudança no sentido de cuidar da geração mais velha
5. Lançando os filhos e seguindo em frente	Aceitar várias saídas e entradas no sistema familiar	a. Renegociar o sistema conjugal como díade b. Desenvolvimento de adultos-para-adultos entre os filhos crescidos e seus pais c. Realinhamento dos relacionamentos para incluir parentes por afinidade e netos d. Lidar com incapacidades e mortes dos pais (avós)
6. Famílias no estágio tardio da vida	Aceitar a mudança dos papéis geracionais	a. Manter o funcionamento e os interesses próprios e/ou do casal em face do declínio físico-lógico b. Apoiar um papel mais central da geração do meio c. Abrir espaço no sistema para a sabedoria e experiências dos idosos, apoiando a geração mais velha sem superfuncionar por ela d. Lidar com a perda do cônjuge, irmãos e outros iguais e preparar-se para a própria morte. Revisão e integração da vida

O primeiro estágio descrito por essas autoras refere-se à saída do jovem da casa dos pais. É uma fase na qual tanto os pais precisam se acostumar com a ausência do filho, que até então

dependia financeira e emocionalmente desses pais, e o filho precisa buscar sua independência e identificar os limites entre o seu espaço e o de sua família de origem. O segundo estágio de desenvolvimento da família é a união de dois jovens, formando um casal. Neste estágio os jovens trazem na bagagem diferentes valores familiares que aprenderam durante a vida e precisam encontrar um equilíbrio para construir sua nova família.

A terceira fase indicada pelas autoras refere-se ao momento que chega(m) o(s) filho(s). O casal precisa aprender a conviver com esse novo membro, novamente equilibrar seus desejos, concepções e crenças para educar a criança e redividir as tarefas de casa, assim como os papéis, pois os pais agora são avós, os filhos agora são pais e todos têm a tarefa de encontrar seu espaço.

Quando o primeiro filho do casal chega à adolescência, o grupo familiar se insere na próxima fase do desenvolvimento familiar. É preciso dar mais liberdade ao adolescente, sem perder a autoridade, ter maior flexibilidade e negociar regras. Geralmente nesta fase os pais agora adquirem mais uma tarefa, além de cuidar dos filhos, precisa ter maior atenção com os próprios pais, que estão mais velhos e na maioria das vezes necessitam de cuidados. É nesta fase que chega a crise da meia idade, vêm os pensamentos a respeito do que foi feito da vida e se é hora de realizar alguma mudança.

O quinto estágio é os pais vendo os filhos saírem de casa, quando chegam ao primeiro estágio do desenvolvimento de suas famílias. Esses pais precisam reorganizar sua rotina, que antes tinha filhos que necessitavam de muita atenção, agora precisam identificar os limites da relação para proporcionarem a independência deles. É preciso também, voltar a se ver como um casal, não mais como grupo. É nessa fase que muitos casais se divorciam, pois não conseguem realizar esta tarefa.

A última fase do ciclo de vida familiar descrito por essas autoras refere-se à morte de um dos cônjuges e a tarefa difícil para quem fica de aceitar a perda. Para os filhos, é entender que os

pais precisam de ajuda e muitas vezes, dependem de outros para realizar as atividades diárias, que antes eram simples.

É importante observar como a intergeracionalidade e a transmissão de valores estão presentes e interferem em todas as fases do ciclo de vida familiar. Kreppner (2000) afirma que cada família tem sua forma de comunicação, um clima emocional, conjunto de regras, valores e crenças, ou seja, uma cultura familiar específica, e que para uma compreensão mais aprofundada da dinâmica familiar é necessário que sejam consideradas no mínimo três gerações: avós, genitores e filhos.

Essas divisões em estágios ou fases têm como foco as famílias de classe média, norte americanas, porém Hines (2001) enfocam quatro diferenças principais observadas nas famílias negras pobres norte americanas e famílias de baixa renda: a) o ciclo de vida parece truncado, as transições não são claramente delineadas e por vezes um estágio se sobrepõem ao outro; b) as famílias são frequentemente chefiadas por mulheres; c) seu ciclo é pontuado por numerosos eventos imprevisíveis e estressores; d) contam com poucos recursos para ajudá-las a lidar com os fatores estressores e dependem excessivamente de auxílio de instituições governamentais.

Aponte (1974) passou muito tempo estudando famílias pobres negras norte americanas e julga que o termo “desorganizada” não é adequado, por isso propôs a utilização de “suborganizada” para sugerir que há uma deficiência nos graus de constância, diferenciação e flexibilidade da organização estrutural do sistema familiar. Elas não seguem as fases do ciclo de vida familiar padrão.

Essa divisão entre brancos e negros se dá por uma questão cultural dos EUA, país onde pessoas de diferentes raças não se misturavam até pouco tempo. Neste estudo, que pesquisa famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, não há distinção de raça ou cor.

Lewis e Looney (1983) acompanharam 18 famílias norte americanas, negras, da classe trabalhadora, para investigar o conceito de competência familiar proposto por Beaver (1976). Este consistia em capacidade da família de realizar duas tarefas: estabilizar as personalidades dos pais e desenvolver a autonomia dos filhos. Os resultados desse estudo apontaram que apesar da baixa renda e do contínuo estresse, muitas famílias apresentavam ótimo funcionamento, trazendo à luz a ideia de que a competência familiar não estava ligada à renda ou à condição de pobreza e nem à raça.

Assim, pode-se inferir que o ciclo de vida familiar das famílias mais pobres, ou em situação de vulnerabilidade social, apesar de diferente em relação à classe média, não é ruim ou inadequado. Ele se organiza de maneira diferente devido à falta de apoio, grande número de eventos estressores e abandono (HINES, 2001).

Para tanto é importante identificar quem é a família que vive em condição de vulnerabilidade social no Brasil. Este estudo enfocará as famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, para tanto se faz necessário conhecer um pouco mais este conceito.

Vulnerabilidade social e o grupo familiar

Os primeiros trabalhos realizados na perspectiva da vulnerabilidade social abordaram não somente a pobreza, mas também as diversas modalidades de desvantagem social. Enfocavam também as configurações vulneráveis que não se restringiam aqueles situados abaixo da linha da pobreza, mas toda população em geral, considerando então o termo de bem-estar social (ABRAMOVAY et al, 2002).

O governo brasileiro, especificamente o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, criou uma classificação para identificar as famílias que vivem em Extrema Pobreza, Pobreza ou Baixa Renda e a partir dessas características, projetou programas de

distribuição de renda, que visam retirar as famílias dessas condições. Para ter acesso a esses programas as famílias precisam estar cadastradas no CAD-Único. Elas são consideradas de Extrema Pobreza quando a renda *per capita* está abaixo ou igual a 70 reais. As famílias que recebem entre 70,01 e 140 reais *per capita* são denominadas Pobres e as famílias que tem renda de até três salários mínimos ou *per capita* de até meio salário mínimo são consideradas de Baixa Renda (MDS, 2012). Todas as famílias que se enquadram nessas classificações são consideradas famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, pois não têm acesso a diversos direitos garantidos por lei. No entanto, segundo Moser (1998) a renda não deve ser o único fator a caracterizar a situação de vulnerabilidade social. Em seu trabalho sobre estratégias de redução de pobreza, o autor destaca a importância dos ativos da família, não se referindo apenas às posses ou bens materiais, mas também à capacidade do grupo de responder às crises.

Por ser um termo recente, ainda não há consenso sobre sua definição. Sendo assim, esse trabalho se apoiará na discussão apresentada no caderno UNESCO Brasil, a qual situa a vulnerabilidade social

“... como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso às estruturas de oportunidades sociais, econômicas, culturais que proveem do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores” (ABRAMOVAY et al., 2002, p.29).

Em consonância com este conceito, Muniz (2006) discute a situação de vulnerabilidade social como originária de vários aspectos: pobreza, fragilização dos vínculos familiares, de vizinhança, comunitários e que podem ser agravados pelas fases iniciais do ciclo de vida. Este autor considera em situação de vulnerabilidade social as pessoas que estão expostas a riscos pessoais e sociais, ou seja, que vivenciam a violação de seus direitos por vitimização, violência, abandono, deficiência e drogadição.

No entanto, situação de vulnerabilidade não determina necessariamente um futuro negativo. Hillerheim e Cruz (2008) discutem que ao se antecipar o futuro, com a indicação de um risco de algo indesejado, deve-se transformar o presente, para assim mudar também o futuro. Ao se instrumentalizar o próprio sujeito em situação de vulnerabilidade, ele será responsável por sua transformação. No entanto, essas autoras inserem ainda o pensamento do talvez, que abala a noção de risco, pois o talvez não pode ser planejado e traz possibilidade do imprevisível e incompreensível. Elas ainda acrescentam que risco e futuro estão intimamente ligados, sendo assim “a infância (hoje) de risco deve ser transformada no adulto produtivo (de amanhã)” (p.197).

A família, juntamente com outras instituições, cada vez mais vem dividindo a responsabilidade de criar esse “adulto produtivo” e para isso utiliza-se de novas estratégias. As crianças passaram a ter seus desejos ouvidos e atendidos quando possível, substituiu-se a educação repressora, de pais como autoridades, por uma “pedagogia da negociação”, na qual a criança tem desejos, pode assumi-los e discutir sobre eles (FACO, 2007). Segundo Biasoli-Alves (2008), a prática de educação utilizada pelas famílias com as novas gerações atribui às crianças certa autonomia e controle, dificilmente vista há alguns anos.

Por todas essas peculiaridades encontradas nas famílias, elas deixaram de ser concebidas como um sistema mecânico e passaram a ser compreendidas como sistemas intersubjetivos compostos por sujeitos conscientes e intencionais, que criam e recriam significados. Devido a sua importância para o desenvolvimento grupal e pessoal é necessário realizar um contínuo acompanhamento da família, tanto para a ciência quanto para a psicologia atual, que há tempos se aproximou deste tema (BONG; CREPALDI; MORÉ, 2008). Focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar permite vislumbrar a família como um grupo específico

em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural também em desenvolvimento (DESSEN; SILVA NETO, 2000).

Machado (2001) afirma que o desafio metodológico é pensar a família nos diferentes segmentos sociais e nas diferentes temporalidades. Esta autora aponta também que há duas linhas nos estudos de família que são dominantes: uma enfatiza a estrutura e a organização familiar e a outra focaliza a família enquanto valor, ou seja, a moralidade estabelecida, o conjunto de regras de reciprocidade, obrigações e dádiva.

Uma alternativa interessante para se conhecer a família enquanto valor é a entrevista. Para Carvalho et al. (2004), este é o principal instrumento quando se deseja conhecer e apreender as percepções sobre determinado tema. No entanto, a entrevista com crianças é uma técnica ainda pouco explorada em nossa literatura, segundo essas autoras, porque se costuma pensar a criança como alguém incapaz de falar sobre suas preferências, concepções e avaliações. Porém, elas alertam que, com o crescente número de pesquisa sobre crianças e dada sua relevância, essa suposição tem sido desvalorizada.

Para estudar o conceito de família, nessa pesquisa, buscou-se uma abordagem teórica que permitisse a compreensão da família considerando essa trigeracionalidade e a possibilidade de verificar a transmissão de conceitos e valores através das gerações. A seguir apresenta-se sucintamente a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner.

Abordagem bioecológica de Bronfenbrenner

A abordagem bioecológica faz uma análise do desenvolvimento, considerando a influência bidirecional das relações que o indivíduo estabelece com o meio em que vive, com a cultura, as pessoas e o tempo. Para tanto Bronfenbrenner (1999) identificou quatro núcleos que interagem entre si: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT).

Cada núcleo tem sua especificidade. O primeiro núcleo considera a Pessoa em relação aos aspectos das convicções, níveis de atividade, temperamento, metas e motivações, além das características biológicas dos indivíduos e seu comportamento frente aos estímulos e a novas experiências. O Processo trata da interação entre os núcleos Pessoa e Contexto. Assim tem-se a ideia de que o sujeito influencia no ambiente da mesma forma que é influenciado por ele.

O terceiro núcleo, Contexto, envolve quatro subsistemas que foram propostos baseados nas *matrioshka* (conjunto de bonecas russas, que são organizadas uma dentro da outra), cuja estrutura é hierárquica e ao mesmo tempo horizontal, estando em contínua interação (MELCHIORI, 1999). O primeiro subsistema é o imediato ao sujeito, chamado de microssistema, como a família, a escola, o trabalho e as demais instituições onde a pessoa vive. O segundo subsistema é chamado Mesossistema, sua definição é a interação entre os diversos microssistemas que o sujeito interage de forma direta, como a família, a escola e o Centro de Formação.

O terceiro subsistema é conhecido por Exossistema, ele se caracteriza pela interligação do ambiente imediato do sujeito com outros ambientes que ele não participa diretamente, por exemplo: os filhos não frequentam o trabalho dos pais, porém o que acontece nele interfere também na vida da criança. O último subsistema é chamado de Macrossistema, refere-se à cultura, valores e crenças onde estão inseridos os micro, meso e exossistemas.

E finalmente o quarto núcleo, Tempo ou Cronossistema, foi adicionado posteriormente após ser observada a necessidade de considerar a passagem do tempo, que pode se referir tanto ao tempo histórico quanto ao relacionamento entre as gerações (DESSEN; COSTA JUNIOR 2005). Bronfenbrenner (1999) enfatiza que a classe social, a composição familiar e a cultura, que antes eram tratadas como instituições fixas, são também mutáveis e com o passar do tempo mudanças importantes são observadas e por isso precisam ser estudadas. O autor salienta também a

importância de se levar em conta os quatro núcleos para o delineamento de pesquisas, haja vista que a influência é mútua, então estudar organismos isolados é uma forma de observar apenas uma parte do fenômeno.

OBJETIVOS

Tendo como base a abordagem bioecológica, diferentes conceitos explicitados e a necessidade de aprofundar o conhecimento a respeito de famílias, o objetivo dessa pesquisa foi o de investigar as concepções de família e se há transmissão desse conceito considerando as três gerações de famílias que vivem em condição de vulnerabilidade social: avós, genitores e filhos. Os objetivos específicos foram: (a) identificar o conceito de família nas três gerações; (b) identificar o que eles julgam ser uma boa/má família; (c) identificar o que eles julgam ser um bom/mau pai/mãe/filho; (d) verificar quem eles consideram ser sua família e o quanto estão satisfeitos com elas e (e) verificar se há diferença, nas respostas obtidas, entre os sexos.

MÉTODO

Procedimentos Iniciais e Aspectos Éticos¹

O primeiro passo foi entrar em contato com o presidente de um Centro de Formação da Criança e do Adolescente com o objetivo de obter sua autorização para a realização da pesquisa. Este Centro está localizado em uma cidade de aproximadamente trinta mil habitantes, do interior do estado de São Paulo, considerada a quinta cidade mais pobre do estado de São Paulo (IBGE-cidades, 2012).

Após o aceite, foi realizado um levantamento das crianças e adolescentes da faixa etária especificada e entrou-se em contato com as famílias por telefone e posteriormente pessoalmente, em suas casas, para consultá-las a respeito de sua participação. Os objetivos da pesquisa foram então explicitados e o sigilo das informações garantidas. A seguir, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) foi apresentado a todos os participantes envolvidos na pesquisa, as dúvidas foram esclarecidas e foi solicitado que assinassem esse termo, caso concordassem com sua participação. O mesmo procedimento foi adotado com os outros membros da família.

Local

Este estudo foi realizado com as famílias de crianças e adolescentes que ficam no período oposto ao escolar em um Centro de Formação da Criança e do Adolescente, entidade beneficente de assistência social que atende exclusivamente crianças julgadas em condições de vulnerabilidade social, em cumprimento ao disposto no art. 227 da Constituição Federal, na Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA) e na Lei nº12.435,

¹Esse projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru e aprovado sob número 8827/46/01/11, Anexo A

de 6 de julho de 2011 (Sistema Único de Assistência Social – SUAS). As crianças e adolescentes realizam atividades dirigidas por educadores, tais como: artes digitais, cantinho de leitura, atividades pedagógicas, dança, esportes, entre outros. As famílias são acompanhadas pela assistente social do Centro e são realizados grupos de pais com objetivo de transmitir conhecimentos a respeito de saúde, desenvolvimento infantil e do adolescente e fortalecer a rede de apoio. Este Centro também encaminha os genitores para cursos profissionalizantes e orienta sobre programas de distribuição de renda do governo federal.

A assistente social do Centro faz a entrevista socioeconômica e visitas domiciliares para identificar as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social e efetivar a matrícula. A grande maioria deles são moradores de bairros conhecidos popularmente por Vila, famoso pelo alto índice de violência, utilização de drogas e tráfico. Todas as crianças participantes deste estudo têm ou tiveram contato com pessoas usuárias ou traficantes de drogas ilícitas.

Percurso Amostral

Inicialmente havia sido pensado em ter 40 famílias participando deste estudo, sendo uma criança ou adolescente de cada família, seus respectivos pais/padrastos ou mãe/madrastas ou ambos, ou o(s) responsável(is), além de pelo menos um dos avós, desde que tivesse contato semanal com as crianças ou adolescentes.

Entre os 130 alunos atendidos pelo Centro, foram encontrados em torno de 80 (61,5%) crianças se encaixavam nos critérios, porém ao entrar em contato com os responsáveis percebeu-se que muitos dos atendidos eram irmãos ou primos e moravam todos no mesmo domicílio, o que impediria a participação, pois os avós eram os mesmos.

Isso acontece porque é um propósito do Centro de Formação atender as famílias de maneira global. Sendo assim, quando é concedida a vaga para uma criança, conseqüentemente

todos os irmãos podem ser matriculados, além de ser realizado um estudo socioeconômico e tomadas as providências para encaminhamentos necessários. Dessa forma muitas das crianças atendidas pertenciam à mesma família e, então, foi preciso sortear apenas uma criança ou adolescente de cada família.

Por esse motivo o número de famílias que se encaixavam no perfil da pesquisa reduziu de aproximadamente 80 para 36. Dentre elas, em duas famílias as noras haviam brigado com as sogras e não autorizaram que a pesquisadora entrevistasse a avó da criança. Em outras duas famílias ocorreram óbitos (duas meninas perderam a mãe e na outra família quatro crianças perderam o avô). Outras três crianças, apesar da autorização dos pais, não quiseram participar. Assim restou um total de 29 famílias, das quais em 20 delas os membros das três gerações aceitaram participar, totalizando 20 famílias e 72 participantes.

Participantes

Idades

Foram entrevistadas 20 crianças e adolescentes, de sete a 14 anos ($X = 10,4$ anos), que cursavam desde as séries iniciais até os últimos anos do ensino fundamental, oriundas de famílias de baixo nível socioeconômico. Dentre elas, havia nove meninos e 11 meninas.

Em relação ao grupo de adultos, participaram 17 mães, sendo a mais nova com 22 anos e a mais velha com 40 anos ($X = 31$ anos), dois parentes (uma tia e uma avó) que adotaram as crianças ($X = 52$ anos), quatro pais ($X = 34$ anos), três padrastos ($X = 34$ anos), dentre eles o mais jovem com 27 anos e o mais velho com 42 anos, sete avôs, com idades entre 49 anos e 70 anos ($X = 60$ anos) e 19 avós, com idades entre 41 anos e 86 anos, ($X = 59$ anos). O número de avôs é baixo devido aos óbitos.

Estado Civil

Em relação ao estado civil, 35% dos casais são casados, 20% vivem juntos, sendo que na média esses casais estão juntos há nove anos (3 a 17 anos). Outros 35% são divorciados, 5% viúvos e 5% solteiros. Algumas mães tiveram seus filhos quando eram solteiras e não se casaram ou conviveram maritalmente com os pais de seus filhos, sendo assim, atualmente 50% delas estão pela primeira vez em uma união estável, 45% na segunda união estável e 5% na quarta união estável. A maioria dos filhos são frutos de um relacionamento da mãe com um primeiro companheiro (73%), tendo ou não resultado em união estável, seguidos de 22% do segundo companheiro, 2% do terceiro e 3% do quarto. As mães que estão separadas dos pais biológicos das crianças estão em média separadas há seis anos. Nessa amostra, seis (30%) crianças e adolescentes moram com mãe e pai biológicos.

Escolaridade

Tabela 1 – Grau de Escolaridade dos pais/padrastos, mães, avôs e avós participantes

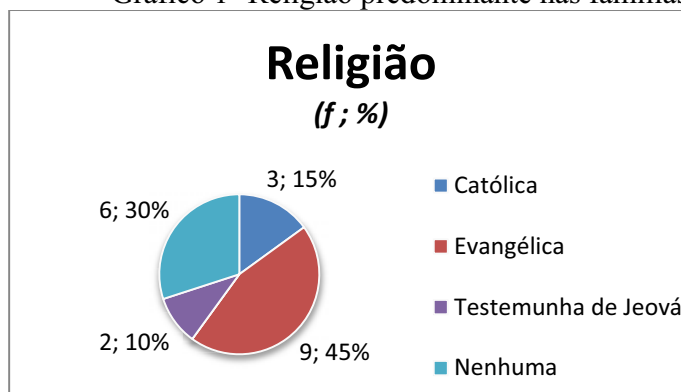
Descrição	Pai/Padrasto		Mãe		Avô*		Avó	
	f	%	f	%	f	%	f	%
Analfabeto	0	0	0	0	0	0	8	44
Fundamental incompleto	5	71	14	74	5	83,5	8	44
Fundamental completo	2	29	0	0	0	0	2	11
Médio incompleto	0	0	2	11	0	0	0	0
Médio completo	0	0	3	16	1	16,5	0	0
Superior incompleto	0	0	0	0	0	0	0	0
Superior completo	0	0	0	0	0	0	0	0
TOTAL	7	100	19	100	6	100	18	100

* a maioria dos avôs já falecidos eram analfabetos

Comparando as gerações é possível observar na Tabela 1, que houve um ligeiro aumento no grau de escolaridade. Quarenta e quatro por cento das avós são analfabetas, outros 44% das avós e 83,5% dos avôs não completaram o ensino fundamental (máximo até o quarto ano), 11% das avós completou o ensino fundamental e apenas um avô concluiu o ensino médio. Na geração seguinte não há analfabetos, 74% das mães/madrastas e 71% dos pais/padrastos têm ensino fundamental incompleto (máximo quarto ano), 29% dos pais/padrastos concluíram o ensino fundamental, 11% das mães iniciaram o ensino médio, mas não concluíram e 16% das mães concluíram o ensino médio. Nenhum participante cursou ensino superior. Muitas crianças e adolescentes que participaram deste estudo já ultrapassaram o grau de escolaridade dos seus pais e avós.

Religião

Gráfico 1- Religião predominante nas famílias



Quanto à religião, como mostra o Gráfico 1, 30% das famílias com quem as crianças/adolescentes residem não frequentam atividades religiosas. Dentre os que frequentam houve uma prevalência de evangélicos (45%), seguidos de católicos (15%) e testemunhas de Jeová (10%). Cinquenta e sete por cento das famílias costumam participar das atividades religiosas semanalmente, 29% mensalmente e 14% esporadicamente. Dentre as famílias que praticam alguma atividade religiosa, em 58% o casal e os filhos participam juntos das atividades

religiosas, em 14% a mãe e os filhos, em 14% frequenta a avó com os netos, 7% participa a família toda, incluindo filhos, pais e avós e em algumas famílias somente os filhos vão à igreja (7%).

Ocupação e Renda Familiar

Metade das mães exerce alguma função remunerada e contribuem com o sustento da família. Elas trabalham em atividades domésticas, lavoura e calçado. Três delas estão desempregadas e cinco se denominaram “do lar”. Entre os pais/padrastos que moram com as crianças um está desempregado, e os demais se dividem em funções como pedreiro, soldador, lavoura, motorista, entre outros. Em relação aos avôs, metade está aposentada, um trabalha na lavoura e três estão desempregados. Porém, apenas dois avôs colaboram com a renda familiar, pois os demais moram em residência separada dos genitores/responsáveis das crianças (vide Tabela 2). Dentre as avós que residem com as crianças e colaboram com a renda familiar, quatro são aposentadas, duas trabalham em funções como camareira, enfermeira, calçadista e na lavoura; uma está desempregada e quatro se denominam “do lar”. No geral, metade das avós é aposentada ou pensionista, quatro trabalham e cinco delas são do lar.

Na Tabela 2 pode-se verificar que quase 75% das famílias com quem as crianças/adolescentes residem recebem até dois salários mínimos mensais.

Tabela 2- Renda familiar

Valores	Número de Famílias
>1 a <2SM	13
2 SM	1
>2 a 3 SM	5
>4 SM	1
TOTAL	20

Legenda: SM= Salário Mínimo (R\$622,00 reais em 2012)

Outro número que é bastante expressivo é a quantidade de membros por família em que a criança reside. A média foi de 5,2 pessoas para cada família, número esse que junto com a baixa faixa salarial resulta em uma renda *per capita* média muito baixa, correspondente a 0,39 salários mínimos. Por esse motivo, 70% das famílias selecionadas recebem algum tipo de ajuda do governo, seja através do Bolsa Família, incluindo ou não o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e a Renda Cidadã.

Dentre as famílias das crianças/adolescentes participantes deste estudo, 15 se enquadram na denominação dada pelo governo como Baixa Renda – renda *per capita* inferior a meio salário mínimo ou renda total inferior a três salários mínimos. Cinco famílias estão na linha da pobreza, com renda *per capita* entre 70,01 e 140 reais por mês. Neste estudo nenhuma família está abaixo da linha da pobreza.

Moradia

Aqui também se descreve a residência das famílias onde as crianças residem. Quarenta por cento das crianças participantes residem em casa própria, 25% em casas alugadas e os outros 35% em casas cedidas. Sendo assim, 60% do grupo não possui casa própria. De acordo com os entrevistados todos residem na zona urbana e possuem infraestrutura básica (água, esgoto e luz elétrica). Dentre eles, 40% descreveram suas casas como boas e 15% como excelentes ou muito boas, 35% como razoável, 10% como precárias.

Neste grupo, sete famílias participantes (35%) habitam em um mesmo terreno ou mesma casa, de propriedade dos avós ou de terceiros. Três habitam na mesma casa (15%), sendo que os cômodos são delimitados para cada grupo, tendo cozinha e banheiro como áreas comuns. Duas famílias (10%) habitam em casa separada e compartilham o terreno com avós e parentes. Duas

outras (10%), além de morarem com parentes no mesmo terreno, também o dividem com pessoas não familiares.

Tipologia Familiar

O tipo de organização familiar mais frequente entre as famílias das crianças/ adolescentes que participaram deste estudo é a nuclear (30%), seguida da extensiva (25%) e monoparental (25%) e por último a recasada nuclear (20%). É possível observar que os avôs em sua maioria já são falecidos, apesar da pouca idade (no geral faleceram entre 50 e 60 anos).

Dentre as 20 crianças/adolescentes participantes, 12 (60%) não conhecem ou não tem contato com os pais biológicos e duas não conhecem ou não tem contato com a mãe biológica. Essa é uma prática que se repete, visto que mais da metade das mães e pais relataram não ter tido contato com seus pais biológicos nem quando criança. A composição das famílias das crianças e adolescentes participantes é apresentada de forma concisa em um quadro no Apêndice A.

Saúde e Doença na família

A seguir apresentam-se os problemas de saúde na família, os tratamentos e se há uso de drogas lícitas ou não. De maneira geral os membros das famílias tem boa saúde. Os avós são os que apresentam maior número de problemas e, em quatro famílias há tios das crianças e adolescentes que sofrem de algum transtorno mental ou síndrome.

Em relação aos tratamentos médicos, chama a atenção que cinco crianças (25%) estão em acompanhamento psicológico por motivo de dificuldade de aprendizagem e problemas de comportamento.

Há nesse grupo um alto índice de uso e abuso de álcool e cigarro. A maioria dos pais e padrastos fuma (80%) e 40% faz uso de álcool diariamente. Dentre as mães 41,5% são fumantes

e 23,5% do total relatam beber socialmente, assim como uma avó. Entre os avós o número de fumantes é menor, apenas um avô e quatro avós são fumantes. Em cinco famílias não há membros que fazem uso de cigarro ou álcool. Quatro famílias (20%) ainda relataram haver familiares que utilizavam drogas ilícitas, sendo que dois foram presos por traficarem.

Eventos Importantes ocorridos

Outro aspecto investigado foram os eventos importantes ocorridos com a criança ou adolescente e também com o grupo familiar nos últimos seis meses, de seis a 12 meses ou de um a três anos passados. Esses dados encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3 – Número de eventos importantes ocorridos com a criança ou adolescente e com o grupo familiar nos últimos anos

CRIANÇA E ADOLESCENTES	Últimos 6 meses	De 6 a 12 meses atrás	De 1 a 3 anos atrás	TOTAL f
Pai abandonou/preso	1	5	3	9
Nascimento de irmão	1	1	4	6
Mudar de escola	4	1	-	5
Suspensão da escola	1	3	-	4
GRUPO FAMILIAR				
Morte na família	3	5	7	15
Hospitalização de familiar	4	3	3	10
Separação dos pais	-	3	6	9
Problemas financeiros	5	2	1	8
Perda do emprego	5	-	1	6
Conflitos com agressão	1	1	3	5
Abuso de álcool (pai)	2	1	2	5
Abuso de drogas ilegais	1	-	1	2
Violação de leis	-	-	2	2
Outras	-	2	2	4

Quando um ou ambos genitores ou responsáveis foram indagados sobre os acontecimentos importantes que de alguma forma tiveram impacto sobre a vida da criança e

sobre o grupo familiar, a resposta comum era “*nada, está tudo normal*”, porém, conforme a pesquisadora lia as alternativas, as respostas foram ocorrendo.

Como é possível observar na Tabela 3, nove (45%) crianças viram os pais biológicos irem embora, por abandono ou prisão, seis delas no último ano. Cinco crianças/adolescentes mudaram de escola também no último ano, sendo que uma foi por ter mudado de cidade e as demais mudaram por terem completado o ensino fundamental. Quatro crianças (25%) apresentaram problemas de comportamento na escola durante o ano anterior.

Em relação ao grupo familiar, o evento mais comum foi a morte de parente (avô, avó ou tio). Das 20 famílias entrevistadas, 15 (75%) perderam um familiar próximo, sendo que em oito famílias isso aconteceu no último ano. Em seguida, o evento de maior ocorrência foi a hospitalização de parente, na maioria dos casos o parente que faleceu. A separação dos pais foi um evento importante, que aparece em terceiro lugar na lista (45%).

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos, o primeiro foi o “Questionário de Caracterização do Sistema Familiar”, adaptado de Dessen (2009), que contém dados a respeito dos dados demográficos (idade, escolarização, religião, ocupação, condições de moradia, entre outros) e caracterização do sistema familiar (atividades de lazer, divisão de tarefas domésticas, dados de saúde, eventos significativos), que foi respondido por um ou ambos genitores ou responsáveis (Anexo C). Este questionário foi utilizado para caracterizar a população alvo da pesquisa. O outro instrumento utilizado foi um Roteiro de Entrevista que foi baseado no instrumento utilizado por Dessen e Ramos (2010), Santoro (2009) e Faco (2007). Esse roteiro contém 12 perguntas especificadas a seguir:

01. O que é família?
02. Quem é sua família?
03. O que é uma boa família?
04. O que é um bom pai?
05. O que é uma boa mãe?
06. O que é um bom filho?
07. O que é uma família má?
08. O que é um mau pai?
09. O que é uma mãe má?
10. O que é um mau filho?
11. Quem mora com você?
12. Você está satisfeito(a) com a sua família?

Esse roteiro foi respondido por todos os participantes dessa pesquisa, ou seja, pelas três gerações: crianças/adolescentes, pais/padrastos ou responsáveis e avós.

Procedimento de Coleta de Dados

Os dados da entrevista das crianças e adolescentes foram coletados no próprio Centro de Formação da Criança e do Adolescente, em uma sala reservada para essa finalidade, longe das salas de atividades, com o objetivo de evitar ruídos e aumentar a privacidade. As entrevistas foram realizadas individualmente, com as perguntas do Roteiro de Entrevista formulada pela pesquisadora responsável. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente.

Os dados das entrevistas dos genitores ou responsáveis e avós, assim como os do “Questionário de Caracterização Familiar” foram coletados nas residências das famílias, em horário agendado previamente pela pesquisadora.

Inicialmente foram coletadas as informações do Questionário de Caracterização do Sistema Familiar através de perguntas formuladas pela pesquisadora a um ou ambos os genitores ou responsáveis, que registrava manualmente as respostas. Em seguida foram realizadas as

entrevistas com participantes, individualmente. Essas entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente. As famílias foram identificadas por números e letras: pai-1 (P1), mãe-1 (M1), avô-1(V1), avó-1(VO1), assim as letras indicam a posição do sujeito na família e o número indica a qual família pertencem. A sequência numérica obedeceu a idade dos filhos e filhas participantes, assim a criança-1 (C1) é o filho mais novo e o C20 é o mais velho, dentre os que foram entrevistados.

Procedimento de tratamento e análise dos dados

Os dados do “Questionário de Caracterização do Sistema Familiar” foram utilizados para caracterizar as famílias dos participantes. Os temas foram listados e calculadas as frequências, de acordo com as orientações da autora (DESSEN, 2009).

As verbalizações obtidas através do Roteiro de Entrevista foram submetidas à técnica de Análise de Conteúdo (AC) proposta por Bardin (2009), uma das precursoras de sua utilização. A AC é um método empírico muito utilizado em análises qualitativas, que visa uma melhor compreensão do que é verbalizado nas entrevistas. Foram seguidos os seguintes passos: (a) realizou-se leitura exaustiva do material de cada entrevista; (b) estabeleceu-se uma primeira classificação, tendo por base categorias discutidas por Dessen e Ramos (2010), Santoro (2009) e Facó (2007); (c) identificou-se os temas, unidades de análise, nas verbalizações das crianças (Apêndice B). As categorias obedeceram aos critérios de exclusão mútua, homogeneidade e pertinência (DESSEN; RAMOS, 2010). Após revisão do sistema de categorias (Apêndice B) e sua aplicação às falas (Apêndice C), foram listadas e calculadas as frequências e porcentagens. Os dados serão apresentados em relação às três gerações pesquisadas, seguidas da divisão por sexo em cada geração. A seguir será apresentado um estudo de caso, onde foi selecionada uma

única família intacta para verificar se houve transmissão intergeracional de valores do conceito de família e dos papéis atribuídos aos membros da família, ou seja, dos filhos, pais e mães.

RESULTADOS

Este capítulo encontra-se dividido em cinco seções. A primeira traz o conceito geral de família, segundo a opinião dos participantes e quem eles consideram pertencer a sua família. Na seção seguinte encontram-se os dados sobre o que eles julgam ser uma boa/má família. Na terceira seção encontra-se a identificação do que eles julgam ser um bom/mau pai/mãe/filho e, na quarta, o quanto estão satisfeitos com suas famílias. Na última seção descreve-se um estudo de caso de uma família intacta, ou seja, a criança é filha biológica dos genitores e a avó paterna participou da pesquisa.

O que é família e quem faz parte dela

Nesta seção encontram-se os dados obtidos através das perguntas: “O que é família?”, “Quem é sua família” e “Quem mora com você?”. Essas perguntas foram feitas a todos os participantes deste estudo e os resultados são apresentados a seguir. Inicialmente, para cada pergunta, apresentam-se os resultados das três gerações (Tabelas 4 e 6), intercaladas com os dados refinados em função do sexo dos participantes (Tabelas 5 e 7).

Tabela 4 – Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “o que é família”

Categorias	Subcategorias	1ª geração (filhos e filhas)		2ª geração (pais e mães)		3ª geração (avós e avós)				
		F	%	F	%	f	%			
Identifica sua família		--	--	--	--	1	2,6			
Composição	Laços biológicos	1	3,0	6	13,0	3	7,7			
Coabitação	Mesmo domicílio	1	3,0	2	4,3	2	5,1			
Função que a família exerce	Afetiva	7	22,0	69,1	5	10,9	50,2	4	10,2	48,6
	Provedora	--	--		--	--		1	2,6	
	Socializadora	7	22,0		4	8,8		4	10,2	
	Cuidadora	2	6,4		4	8,8		2	5,1	
	Aglutinadora	6	18,7		10	21,7		8	20,5	
Sentimentos que a família desperta	Positivos	4	12,5	13	28,2	8	20,5			
Comportamento do filho		1	3,0	--	--	1	2,6			
Comportamento do grupo familiar		2	6,4	2	4,3	3	7,7			
Não sabe		1	3,0	--	--	1	2,6			
Não respondeu		--	--	--	--	1	2,6			
TOTAL		32	100	46	100	39	100			

Na tabela 4 é possível notar que a categoria que obteve a porcentagem mais alta nas três gerações é a que define o que é família pela sua função. Para a segunda e terceira geração a função mais lembrada foi a aglutinadora (“*uma família pra mim, é estar unido, sempre junto...*”; “*... a gente ter uma família unida,...*”), seguida de afetiva (“*...família pra mim é compreensão, é amor..*”). Na terceira geração a função socializadora (“*... acima de tudo o respeito entre si, é um saber entender o outro...*”) teve a mesma frequência que a afetiva. Na primeira geração as funções mais citada pelos filhos foi a afetiva (“*ter amor com todas as pessoas*”; “*uma família é legal, que gosta da filha, do filho*”) e a socializadora (“*família é uma coisa pra gente se divertir... aprender ser educado, os pais e as mães ensina ser educado*”; “*família é um pai e uma mãe que educa as*

crianças”). A função aglutinadora (“... *todo mundo fica mais junto, não ficar mais sozinho.*”; “*é todo mundo se unir...*”; “*a família é pra ficar unida e quando acontecer alguma coisa é pra todo mundo ficar junto e não sair fora... e também não pode brigar [e separar, no sentido de que tem que ficar junto]*”) ficou em segundo lugar.

A segunda resposta mais frequente em todas as gerações foi em relação ao sentimento positivo que o grupo familiar desperta (“*Família é tudo, é tudo*”; “*Ah, uma família é uma alegria que eu tenho, de eu ta no meio dos meus filhos e dos meus netos...*”).

Na Tabela 5 encontram-se as categorias de respostas das três gerações a respeito de “o que é família” em função do sexo dos participantes.

Tabela 5 – Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “o que é família” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós		
	f	%	F	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Identifica sua família	--	--	--	--	--	--	--	--	1	8,5	--	--	
Composição	--	--	1	6,2	2	17,0	4	12,0	--	--	3	11,0	
Coabitação	--	--	1	6,2	1	8,0	1	3,0	1	8,5	1	3,5	
Função que a família exerce	Afetiva	4	25,0	3	18,8	--	--	5	15,0	--	--	4	15,0
	Provedora	--	--	--	--	--	--	--	--	1	8,5	--	--
	Socializadora	3	18,8	4	25	1	8,0	3	9,0	1	8,5	3	11,0
	Cuidadora	1	6,2	1	6,2	2	17,0	2	5,5	2	16,5	--	--
	Aglutinadora	3	18,8	3	18,8	2	17,0	8	23,5	2	16,5	6	22,5
Sentimentos que a família desperta	3	18,8	1	6,2	4	33,0	9	26,5	3	24,5	5	19,0	
Comportamento do filho	1	6,2	--	--	--	--	--	--	1	8,5	--	--	
Comportamento do grupo familiar	--	--	2	12,6	--	--	2	5,5	--	--	3	11,0	
Não sabe	1	6,2	--	--	--	--	--	--	--	--	1	3,5	
Não respondeu	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	3,5	
TOTAL	16	100	16	100	12	100	34	100	12	100	27	100	

Todos os participantes destacaram a família principalmente pela função que exerce, no entanto, podem-se destacar algumas semelhanças em função do sexo. Em relação à função da família, as mães e avós indicam a aglutinadora (“*família é união...e viver tudo reunido*”; “*ah família tem q ter união né...*”) e a afetiva (“*...a gente reparte tudo: sentimento, afinidade...*”; “*...eu adoro a minha família, desde mãe, irmão, sabe? Sobrinho, eu amo todos eles...*”; “*..., ter consideração um com o outro, acho que é isso, ter amizade...*”). Outra categoria destacada por elas é o sentimento positivo que a família desperta (“*é tudo né, família é tudo é um alicerce, sem família a gente não é ninguém*”; “*... “É uma família que vive em paz...*”). As respostas dos pais e avôs se dividem entre as funções aglutinadora (“*... a gente ter uma família unida,...*”) e cuidadora (“*...um ajudando o outro*”). Os avôs foram os únicos que citaram a função provedora da família (“*...pra suprir certinho*”), sendo que a função afetiva não foi citada por eles. Outra categoria com destaque para eles é o sentimento positivo que a família desperta.

Os filhos e filhas (crianças e adolescentes) apresentaram respostas um pouco diferente das outras gerações, com destaque para a função da família com ênfase nas funções afetiva, socializadora e aglutinadora, sendo que destas, os meninos apresentaram uma maior frequência da função socializadora (“*família é um pai e uma mãe que educa as crianças, como outros que não educam*”), enquanto as meninas, da afetiva (“*...é pra amar todo mundo da família...*”). As meninas também tiveram uma alta frequência da categoria de sentimentos positivos que a família desperta (“*família é muito bom...*”).

Na Tabela 6 podem-se observar as respostas das três gerações a respeito de “quem é sua família”.

Tabela 6 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “quem é sua família”

	Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)	
			f	%	f	%	f	%
OUEM É SUA FAMÍLIA	Tipos de família	Família nuclear	4	20	3	10,7	3	12,5
		Família extensiva	11	55	17	60,7	20	83,3
		Família extensiva recombinada	3	15	1	3,5	--	--
		Família recasada	1	5	4	14,5	--	--
		Família Monoparental	--	--	1	3,5	--	--
	Outras		1	5	2	7,1	1	4,2
	TOTAL		20	100	28	100	24	100

Nas três gerações, as respostas de muitos participantes incluíram tios, primos, avôs, avós, pais e irmãos como integrantes da família, pessoas além das que moram sob o mesmo teto. Muitas crianças disseram que sua família é a extensiva, porém poucas incluíram madrasta ou padrasto.

Alguns participantes deste estudo responderam “quem é sua família” por adjetivos e essas respostas foram incluídas na categoria outros (“*minha família é uma pessoa honesta, brincalhona e não maltrata as pessoas.*”; “*...É os que convivem dia e noite comigo.*”; “*vich, minha família é grande, minha família é mistura né, é mineiro com... é tudo mineiro mesmo, não tem outra mistura não...*”)

Na Tabela 7 estão apresentadas as respostas das três gerações em função do sexo dos participantes a respeito de “quem é sua família”.

Tabela 7 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “quem é sua família” em função do sexo dos participantes

Categorias	Subcategorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós		
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
OUEM É SUA FAMÍLIA	Tipos de família	Família nuclear	3	33,5	1	9,0	2	28,5	1	4,8	2	33,5	1	5,5
		Família extensiva	4	44,5	7	63,5	2	28,5	15	71,4	4	66,5	16	89,0
	Família extensiva recombinação	--	--	3	27,5	--	--	1	4,8	--	--	--	--	--
	Família recasada	1	11	--	--	2	28,5	2	9,5	--	--	--	--	--
	Família Monoparental	--	--	--	--	1	14,5	--	--	--	--	--	--	--
Outras		1	11	--	--	--	--	2	9,5	--	--	1	5,5	
TOTAL		9	100	11	100	7	100	21	100	6	100	18	100	

A diferença que mais se destaca em relação ao sexo refere-se a inclusão ou não de madrastas e padrastos como membros da família. Apesar de filhos e filhas identificarem suas famílias como extensivas, somente as do sexo feminino incluíram madrastas e padrastos.

Os pais tiveram suas respostas bastante variadas, enquanto as mães destacaram a família extensiva e algumas delas também incluíram seus padrastos. A segunda categoria mais indicada pelas mães foi a família recasada. Os avôs e avós responderam de maneira semelhante, destacaram a família extensiva, seguida da nuclear.

O que é boa e má família

Nesta seção encontram-se as tabelas referentes às perguntas “O que é uma boa família?”, “O que é uma má família?”. Essas perguntas foram feitas a todos os participantes deste estudo e os resultados estão a seguir, apresentados primeiro em relação às três gerações, seguido da tabela também em função do sexo nas diferentes gerações.

Na Tabela 8 apresentam-se os dados referentes à questão “o que é uma boa família?” em função das gerações.

Tabela 8 – Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa família”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)	
		F	%	F	%	f	%
Identifica um membro		1	3,7	2	4,9	2	5,2
Coabitação		--	--	1	2,5	--	--
É aquela que cumpre suas funções	Afetiva	5	18,6	--	--	5	12,9
	Provedora	--	--	--	--	2	5,2
	Socializadora	4	14,8	8	19,5	8	20,5
	Cuidadora	4	14,8	4	9,7	1	2,5
	Aglutinadora	3	11,1	13	31,6	9	23,0
	Estar presente	--	--	2	4,9	--	--
Sentimento que desperta		--	--	2	4,9	--	--
Comportamento do filho	Positivo	2	7,4	1	2,5	1	2,5
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	Positivo	4	14,8	8	19,5	8	20,5
Outro		1	3,7	--	--	2	5,2
Não sabe		3	11,1	--	--	1	2,5
TOTAL		27	100	41	100	39	100

É possível notar que há uma semelhança de respostas, principalmente na segunda e terceira geração, que destacam como boa família a que cumpre as funções, principalmente a aglutinadora (“*família boa é uma família unida*”) e socializadora (“*uma família boa é aquela que respeita um ao outro...dá aquela atenção que a gente precisa*”). A primeira geração (filhos e filhas), enfatizaram a função afetiva (“*...é aquela que tem carinho com todo mundo...*”), cuidadora (“*uma família que cuida de nós desde pequeno*”) e socializadora (“*que dá conselhos, que ajuda a fazer um monte de coisa.*”). As três gerações identificaram a boa família também como aquela que apresenta bom comportamento entre seus membros (“*não usa drogas, não bate, não fala palavrão...*”).

Na Tabela 9 os dados são apresentados em função do sexo nas três gerações.

Tabela 9 – Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa família” em função do sexo dos participantes

Categorias	Subcategorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avôs		Avós			
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%		
Identifica um membro	Coabitação	--	--	1	8,3	--	--	2	7,0	1	14,0	1	3,0		
		É aquela que cumpre suas funções	Afeiva	3	20,0	2	16,6	--	--	--	--	--	--	5	15,5
				--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	6,5
			Socializadora	3	20,0	1	8,3	2	16,5	6	20,5	1	14,0	7	22,0
				2	13,4	2	16,6	1	8,5	3	10,5	--	--	1	3,0
			Aglutinadora	1	6,6	2	16,6	2	16,5	11	38,0	2	29,0	7	22,0
				--	--	--	--	1	8,5	1	3,0	--	--	--	--
Sentimento que desperta		--	--	--	--	--	7,0	2	7,0	--	--	--	--		
Comportamento do filho	Positivo	2	13,4	--	--	1	8,5	--	--	--	--	1	3,0		
	Positivo	3	20,0	1	8,3	4	33,0	4	13,5	2	29,0	6	19,0		
Outro		1	6,6	--	--	--	--	--	--	1	14,0	1	3,0		
	Não sabe	--	--	3	25,3	--	--	--	--	--	--	1	3,0		
TOTAL		15	100	12	100	12	100	29	100	7	100	32	100		

Os pais, avôs, mães e avós tiveram respostas semelhantes, identificaram boa família como a que cumpre principalmente as funções aglutinadora (*“família boa é a gente se dar bem, é família unida.”*) e socializadora (*“Pra mim é aquela família que escuta quando a gente fala...ta sempre falando, sempre orientando. Pra mim é isso aí.”*; *“é um filho bem, o pai educar o filho bem, ser bem educado.”*), sendo que os avôs enfatizaram mais a aglutinadora. Apenas as avós citaram as funções afetiva e provedora.

Já na primeira geração, tanto os filhos quanto as filhas afirmaram que boa família é aquela que cumpre a função afetiva (*“...é aquela que tem carinho com todo mundo...”*; *“ter paixão e amor, essas coisas.”*). Os meninos também destacaram a função socializadora (*“...ser amigo...”*; *“que dá conselhos...”*; *“...e não deixa nós ir pro caminho das drogas.”*; *“uma família, uma pessoa que sabe corrigir as pessoas que estão erradas, não deixa fazer as coisas que não pode...”*) e as meninas as funções cuidadora e aglutinadora. As respostas “não sei” ocorreram mais nas meninas, seguida de uma avó.

Todos os participantes, com exceção das meninas, indicaram em segundo lugar a categoria comportamento positivo dos genitores ou do grupo familiar (*“uma boa família é uma família que não tem briga, que não discute com ninguém da casa e um respeita o outro...”*; *“... não maltratar”*; *“...família boa é assim, é filho que não dá trabalho pra gente, então é uma família boa, que não dá problema pra gente...é que não faz a gente sofrer...”*)

Na Tabela 10 encontram-se as frequências e porcentagem das respostas dos participantes para a questão “o que é uma má família”.

Tabela 10 - Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má família”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)	
		F	%	f	f	%	f
Identifica um membro		2	5,7	--	--	2	4,6
Coabitação		--	--	--	--	--	--
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva	2	5,7	--	--	2	4,6
	Provedora	2	5,7	1	2,3	3	7,0
	Socializadora	4	11,4	9	20,9	9	20,9
	Cuidadora	4	11,4	2	4,6	2	4,6
	Aglutinadora	2	5,7	8	18,6	4	9,4
	Não estar presente	--	--	2	4,6	1	2,3
Sentimento que desperta		--	--	--	--	2	4,6
Comportamento do filho	Negativo	2	5,7	2	4,6	4	9,4
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	Negativo	13	37,2	19	44,4	11	25,7
Outra		1	2,9	--	--	2	4,6
Não sabe		3	8,6	--	--	1	2,3
TOTAL		35	100	43	100	43	100

Todas as gerações identificaram a má família como àquela que não cumpre suas funções. A segunda e terceira gerações destacaram principalmente a falta da função socializadora “...que não tem respeito com ninguém na casa...”; “família ruim é não educar o filho, é ver o filho fazer coisa errada e não falar nada. Não ajuda ele ir pra escola, nem nada. Ai eu acho que é uma família ruim”; “...não dá educação pro filho”) e aglutinadora (“família que ta desunida... um vai pra um canto, o outro vai pra outro). A primeira geração destacou mais a função socializadora (“é não dar conselho pros outros, não ajudar fazer tarefa...”) e cuidadora (“...aquela família que não ta nem ai com ninguém, com nenhum dos filhos... ta nem ai com ninguém, com nada”; “que não ajuda, não faz nada...”).

Em segundo, a categoria mais comum entre as respostas dos participantes das três gerações foi o comportamento negativo dos membros familiares (*“Família ruim é que tem briga, discussão... um fala mal do outro. Isso é uma família ruim.”*; *“Família que bebe, que fica fumando droga. As crianças não gosta disso. Eu não gosto muito disso daí.”*).

Não foram observadas muitas diferenças quanto ao sexo, esses dados encontram-se na Tabela 11. O comportamento negativo dos membros familiares foi a categoria que os meninos mais citaram; as mães a destacaram com igual frequência para as funções que a família exerce. Já as filhas, os pais, avós e avôs enfatizaram mais as funções que a má família não exerce, seguida da categoria comportamento negativo dos membros familiares. É interessante destacar que a função provedora só não foi citada pelos pais e avôs.

Tabela 11 - Frequência Categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má família” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Identifica um membro	--	--	2	11,2	--	--	--	--	1	12,5	1	3,0
Coabitação	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
É aquela que não cumpre suas funções	1	5,9	1	5,5	--	--	--	--	--	--	2	5,5
	1	5,9	1	5,5	--	--	1	2,5	--	--	3	8,5
	2	11,7	2	11,2	2	28,5	6	17,0	3	37,5	6	17,0
	2	11,7	2	11,2	2	28,5	2	5,5	--	--	2	5,5
	1	5,9	1	5,5	1	14,5	6	17,0	2	25,5	2	5,5
	--	--	--	--	--	--	2	5,5	--	--	1	3,0
Sentimento que desperta	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	5,5
Comportamento do filho	2	11,7	--	--	--	--	2	5,5	--	--	4	11,5
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	8	47,2	5	27,8	2	28,5	17	47,5	2	25,0	9	26,0
Outro	--	--	1	5,5	--	--	--	--	--	--	2	6,0
Não sabe	--	--	3	16,6	--	--	--	--	--	--	1	3,0
TOTAL	17	100	18	100	7	100	36	100	8	100	35	100

O bom e mau pai, mãe e filho

Nesta seção estão descritos os dados referentes a quem os participantes consideraram ser um bom e mau pai (Tabelas 12 a 15), boa e má mãe (Tabelas 16 a 19) e bom e mau filho (Tabelas 20 a 23). As tabelas estão dispostas em função das gerações, seguidas de outra tabela em função do sexo dos participantes.

O que é bom e mau pai

A seguir se apresenta as respostas dos participantes a respeito das questões “o que é um bom pai” e “o que é um mau pai”. Na Tabela 12 encontram-se as categorias de respostas das três gerações a respeito do que é um bom pai.

Tabela 12 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom pai”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)	
		f	%	F	%	f	%
Identifica um membro		1	3,2	4	8,9	5	10
Identifica ser superior		--	--	1	2,2	--	--
É aquela que cumpre suas funções	Afetiva	7	21,8	3	6,6	5	10
	Provedora	4	12,5	3	6,6	5	10
	Socializadora	5	15,6	15	33,5	15	30
	Cuidadora	6	18,7	7	15,6	8	16
	Aglutinadora	--	--	--	--	2	4
	Estar presente	4	12,5	8	17,8	4	8
			81,1		80,1		78,0
Sentimento que o pai desperta		1	3,2	--	--	--	--
Comportamento do filho	Positivo	1	3,2	--	--	--	--
Comportamento do pai	Positivo	3	9,3	1	2,2	3	6
Outro		--	--	--	--	2	4
Não sabe		--	--	3	6,6	1	2
TOTAL		32	100	45	100	50	100

As três gerações concordam que um bom pai é aquele que cumpre suas funções. Eles divergem quanto à prioridade das funções: a primeira geração – filhos e filhas - enfatiza a função afetiva (“...ele ser legal com a gente.”; “...dá amor pros seus filhos.”), seguida de cuidadora (“é um pai que cuida da gente...”; “...um bom pai é que se preocupa com os filhos,...”) e socializadora (“é bom, ajuda a fazer tarefa”; “que dá valor pra mim”; “é o pai que educa seus filhos...”; “um bom pai é aquele la que não deixa os filhos viver no mundo das drogas...”; “...saber conversar...”). A segunda geração – genitores – indica a função socializadora (“É dar exemplo.”; “um pai que educa seus filhos... conversa na hora que precisa.”; “...que gosta de brincar, gosta de ler, sabe educar bem o filho.”), seguida de estar presente (“um bom pai é aquele que está sempre presente”) e cuidadora (“que ta sempre preocupado com os filhos.”; “...que cuida”; “um pai bom é aquele que desde pequeno cria a gente né, tudo...”). A terceira geração – avôs e avós – apontaram a função socializadora (“...tem que ponha os filhos estudar, sentar com eles e explicar o dom da vida, como é que eles tem que levar a vida, ai ele passa aquilo que ele é para os filhos...”; “pai bom é pai que dá valor pros filhos...”), seguida da cuidadora (“Um bom pai é cuida da mulher, cuidar dos filhos, cuidar das netaiada...”; “...cuida bem da família...”).

Na Tabela 13 esses mesmos dados estão apresentados em função do sexo dos participantes e é importante destacar que principalmente as filhas, mas também as mães e avós com menor frequência, destacaram a função afetiva (*que dá carinho, amor.*”; “...dá amor pros seus filhos.”; “carinhoso e bom”; “...da carinho, esse é o pai importante”), diferente do participantes do sexo masculino que, principalmente filhos e avôs, indicaram certa predominância da função provedora (“...e que dá um monte de coisa e comida.”; “que dá presente pra nós.”; “...que não deixa falta nada pra turma comê dentro de casa. Isso é um bom pai.”). Embora também destacada por filhos e filhas, a função socializadora teve uma maior frequência nas respostas dos adultos de ambos os sexos. A função cuidadora foi destacada por todos, com menor

frequência pelos avôs. Destaca-se a frequência de respostas das mães na categoria de que o bom pai é o que está presente.

Tabela 13 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom pai” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Identifica um membro	--	--	1	5,5	1	9,0	3	9,0	2	16,5	3	8,0
Identifica ser superior	--	--	--	--	--	--	1	3,0	--	--	--	--
É aquela que cumpre suas funções	1	7,3	6	33,4	1	9,0	2	5,5	1	8,5	4	10,5
	3	21,4	1	5,5	1	9,0	2	5,5	2	16,5	3	8,0
	2	14,2	3	16,7	4	36,0	11	32,5	4	34,0	11	29,5
	3	21,4	3	16,7	2	18,5	5	15,0	1	8,5	7	18,5
	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	5,0
Estar presente	2	14,2	2	11,2	--	--	8	23,5	--	--	4	10,5
Sentimento que o pai desperta	--	--	1	5,5	--	--	--	--	--	--	--	--
Comportamento do filho	1	7,3	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Comportamento do pai	2	14,2	1	5,5	--	--	1	3,0	2	16,5	1	2,5
Outro	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	5,0
Não sabe	--	--	--	--	2	18,5	1	3,0	--	--	1	2,5
TOTAL	14	100	18	100	11	100	34	100	12	100	38	100

A Tabela 14 traz as frequências e porcentagens das respostas dos participantes sobre o que eles consideram ser um mau pai. As respostas, em sua maioria, referem-se ao não cumprimento das funções, sendo que a mais destacada pelas três gerações foi a socializadora (“pai mau é que não respeita os outros...”, “não dá conselho, não ajuda fazer tarefa...”; “Um pai que não dá educação pro filho”). O comportamento negativo do pai foi a segunda categoria com maior frequência (“o pai mau é que fica bebendo na frente do filho, que fica fumando droga na frente dos filhos...porque se o pai faz isso o filho também vai fazer.”; “...espanca, bate...”).

Tabela 14 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau pai”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)			
		f	%	f	%	f	%		
Identifica um membro		--	--	6	13,0	1	2,3		
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva	4	12,9	54,8	1	2,2	63,1	--	--
	Provedora	3	9,7		4	8,8		6	13,6
	Socializadora	6	19,3		10	21,7		12	27,3
	Cuidadora	3	9,7		7	15,2		7	15,9
	Agglutinadora	1	3,2		--	--		--	--
	Não estar presente	--	--		7	15,2		4	9,1
Sentimento que o pai desperta		--	--	--	--	--	--		
Comportamento do filho	Negativo	--	--	--	--	--	--		
Comportamento do pai	Negativo	12	38,7	10	21,7	12	27,3		
Outro		2	6,5	--	--	2	4,5		
Não sabe		--	--	1	2,2	--	--		
TOTAL		31	100	46	100	44	100		

A Tabela 15 apresenta as respostas dos participantes em função do sexo. É possível notar que os filhos consideram mau pai aquele que tem mau comportamento e que não cumpre suas funções, dentre elas a socializadora, afetiva e cuidadora (“Que não abandona”). Algumas

semelhanças nas respostas dos demais participantes indicaram o mau pai, como aquele que prioritariamente não cumpre a função socializadora (“*Um pai que não dá educação pro filho*”; “*... não conversa com os filhos...*”), não havendo diferenças em relação ao sexo.

Os filhos, filhas, mães, avôs e avós citaram, como segunda categoria, o mau comportamento dos pais (“*que só anda nas drogas, não sabe fazer as coisas*”). Já os pais indicaram um membro da família para identificar o mau pai. Eles elegeram seus pais como exemplos de maus pais (“*...ainda eu não tive o meu por perto né, mas hoje eu tenho uma família, graças a Deus, mas pai mesmo, não posso falar que ele foi bom, porque não foi não.*”; “*um pai ruim foi como eu já disse já, foi tipo como o meu...*”), enquanto as mães, em proporção menor, identificaram seus pais ou os ex-companheiros como maus pais (“*...o meu pai tentou me estuprar quando eu tinha 6 anos de idade, entendeu, mau pai é isso...*”; “*...que é o caso do pai das criança,...*”).

Tabela 15 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau pai” em função do sexo dos participantes

Categorias	Subcategorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós	
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Identifica um membro É aquela que não cumpre suas funções		--	--	--	--	2	17,0	4	12,0	--	--	1	3,0
	Afetiva	2	13,3	2	12,4	--	--	1	3,0	--	--	--	--
		--	--	3	18,8	1	8,0	3	9,0	2	18,0	4	12,0
	Provedora	--	--	3	18,8	3	25,0	7	20,5	4	37,0	8	24,5
		3	46,6	3	62,6	3	75,0	7	59,0	4	73,0	8	63,5
	Socializadora	2	13,3	1	6,3	2	17,0	5	14,5	2	18,0	5	15,0
	Cuidadora	--	--	1	6,3	--	--	--	--	--	--	--	--
Aglutinadora	--	--	1	6,3	--	--	--	--	--	--	--	--	
Não estar presente	--	--	--	--	3	25,0	4	12,0	--	--	4	12,0	
Sentimento que o pai desperta		--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Comportamento do filho		--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Comportamento do pai		7	46,7	5	31,1	1	8,0	9	26,0	3	27,0	9	27,5
Outro		1	6,7	1	6,3	--	--	--	--	--	--	2	6,0
Não sabe		--	--	--	--	--	--	1	3,0	--	--	--	--
TOTAL		15	100	16	100	12	100	34	100	11	100	33	100

O que é uma boa e má mãe

A seguir se apresenta as respostas dos participantes a respeito das questões “o que é uma boa mãe” e “o que é uma má mãe”. Na Tabela 16 encontram-se as categorias de respostas das três gerações a respeito do que é uma boa mãe.

Tabela 16 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa mãe”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)		
		f	%	f	%	f	%	
Identifica um membro		--	--	5	10,2	5	11,4	
É aquela que cumpre suas funções	Afetiva	7	21,2	87,8	5	10,2	7	16,0
	Provedora	2	6,0		--	--	2	4,5
	Socializadora	7	21,2		14	28,5	11	25,0
	Cuidadora	10	30,3		10	20,4	9	20,4
	Aglutinadora	--	--		--	--	2	4,5
	Estar presente	3	9,1		8	16,4	3	6,8
Sentimento que a mãe desperta	Positivo	1	3,1	3	6,1	1	2,3	
Comportamento da mãe	Positivo	3	9,1	4	8,2	3	6,8	
Outro		--	--	--	--	1	2,3	
TOTAL		33	100	49	100	44	100	

É possível observar que há semelhança nas respostas das três gerações. Os participantes deste estudo indicaram a boa mãe como aquela que cumpre suas funções. Dentre as funções mais citadas, a segunda e a terceira geração indicaram a socializadora (“...uma boa mãe é que educa, que ensina tudo que é bom pros filhos é uma mãe boa né.”; “quando um filho precisa ser corrigido, ele tem que ser corrigido. Não tudo que o filho faz, passar a mão na cabeça...”) e a cuidadora (“...o jeito de cuidar das crianças...”; “uma mãe que cuida bem dos filhos...cuida bem dos filhos, comidinha na hora certa, na hora certa tem o banho, limpinho, deixa cheirando gostoso, eu acho assim”). A primeira geração destacou principalmente a função cuidadora (“que cuida de nós...”; “aquela que ajuda...”), seguida de socializadora (“...quando a gente não sabe

alguma coisa na escola, ela vai lá e ajuda.”; “...escuta eles, da atenção pra eles.”) e afetiva (“a [minha] mãe é legal...”; “é quando ela tem carinho”).

Na Tabela 17 os dados estão dispostos de acordo com a geração e com o sexo dos participantes. Não foram observadas diferenças nas respostas entre os sexos. As respostas de todos os participantes se dividiram entre as categorias cumprir as funções, sendo as mais citadas a cuidadora, a socializadora, a afetiva. Os pais destacaram também a função estar presente (“*boa mãe é aquela que participa da vida do filho*”) e os avôs foram os únicos adultos que destacaram a função provedora para a boa mãe (“*...vê o que o filho precisa, que não precisa...*”; “*...que não deixa falta nada pra turma come dentro de casa.*”).

Tabela 17 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma boa mãe” em função do sexo dos participantes

Categorias	Subcategorias	Filhos (crianças e adolescentes)		Filhas (crianças e adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós	
		f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Identifica um membro É aquela que cumpre suas funções	Afetiva	--	--	--	--	2	16,5	3	8,0	2	18,0	3	9,0
		2	14,3	5	26,3	1	8,5	4	11,0	1	9,0	6	18,0
	Provedora	1	7,2	1	5,3	--	--	--	--	2	18,0	--	--
		3	21,4	4	21,0	3	25,0	11	30,0	2	18,0	9	27,5
	Socializadora	5	35,6	5	26,3	2	16,5	8	21,5	3	28,0	6	18,5
		--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	2	6,0
	Cuidadora	1	7,2	2	10,5	3	25,0	5	13,5	--	--	3	9,0
		--	--	1	5,3	1	8,5	2	5,0	--	--	1	3,0
Aglutinadora	--	--	1	5,3	1	8,5	2	5,0	--	--	1	3,0	
	2	14,3	2	10,5	1	8,5	2	5,0	--	--	1	3,0	
Estar presente	1	7,2	2	10,5	3	25,0	5	13,5	--	--	3	9,0	
	--	--	1	5,3	1	8,5	2	5,0	--	--	1	3,0	
Sentimento que a mãe desperta	Positivo	--	--	1	5,3	1	8,5	2	5,0	--	--	1	3,0
Comportamento da mãe	Positivo	2	14,3	1	5,3	--	--	4	11,0	1	9,0	2	6,0
	Outro	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	3,0
TOTAL		14	100	19	100	12	100	37	100	11	100	33	100

Na Tabela 18 estão apresentados os dados referentes a questão “o que é uma má mãe”, nas três gerações de participantes.

Tabela 18 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma má mãe”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)				
		f	%	f	%	f	%			
Identifica um membro		--	--	2	3,9	1	2,3			
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva	5	16,7	56,7	3	5,9	72,5	3	7,0	81,4
	Provedora	3	10,0		--	--		2	4,7	
	Socializadora	3	10,0		7	13,7		11	25,5	
	Cuidadora	3	10,0		15	29,4		13	30,2	
	Aglutinadora	--	--		--	--		--	--	
	Não estar presente	3	10,0		12	23,5		6	14,0	
Sentimento que a mãe desperta	Negativo	--	--	--	--	1	2,3			
Comportamento do filho	Negativo	1	3,3	--	--	--	--			
Comportamento da mãe	Negativo	11	36,7	11	21,6	4	9,3			
Outro		1	3,3	1	2,0	2	4,7			
Não sabe		--	--	--	--	--	--			
TOTAL		30	100	51	100	43	100			

Pode-se notar que todos julgam ser má mãe aquela que não cumpre suas funções. A primeira geração indicou principalmente a função afetiva (“é quando não tem amor com o filho”; “é chata”; “...e carinho pra nos”). A segunda geração, a dos genitores, teve respostas que apontaram a função cuidadora (“Mãe má é que não cuida das crianças, deixa as crianças jogadas... não liga.”; “...não cuida da família, não cuida do marido.”), seguida de não estar presente (“mãe ruim é que deixa o filho assim largado, entendeu...” ; “...que toca o filho de casa. Essa é a mãe ruim.”). A terceira geração também indicou a função cuidadora (“mãe ruim é mãe

que não liga pros filhos também...”), seguida da função socializadora (“...*não da educação, não da respeito.*”). A primeira e a segunda geração destacaram também a categoria que aponta a má mãe como aquela que tem mau comportamento (“*uma mãe ruim é que só anda nas drogas, só anda com as brigas, mais é isso.*”; “*mãe má é aquela mãe que bate nos filhos e fica bebendo na rua...*”).

A Tabela 19 traz as respostas dos participantes distribuídas em função das gerações e do sexo dos participantes. Metade das respostas dos meninos identificou a má mãe principalmente pelo mau comportamento (“*mãe má é que fuma droga, essas coisas*”; “*uma mãe má é que não tem direito a cuidar dos filhos...que maltrata.*”), enquanto que os demais participantes deste estudo destacaram a mãe má principalmente como aquela que não cumpre suas funções. As meninas afirmaram que a má mãe é aquela que não cumpre a função afetiva (“*é quando não tem amor com o filho*”), seguida de não ser provedora (“... *não dá comida...*”). Os pais e mães indicaram a má mãe a que não cumpre a função de cuidar (“*Mãe má é que não cuida das crianças, deixa as crianças jogadas... não liga*”), seguido de não estar presente (“*mãe ruim é aquela que abandona o filho. Tem filho, abandona...*”). Os avôs e avós apontaram a má mãe como a que não cumpre a função de cuidar, seguida da função socializadora (“...*não dá educação.*”).

A segunda categoria destacada pelas filhas, mães e pais foi referente ao mau comportamento da mãe (“*que bebe, que fica brigando à toa com os outros.*”; “...*Não sabe nem quem é o pai, quem não é...*”) e a segunda categoria apontada pelos filhos refere-se a má mãe como aquela que não cumpre principalmente a função de cuidar.

Tabela 19 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é uma mãe” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (crianças e adolescentes)		Filhas (crianças e adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós		
	F	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	
Identifica um membro	--	--	--	--	--	--	2	6,0	--	--	1	3,0	
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva	1	8,3	4	22,2	2	12,0	1	3,0	--	--	3	10,0
	Provedora	--	--	3	16,6	--	--	--	--	1	8,5	1	3,0
		Socializadora	1	8,3	2	11,1	2	12,0	5	14,5	4	33,0	7
	Cuidadora	2	16,8	1	5,6	5	30,0	10	29,5	4	33,0	9	29,0
		Aglutinadora	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
	Não estar presente	1	8,3	2	11,1	4	23,0	8	23,5	1	8,5	5	16,0
Sentimento que a mãe desperta	--	--	--	--	--	--	--	--	1	8,5	--	--	
Comportamento do filho	1	8,3	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
Comportamento da mãe	6	50,0	5	27,7	4	23,0	7	20,5	1	8,5	3	10,0	
Outro	--	--	1	5,5	--	--	1	3,0	--	--	2	6,5	
Não sabe	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	
TOTAL	12	100	18	100	17	100	34	100	12	100	31	100	

O que é um bom e mau filho

A seguir se apresenta as respostas dos participantes a respeito das questões “o que é um bom filho” e “o que é um mau filho”. Na Tabela 20 encontram-se as categorias de respostas das três gerações a respeito do que é um bom filho.

Tabela 20 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom filho”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)			
		f	%	f	%	f	%		
Identifica membro da família		--	--	4	10,8	4	11,8		
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva	2	7,7	100	2	5,4	81,1	3	8,9
	Acadêmica	7	26,9		4	10,8		--	--
	Colabora com a família	2	7,7		3	8,1		4	11,8
	Segue regras sociais	15	57,7		21	56,8		20	58,8
	Estar presente	--	--		--	--		1	2,9
Sentimento que a criança desperta	Positivos	--	--	2	5,4	1	2,9		
Não respondeu		--	--	1	2,7	1	2,9		
TOTAL		26	100	37	100	34	100		

Pode-se observar na Tabela 20 que em todas as gerações o bom filho foi identificado como aquele que cumpre as funções. Nas três gerações, o bom filho foi destacado principalmente por aquele que segue as regras sociais (*“respeitar, escutar, obedecer, não faltar com educação. Não judia dos pais.”*; *“...não bater, não brigar...”*; *“que respeita a mãe,...”*; *“filho educado, obediente, as coisas que a gente manda ele faz, entendeu? Não dá trabalho”*).

Na Tabela 21 estão distribuídas as respostas dos participantes em função das gerações e do sexo. Todos os participantes indicaram a subcategoria seguir regras sociais como a principal.

Os filhos, filhas e pais destacaram, em segundo lugar, a função acadêmica (*“que vai bem na escola, vai bem no projeto né...”*; *“...que vai certo na escola”*).

Tabela 21 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um bom filho” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (Crianças e Adolescentes)		Filhas (Crianças e Adolescentes)		Pais		Mães		Avós		Avós	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Identifica membro da família	--	--	--	--	1	9,0	3	11,5	--	--	4	14,5
	1	9,0	1	6,6	1	9,0	1	4,0	--	--	3	11,0
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	3	27,3	4	26,6	2	18,5	2	7,5	--	--	--	--
	--	--	2	13,3	--	--	3	11,5	1	14,0	3	11,0
	7	63,7	8	53,5	6	54,5	15	57,5	6	86,0	14	51,5
	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	4,0
Sentimento que a criança desperta	--	--	--	--	1	9,0	1	4,0	--	--	1	4,0
Não respondeu	--	--	--	--	--	--	1	4,0	--	--	1	4,0
TOTAL	11	100	15	100	11	100	26	100	7	100	27	100

Na Tabela 22 encontram-se as respostas dos participantes de três gerações sobre o que eles consideram ser um mau filho. Todos os participantes indicaram o mau filho como aquele que não cumpre suas funções. Dentre elas, a principal refere-se a não seguir regras sociais (*“Filho ruim também é assim, ele bate na mãe, bate no pai, bate nos fios. Isso é um fio ruim.”*; *“filho mau é aquele que não ouve os conselhos dos pais”*; *“filho ruim é aquele que desrespeita, não escuta a mãe, grita com a mãe.”*).

Tabela 22 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau filho”

Categorias	Subcategorias	1ª Geração (filhos e filhas)		2ª Geração (pais e mães)		3ª Geração (avôs e avós)	
		f	%	f	%	f	%
Identifica membro da família		--	--	1	3,5	2	7,0
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva	3	12	--	--	2	7,0
	Acadêmica	3	12	1	3,5	1	3,5
	Colabora com a família	--	--	--	--	1	3,5
	Não Segue regras sociais	18	72	25	86,0	19	65,2
	Estar presente	--	--	2	7,0	1	3,5
Não respondeu		1	4	--	--	3	10,3
TOTAL		25	100	29	100	29	100

Na Tabela 23 é possível notar que há poucas diferenças em relação ao gênero, uma vez que todos enfatizaram o mau filho como aquele que principalmente não cumpre as regras sociais.

Tabela 23 - Frequência e porcentagem de categorias de respostas de três gerações a respeito de “O que é um mau filho” em função do sexo dos participantes

Categorias	Filhos (Crianças e adolescentes)		Filhas (Crianças e adolescentes)		Pais		Mães		Avós			
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%		
Identifica membro da família	--	--	--	--	--	--	1	5,0	--	--	2	8,5
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	1	10,0	2	13,3	--	--	--	--	--	--	2	8,5
	1	10,0	2	13,3	1	11,0	--	--	--	--	1	4,5
	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	1	4,5
	8	80,0	10	66,8	7	78,0	18	90,0	6	100	13	56,5
Estar presente	--	--	--	--	1	11,0	1	5,0	--	--	1	4,5
Não respondeu	--	--	1	6,6	--	--	--	--	--	--	3	13,0
TOTAL	10	100	15	100	9	100	20	100	6	100	23	100

Satisfação com as famílias

Em relação à satisfação com a família todos os avôs, avós, pais e filhos afirmaram estar satisfeitos com suas famílias. Entre as mães, 85% afirmou estar satisfeita com as famílias enquanto 15% não se julga totalmente satisfeita (*“mais ou menos, estaria mais se ela não estivesse me dando trabalho na escola...”*). A maioria das filhas (82%) afirmou estar satisfeita com a família que tem, 9% não está completamente satisfeita (*“ah mais ou menos.”*) e 9% não está satisfeita (*“não, porque queria que meu pai morasse comigo”*).

Estudo de caso: Família do João

Para a realização do estudo de caso separou-se as famílias compostas por pai e mãe biológicos e avô ou avó. Dentre elas foi escolhida aleatoriamente a família 17, chamada aqui de “família do João”.

João é um menino de 13 anos, faz parte de uma família bastante numerosa. Ele é o mais velho de cinco filhos, seguido de mais dois meninos de nove e sete anos e duas meninas de seis e quatro anos. Todos os filhos, exceto a caçula, participam das atividades do Centro de Formação. A família do João é harmoniosa, seus pais estão casados há 14 anos, quando fugiram ainda adolescentes. Moravam em um sítio e fugir era um costume entre os jovens que queriam casar, mas não tinham como arcar com as despesas legais. A mãe, que chamaremos de Maria, tinha apenas 12 anos quando se casou e teve seu primeiro filho com 13 anos. O pai tinha 20 anos quando fugiram. Maria era órfã de pai e mãe e foi criada por tios, como empregada da casa e viu no casamento a possibilidade de ter uma vida diferente.

A avó de João foi muito importante para o jovem casal, assim como para os netos, pois foi ela que os ajudava financeira e emocionalmente. O avô abandonou a mulher e os filhos quando ainda eram crianças e por isso a avó assumiu todas as responsabilidades da casa. Há dois anos a avó ganhou uma casa do programa do governo e desde então deixou de morar com o filho.

Em relação à escolaridade, o avô era analfabeto, assim como a avó, o pai estudou até a terceira série e a mãe até a sexta série. Eles reconhecem a importância do estudo e por isso incentivam e acompanham a vida escolar dos filhos.

Maria trabalha como empregada doméstica três vezes por semana e o marido como servente de pedreiro de segunda a sábado e a família recebe a Bolsa Família, juntos eles recebem 1330,00 reais por mês (dois salários mínimos), com renda per capita de 0,48 salário mínimo. A casa onde moram é cedida e eles a consideram precária, tem um quarto onde dorme o casal e a sala onde estão as beliches dos filhos, tem uma cozinha e um banheiro. No quintal existem mais três ou quatro casas e em uma delas mora uma cunhada de Maria com suas filhas. Elas se revezam para cuidar dos filhos enquanto a outra trabalha.

A família frequenta a igreja, são evangélicos e apesar da religião não aceitar, José bebe diariamente. O lazer do grupo são os passeios na casa da avó aos finais de semana. O pai enfatiza que gosta da família reunida, por isso para qualquer passeio que façam todos os filhos, esposa e mãe devem estar juntas. O casal divide as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos é realizado por todos da família.

Descrição das respostas dos familiares

No quadro 2 encontram-se as respostas dos integrantes da família do João dadas ao Roteiro de Entrevista. É possível analisar linearmente as semelhanças ou diferenças nas respostas das diferentes gerações.

Quadro 2 – Respostas dos integrantes da Família do João ao Roteiro de Entrevista

	Filho	Pai	Mãe	Avó Paterna
O que é família?	-Exerce função socializadora	-Composição por laços biológicos; -Exerce a função cuidadora; -Desperta sentimento positivo	-Composição por laços biológicos	-Composição por laços biológicos; -Desperta sentimento positivo
Quem é sua família?	-Identificou por adjetivos	- Família nuclear	-Família extensiva	-Família extensiva
O que é uma boa família?	-Exerce a função socializadora; -Comportamento positivo dos genitores	-Exerce a função socializadora; -Comportamento positivo dos genitores	-Exerce função aglutinadora	-Exerce função afetiva e aglutinadora
O que é uma má família?	-Comportamento negativo dos genitores	-Não exerce a função cuidadora	-Não exerce a função aglutinadora; -Comportamento negativo dos genitores	-Não respondeu (“na minha família é tudo bom”)
O que é um bom pai?	-Exerce as funções de cuidar e socializar	-Exerce a função afetiva, cuidadora e socializadora; -Identifica um membro da família	-Exerce a função de estar presente	-Não respondeu (“se eu tivesse meu pai era a melhor alegria que eu tinha, mas eu não tenho né, não tenho pai.”)
O que é um mau pai?	-Não exerce a função afetiva; -Tem mau comportamento.	-Não exerce a função de cuidar e não está presente	-Tem mau comportamento.	-Não exerce a função socializadora
O que é uma boa mãe?	-Tem bom comportamento	-Exerce a função afetiva, cuidadora, socializadora e estar presente.	-Exerce a função cuidadora	-Desperta sentimento positivo na família
O que é uma má mãe?	-Não exerce a função de estar presente; -Tem mau comportamento.	-Não exerce a função de estar presente e cuidar; -Tem mau comportamento.	-Não exerce a função de estar presente;	-Não exerce a função socializadora
O que é um bom filho?	-Segue regras sociais	-Segue regras sociais	-Segue regras sociais; - Colabora com a família	-Desperta sentimento positivo na família
O que é um mau filho?	-Não segue regras sociais; -Não cumpre função acadêmica	-Não segue regras sociais	-Não segue regras sociais	-Não segue regras sociais
Você está satisfeito com sua família?	-Sim	-Sim	-Sim	-Sim

É possível observar que há semelhanças e diferenças nas respostas entre as diferentes gerações. Em relação ao que é família a segunda e terceira geração a caracterizam principalmente pelos laços biológicos. O pai e avó paterna incluíram também o sentimento positivo que a família desperta no grupo. O filho definiu a família como aquela que exerce a função socializadora, diferente das respostas dos demais.

Sobre a questão quem é sua família, as mulheres a identificaram como a extensiva, enquanto que o pai indicou a nuclear e o filho utilizou adjetivos positivos como honesta e gente boa. Novamente as mulheres tiveram respostas semelhantes quando a questão foi o que é uma boa família, mãe e avó a identificaram pela função aglutinadora, enquanto os homens, pai e filho, destacaram a boa família como aquela que cumpre a função socializadora e que tem bom comportamento. Em relação a má família, mãe e filho tiveram respostas parcialmente parecidas, ambos a identificaram como aquela em que há comportamento negativo dos genitores.

Quando a questão foi em relação ao bom pai, novamente pai e filho tiveram respostas semelhantes, apesar do pai ter incluído mais categorias em sua resposta, ambos concordam que o bom pai para eles é aquele que cumpre as funções de socializar e educar. Em relação ao mau pai, apesar de cada integrante da família ter indicado uma categoria diferente, como não estar presente, não ser afetivo, não ser socializador, em uma categoria mãe e filho concordaram, identificaram o mau pai como aquele que tem comportamento negativo.

Para a questão o que é uma boa mãe, as respostas foram divergentes. Os familiares identificaram a boa mãe como àquela que exerce as funções de cuidar, socializar, estar presente e ser afetiva, além de ter bom comportamento e despertar sentimento positivo na família. Em apenas um ponto pai e mãe tiveram resposta semelhante, boa mãe foi identificada como aquela que exerce a função de cuidar. Diferente das respostas sobre a má mãe, quando

pai, mãe e filho a destacaram como aquela que não cumpre a função de estar presente. Pai e filho definiram a má mãe também como aquela que tem mau comportamento e a avó como aquela que não exerce a função socializadora.

Sobre o que os integrantes dessa família consideraram ser um bom filho, as respostas foram parecidas. Pai, mãe e filho consideraram bom filho aquele que segue as regras sociais. A mãe destacou também o filho que colabora com a família. A avó definiu bom filho como aquele que desperta sentimentos positivos, divergindo dos demais. Sobre o mau filho, todos o destacaram aquele que não segue as regras sociais. Apenas o filho destacou também não cumprir a função acadêmica. Todos os integrantes dessa família afirmaram estar satisfeitos com sua família.

Olhando para o Quadro 2 também é possível verificar que as respostas do filho e pai são semelhantes em 50% das vezes, e as do filho e mãe em 40%. Uma hipótese possível de se levantar é a de que pode haver maior concordância entre as respostas pai-filho e mãe-filha. No entanto, como foi apresentado só um estudo de caso, e nessa pesquisa as meninas moram com o padrasto, essa hipótese não pode ser comprovada nesse estudo. Outros estudos poderiam avaliar se essa hipótese tem fundamento.

DISCUSSÃO

Com o apoio da literatura e seguindo a ordem de apresentação dos resultados, na primeira seção deste capítulo trata do conceito geral de família, quem é considerado integrante do grupo, seguido das definições de boa e má família. Na segunda seção é abordada a opinião dos participantes sobre os papéis de pais, mães e filhos. Para finalizar, apresenta-se uma análise sobre o grau de satisfação de cada integrante com o grupo familiar.

Similaridades e diferenças nas concepções de três gerações sobre o conceito geral de família, componentes e concepção de boa e má família

Nesta seção discutem-se os dados referentes ao conceito geral de família, ou seja, quem faz parte do grupo e a concepção de boa e má família.

Os participantes deste estudo, da segunda e terceira geração, consideram família o grupo de pessoas que permanecem unidas, que estão sempre juntos, cumprem a função aglutinadora e despertam sentimentos positivos. Os filhos e filhas identificaram família pela função afetiva e socializadora que o grupo exerce, o que também foi observado no estudo de caso. Nessa questão observam-se diferenças entre as concepções de família. As crianças e adolescentes valorizaram mais a afetividade e socialização, funções que eles recebem dos adultos, enquanto que estes enfatizaram a união, provavelmente devido às vivências. Não houve diferenças em relação ao sexo.

Outros grupos concordam com a opinião dos filhos e filhas deste estudo. Os adolescentes de zona rural e urbana, pesquisados por Faco (2007) identificaram família como grupo que dá suporte emocional e afetivo. Já as crianças que viviam em situação de

vulnerabilidade social, pesquisados por Santoro (2009) concordam com a segunda e terceira geração deste estudo, quando denominaram família pela função que ela exerce, sendo a mais citada a aglutinadora, seguida de cuidadora. Os adultos que foram criados em Aldeias SOS, pesquisados por Cruz (2008), identificam família como o grupo que exerce a função de cuidar e afirmam que quem cuida cria pessoas que também irão cuidar. De maneira geral, os filhos desta amostra valorizam mais o carinho, atenção, momentos de lazer e brincadeiras, diferente da maioria dos estudos citados, onde os participantes indicam a família como aquela que tem a função principal de cuidar.

As crianças e adolescentes em situação de rua pesquisadas por Paludo e Koler (2008) afirmaram que vão para a rua em busca desse sentimento de pertencimento a um grupo e do sentimento positivo que a família desperta, assim como a segunda e terceira geração deste estudo.

Em relação à composição familiar, as três gerações participantes consideraram família a extensiva, assim como as mulheres da família de João, do estudo de caso. As crianças em situação de vulnerabilidade social do estudo de Santoro (2009), as crianças baianas de Moreira (2009), as crianças pré-escolares (DESSEN; RAMOS, 2010) e os adolescentes que moram na zona urbana (FACO, 2007) também consideraram família a extensiva. Esses dados indicam que a visão de família realmente está se modificando, deixando de ser vista como a tradicional família nuclear e incorporando, nesse núcleo, pessoas significativas, com ou sem vínculo sanguíneo (PETZOLD, 1996). Refinando os dados do presente estudo é possível observar que as mães e filhas incluíram as madrastas e padrastos como parte da família. Esse dado precisa ser mais bem investigado, mas parece indicar que as mulheres, independentemente da idade, parecem aceitar com mais facilidade a convivência com membros que eram externos à família. Os avôs e pais apresentaram respostas variadas,

divididos entre família extensiva e nuclear, assim como os adolescentes da zona rural do estudo de Faco (2007) e as crianças moradoras de um abrigo que participaram do estudo de Martins e Szymanski (2004), indicando uma visão mais tradicional.

Em relação ao que os participantes desta pesquisa consideraram ser uma boa família é possível observar concordância entre a segunda e terceira geração. Boa família é aquela que exerce a função aglutinadora e socializadora, assim como as crianças pré-escolares (RAMOS, 2008). primeira geração, consideram boa família a que cumpre a função afetiva, socializadora e cuidadora. Os filhos, primeira geração, consideram boa família a que cumpre a função afetiva, socializadora e cuidadora. Há uma pequena diferença entre filhos e filhas, eles enfatizaram mais as funções afetiva e socializadora enquanto elas acrescentaram a estas a função aglutinadora. Uma função crucial para essa população é a função aglutinadora, destacada em todas as gerações: a boa família é a que permanece unida, que ficam juntos. Esse destaque é de extrema relevância em função de que mais da metade das crianças/adolescentes participantes não conheceram seus pais biológicos, e seus genitores também passaram por essa dificuldade.

A primeira geração deste estudo, os adolescentes de zona rural e urbana (FACO, 2007), as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social (SANTORO, 2009) e as crianças de maior poder aquisitivo do estudo de Rabinovich e Moreira (2008) citaram a afetividade como função importante da família boa. É interessante observar que os adultos não citaram ou citaram com baixa frequência a função afetiva, como se fosse mais importante à família exercer as funções que aparecem na sociedade, como ensinar os filhos a educar, respeitar, levar para passear, entre outros exemplos da função socializadora e estar junto, sem se darem conta da importância do carinho, afago, atenção, destacados pelas crianças/adolescentes. As crianças de menor poder aquisitivo do estudo de Rabinovich e

Moreira (2008) identificaram a boa família como aquela que não maltrata, não pune e que é provedora, respostas pouco citadas neste trabalho.

A má família foi identificada pelas três gerações como aquela que não exerce a função socializadora e tem mau comportamento (família onde tem brigas, usam drogas, falam palavrões). As crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social (SANTORO, 2009) e as crianças em idade pré-escolar (RAMOS, 2008), apesar da dificuldade em pensar o conceito abstrato, também identificaram família má como a que não cumpre a função socializadora e tem mau comportamento.

Os integrantes da família do João (estudo de caso) também concordaram com a definição da má família como aquela que tem mau comportamento. Refinando os dados pode-se ver que apenas os filhos julgaram a má família principalmente como aquela que tem mau comportamento e os pais também citaram essa categoria com alta frequência. É interessante observar que os homens deste estudo foram os que mais valorizaram o comportamento no grupo familiar.

Similaridades e diferenças nas concepções de três gerações sobre pai, mãe e filho

Pai

Os participantes deste estudo divergiram um pouco quanto à identificação do bom pai. A terceira geração enfatizou as funções socializadora e cuidadora, a segunda destacou a socializadora e estar presente, resposta parecida com as dos homens da família do João que identificaram o bom pai como aquele que principalmente cumpre a função socializadora.

Esses dados se aproximam aos encontrados por Moreira, Rabinovich e Silva (2009), no qual as crianças baianas identificaram o bom pai como aquele que cuida, educa e brinca.

Esse dado vem de encontro de mudanças que a família contemporânea vem sofrendo, com os pais se tornando mais afetivos e participativos, embora a responsabilidade maior ainda é da mãe (DESSEN; RAMOS, 2010; WAGNER; PREDEBOM; MOSMNN; VERZA, 2005). Os filhos e filhas deste estudo destacaram a afetividade e o ato de cuidar, assim como as crianças que participaram do estudo de Santoro (2009). Examinando os dados observamos que apenas os filhos e avôs destacaram a função provedora, o que também foi apontado por crianças de ambas as classes sociais do estudo de Rabinovich e Moreira (2008), que identificaram o bom pai como aquele que é provedor, socializador e afetivo. Chama a atenção que as mães e avós não citaram a função provedora para identificar o bom pai, vale destacar que a maioria das mães dessa amostra são responsáveis ou ajudam no sustento da família e, quando não o fazem, muitas recebem os benefícios dos Programas de Transferência de Renda do governo e, portanto, geralmente tem algum dinheiro mensal para gerir.

Para identificar o mau pai as três gerações deste estudo concordaram que é aquele que não cumpre principalmente a função socializadora e que tem mau comportamento (pai que bebe, xinga, maltrata, tem inveja), assim como as crianças em idade pré-escolar (DESSEN; RAMOS, 2010) e as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social, de oito a 10 anos (SANTORO, 2009). A segunda função mais destacada pela terceira geração foi a cuidadora, enquanto que os genitores apontaram as funções de cuidar e estar presente e a primeira geração, a afetiva. Nessa questão as respostas do grupo se assemelham às respostas da família do João.

Refinando os dados observa-se que os pais deste estudo identificaram o mau pai como àquele que não é socializador e não está presente e falaram sobre o abandono que sofreram por seus pais biológicos, história que se repete com as crianças deste estudo, pois 60% delas não conhecem ou não tem contato com o pai biológico.

Mãe

Sobre o que os participantes desta amostra consideraram ser uma boa mãe, novamente a segunda e terceira geração apresentaram respostas semelhantes, boa mãe é aquela que exerce as funções de cuidar e socializar, assim como a segunda geração da família do João. Os filhos e filhas destacaram as funções de cuidar, socializar e a afetiva. Respostas semelhantes foram encontradas por Rabinovich e Moreira (2008).

As crianças em idade pré-escolar (RAMOS, 2008) e as crianças de oito a 10 anos estudadas por Santoro (2009), além das funções cuidadora, socializadora e afetiva, destacaram também a boa mãe como aquela que cumpre a função provedora. Esta função quase não foi citada pelos participantes deste estudo, apesar de metade das mães trabalharem e contribuírem com o sustento da família.

Em relação à má mãe os participantes deste estudo apresentaram respostas diferentes. A terceira geração destacou a má mãe como aquela que não cumpre as funções de cuidar e socializar. A segunda geração enfocou não cuidar, não estar presente e ter mau comportamento, assim como a primeira e segunda geração da família do João. A primeira geração identificou a má mãe como àquela que não é afetiva e tem mau comportamento (mãe que bate, xinga, maltrata e que perde o direito de cuidar dos filhos). As crianças em situação de vulnerabilidade social (SANTORO, 2009) e as crianças paulistas de diferentes classes socioeconômicas (RABINOVICH; MOREIRA, 2008) apresentaram respostas semelhantes às da terceira geração deste estudo, identificaram a má mãe como aquela que não cuida e não socializa.

Refinando os dados foi possível observar que os filhos destacaram a má mãe principalmente por mau comportamento, seguido de não cuidar, respostas semelhantes às encontradas por Dessen e Ramos (2010), quando pesquisaram a opinião de crianças em idade

pré-escolar. Segundo as autoras essas crianças não entendem os conceitos abstratos por isso focaram suas respostas em ações concretas.

Filho

Os participantes deste estudo, das três gerações, identificaram o bom filho como aquele que segue as regras sociais, assim como no estudo de caso. Os filhos e filhas, primeira geração, enfatizaram também o bom desempenho acadêmico. O mau filho foi identificado como aquele que não segue essas regras, novamente semelhante ao estudo de caso. Esses dados são diferentes dos encontrados por Bandeira, Moura e Vieira (2009), que pesquisaram a expectativa de pais e mães de classe média para seus filhos e ambos responderam que esperam que seus filhos tenham autonomia e interdependência relacional. Obedecer às regras sociais foi a quarta categoria dentre cinco, destacada neste estudo.

Talvez esse público se preocupe tanto em ter crianças que se comportem de forma socialmente aceita porque é uma maneira de terem tranquilidade e de se assegurarem que os filhos não se juntarão aos inúmeros indivíduos do bairro e mesmo da família que se comportam de modo que não aprovam. Eles vivenciam frequentemente diversas situações estressantes, como a baixa renda, brigas, uso de drogas, desemprego, então quanto menos precisarem se preocupar com reclamações sobre o comportamento das crianças e adolescentes é melhor, a curto e longo prazo.

A satisfação com a família, a intergeracionalidade e a transmissão de valores

O presente estudo propôs uma pesquisa envolvendo três gerações de famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, com o objetivo de investigar as concepções de família e se há transmissão desse conceito entre as três gerações: avós, genitores e filhos. Foi possível observar que alguns momentos são notáveis a intergeracionalidade na transmissão dos valores do grupo, porém em outros, a segunda e terceira geração aparecem com concepções bastante diferentes da primeira, trazendo a ideia de que a nova geração vem sofrendo outras influências importantes para a formação de valores. Foi possível perceber que apesar de todas as dificuldades que eles descreveram, a grande maioria dos participantes está satisfeita com sua família.

Olhando para as respostas das gerações é possível observar que em mais da metade das questões referentes à concepção de família e papéis que desempenham (em seis de 10 questões²) há constância nas respostas. Em alguns momentos a ordem de destaque difere, porém as funções citadas são as mesmas. Eles concordaram sobre o conceito de família, quem faz parte dela, o que é uma má família, o que é uma boa mãe e o que é um bom e mau filho. Assim, pode-se inferir que referente a estes assuntos houve transmissão de valores entre as gerações.

Sobre o que é a boa família e o que é um bom e mau pai a segunda e a terceira geração concordaram. Todavia, sobre a referência do que é uma mãe má, as respostas se diferenciaram. Não houve semelhança de concepções em relação ao sexo. Em alguns assuntos as mães e filhas tiveram opiniões semelhantes e outros avôs e netos, mas não é possível falar em padrão de respostas, de transmissão de valores, em relação ao sexo dos participantes.

² De 12 questões, duas não se referem concepção de família e papéis que seus membros desempenham: Questão 11- Quem mora com você? e questão 12: Você está satisfeito com a sua família?

Em menos da metade das questões (quatro de 10 questões), os filhos e filhas apresentaram respostas diferentes da dos adultos. Por esse motivo é possível inferir que há outras influências importantes na formação cultural e de valores da nova geração.

Trazendo a luz a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner, dentro do constructo Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (PPCT), que embora tímida esteve presente em todo o trabalho, servindo como base para a condução desta pesquisa, é possível identificar os microssistemas, espaços onde os filhos circulam, como a escola, o centro de formação, a casa dos avós e a casa dos pais. Em todos esses microssistemas essa nova geração está exposta às opiniões, crenças e condições de vida diferentes (macrossistema) o que acarreta diferentes formas de comportamentos em cada espaço e diferentes opiniões (mesossistema). O trabalho dos pais (exossistema) não é um espaço frequentado diretamente pelos filhos, porém a carga horária elevada, o cansaço físico e mental e a distância da moradia tomam grande parte do tempo interferindo na convivência entre pais e filhos, fechando a ideia do núcleo Contexto.

No núcleo Pessoa foi investigado as crenças e valores dos participantes das três gerações, além da variável sexo. Algumas características individuais foram levantadas para caracterizar a amostra nas três gerações e as respostas obtidas indicam necessidades individuais, por exemplo, quando as crianças/adolescentes destacam o afeto ou quando as mulheres da segunda e terceira geração enfatizam que o bom pai é aquele que está presente, fato não abordado pelos participantes masculinos dessas gerações.

Outra influência importante que deve ser destacada se refere à evolução da legislação que trata da proteção da criança e adolescente. Na época em que estes pais e avós eram crianças ou adolescentes estas leis não existiam, logo os valores e a forma que foram absorvidos não podem ser replicados atualmente, fazendo com que necessitem buscar novas formas de educar esta nova geração (núcleo Tempo). Uma contribuição importante seria

investigar a percepção dos estilos e das práticas parentais das três gerações, descrevendo as mudanças ou permanências. Esse trabalho foi realizado por Ribeiro (2012) a respeito de adolescentes em liberdade assistida.

Finalmente observa-se que em relação a algumas questões há transmissão de valores, mas a interferência principalmente do Contexto e do Tempo contribuem para divergências, principalmente entre a primeira geração e as demais.

É importante salientar que mudanças fazem parte do desenvolvimento e que se espera que essas mudanças em relação às leis, valores familiares, níveis educacionais, entre outros, contribuam para que essas pessoas consigam superar a condição de vulnerabilidade social e melhorar a qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o presente trabalho, pode-se concluir que se trata de uma pesquisa que traz importantes contribuições para estudos sobre famílias, intergeracionalidade e transmissão de valores, além de possibilitar conhecer um pouco mais sobre a rotina de vida de pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social. Este trabalho contribui também para desmistificar este grupo de famílias, que muitas vezes é visto sob uma ótica preconceituosa, como sendo incompleto e desorganizado. É importante ressaltar que este trabalho contou com a participação de mães e pais, assim como avós e avôs, pois diversos trabalhos contam com a participação apenas de mulheres/mães. Como destacam Dessen e Ramos (2010), é necessário aumentar o conhecimento teórico e empírico sobre a diversidade de concepções de família na atualidade, porque essas concepções representam um papel extremamente importante no desenvolvimento humano.

Os procedimentos de coleta de dados foram adequados para alcançar os objetivos propostos, assim como o instrumento utilizado. Foi possível identificar a concepção de boa/má família, bom/mau pai/mãe/filho para cada geração, além de identificar que existem semelhanças e diferenças entre eles e que há maior concordância entre a segunda e terceira geração.

Uma questão que merece destaque, nesse trabalho, é o quanto a afetividade foi citada pelas crianças e adolescentes participantes, o que não ocorreu na segunda e terceira geração. Pode-se pressupor que há mudanças intergeracionais, mas também que deve haver demonstrações de afeto entre os familiares, o que foi inclusive observado pela pesquisadora, mas que a segunda e a terceira geração não mencionaram porque não julgaram importante ou

porque sentiram mais necessidade de enfatizar a importância do casal estar presente na família e educação dos filhos.

Outro destaque é em relação à escolaridade dos filhos maiores serem maiores que as da segunda e terceira geração. Provavelmente pode-se atribuir esta mudança ao programa Bolsa Família e ao ECA, uma vez que a maioria das famílias recebiam auxílio governamental.

Pode-se notar, no decorrer do trabalho, que as crianças/adolescentes recebem influência não só da família em relação a seus valores e formação cultural, mas também de outros agentes, possivelmente educadores, profissionais da saúde, pessoas do bairro, da mídia, entre outros, indicando a importância de todos os envolvidos direta ou indiretamente com o desenvolvimento infanto-juvenil. O fato de as crianças e adolescentes da pesquisa passarem o dia todo dentro de uma instituição, escola ou Centro de formação, desde muito cedo, também aumenta a probabilidade de receber diferentes influências, além das do núcleo familiar. O cuidado com essa população precisa ser pensado seriamente, uma vez que eles serão os responsáveis pela formação das próximas famílias.

Talvez para próximos estudos fosse interessante utilizar o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar não só com a família nuclear da criança, mas também com a família nuclear dos avós, para ter uma ideia da intergeracionalidade também nas divisões de tarefas e organização da rotina do lar. Esse instrumento também pode ser melhor explorado, o que não era objetivo desta pesquisa.

Avaliar a concepção de família e papéis que exercem com diferentes populações e diferentes gerações, pode ajudar a esclarecer sobre a diversidade de concepções de família brasileira atual e os rumos que essas alterações estão tomando, contribuindo para um panorama mais completo nessa área de pesquisa. Em função do tamanho geográfico do Brasil

e da diversidade cultural existente, estudos que focalizem essas populações em diferentes regiões do país também podem dar importantes contribuições.

O incremento de pesquisas na área de desenvolvimento familiar e a consolidação dos dados obtidos poderão também contribuir com a área clínica, uma vez que fornecem dados que permitem aumentar o conhecimento sobre família, facilitando o atendimento terapêutico. A divulgação desses dados também no âmbito escolar podem gerar uma maior compreensão e gerar uma interação mais harmônica entre família e escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F.S.; MARTINELLI, C.C.; **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Brasília: UNESCO, 2002

APONTE, H. Psychotherapy for the poor: An eco-structural approach to treatment. **Delaware Medical Journal**, v.46, p.432- 448. 1974.

ARAÚJO, M. F. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. **Revista tempo e argumento**. Florianópolis, v.3, n.1, p.180-198. 2011.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. (Trad. De Faksman, D.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BANDEIRA, T. T. A.; MOURA, M. L. S.; VIEIRA, M. L. Metas de socialização de pais e mães para seus filhos. *Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano*, v.19, n.3, p. 445-456. 2009

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição rev. e ampl. Lisboa: Edições 70, 2009.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M.. Cuidado e negligência na educação da criança na família. Em: Moreira L. V. de C.; Carvalho, A. M. A.,(Orgs.), **Família e educação: Olhares da psicologia**. São Paulo: Paulinas. p.19-32. 2008.

BONG, E.; CREPALDI, M. A.; MORÉ, C. L. O. O. Pesquisas com famílias: aspectos teóricos metodológicos. **Paideia**, v.18, n.40, p.251-266. 2008

BOWLBY, J. **Formação e Rompimento de Laços Afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1997; 1976.

BRASIL. **Sistema Único de Assistência Social (SUAS)**. Lei nº12.435 de 07 de julho de 2011 dispõe sobre o SUAS e altera dispositivos da LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social. Brasília, DF, 2011

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 5 de outubro de 1988

BRASIL. Lei nº8.069 de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Brasília, DF, 1990

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. (M. A.V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1999 (Trabalho original publicado em 1996)

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** (M.A.V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 2001 (Trabalho originalmente publicado em 1980)

CARVALHO, A. M. A.; BERALDO, K. E. A.; PEDROSA, M. I.; COELHO, M. T.. O uso de entrevistas em estudos com crianças. **Psicologia em Estudo**, v.9, p.291-300. 2004.

CARVALHO, I. M. M., ALMEIDA, P. H.. Família e proteção social. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n. 2, p. 109-122. 2003.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (cols.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, C. M. O. Pensando a família sistemicamente. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E.(Orgs.). **Visitando a família ao longo do ciclo vital.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 15-28.

COLLING, A. M. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar.** 5a ed., Rio de Janeiro: Graal, 2004.

CRUZ, H. M.. **Família é quem cuida de mim: Narrativas de identidade de jovens adultos criados em abrigo.** Rio de Janeiro: Instituto Nos, 2008.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA Jr, A. L. (orgs.). **A Ciência do Desenvolvimento Humano: Tendências atuais e perspectivas futuras.** Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 113-131.

DESSEN, M. A. Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 30, p. 202-219. 2010.

DESSEN, M. A., COSTA JUNIOR, A. L. **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras.** Porto Alegre, 2005.

DESSEN, M. A., Questionário de Caracterização do Sistema Familiar. In: WEBER, L.D.; DESSEN, M. A. (orgs.) **Pesquisando a família: Instrumentos para coleta e análise de dados.** Curitiba: Juruá, p.102-114, 2009.

DESSEN, M. A.; RAMOS, P. C.C. Crianças pré-escolares e suas concepções de família. **Paidéia**, v. 20, n. 47, p. 345-35. 2010.

DESSEN, M. A.; SILVA NETO, N. A. Editorial. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16, iii-v. 2000.

FACO, V. M. G.. Famílias de zona rural e urbana: características e concepções de adolescentes. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Aprendizagem), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

FONSECA, C. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In. ALTHOFF, R.; ELSSEN, I., NITSCHKE, R.G. (orgs). **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos**. Florianópolis: Papa-livros, 2002.

GOIS JUNIOR, E. Os higienistas e a educação física: A história de seus ideais. Dissertação (Mestrado Educação Física) Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. de S. C. Casamento e família no século XXI: Possibilidade de *Holding*? Maringá: **Psicologia em Estudo**, v.8, n. especial, p.3-9. 2003.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D.. Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 10, n. 2, p. 357-363. 2005.

GOMES, L.; **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. Brasil: Planeta, 2007

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HILLERHEIM, B.; CRUZ, L.R.da.. Risco, vulnerabilidade social e infância: algumas aproximações. **Psicologia & Sociedade**. v.20, n.2, p.192-199. 2008. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n2/a06v20n2.pdf>> Acesso em jul/2010.

HINES, P. M. O ciclo de vida familiar nas famílias negras pobre. *In*: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. (M.A.V. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 2001 (Trabalho originalmente publicado em 1980)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira 2010. Rio de Janeiro, 2010 . www.ibge.gov.br

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais, 2003 Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=468&id-pagina=1> 2003. Acesso jan/2009.

KALOUSTIAN, S. M. **Família brasileira a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOWALIC, A. Noções do direito familiar. **Panóptica: Revista Eletrônica Acadêmica de Direito**, v.9, p. 129-149. 2007

KREPPNER, K. The child and the family: Interdependence in developmental pathway. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, p.11-22. 2000

KREPPNER, K. Social relations and affective development in the first two years in family context. In: VALSINER, J.; CONNOLLY, K.J. (Orgs.). **Handbook of Developmental Psychology**. London: Sage. p.194-216. 2003.

LASH, C. **Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEONE, E. I.; MAIA, A.G.; BALTAR, P. B.. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**. Campinas, v.19, n.38, p.59-77. 2010

LIMA, I. M. S. O.; ALCÂNTARA, M. A. R.; ALMEID, K. V. D.; ALVES, V. S. Experiências de violência intrafamiliar entre adolescentes em conflito com a lei. **Rev.Bras. Crescimento Desenvolvimento Humano**. v.16, n.2, p.16-24. 2006

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social. 2012 < <http://www.mds.gov.br/>> Acesso em out/2012

MAIA, J. M. D.; WILLIAMS, L. C. de A. Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. **Temas em Psicologia**, v.13, n.2, p. 91-103. 2005

MACHADO, L. Z. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v.4, n.8, p.11-26. 2001

MARTINS, E., SZYMANSKI, H.. Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. **Estudos de Psicologia**. v.9, n.1, 177-187. 2004

MATOS, A. C. H. Aspectos sociais e jurídicos relativos à família brasileira – de 1961 a 1988. *On-line*, 2011. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/9560-9559-1-PB.pdf>

MAZETTO, M. D. C. Concepções maternas e paternas sobre desenvolvimento infantil e relações afetivas. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Aprendizagem), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009

MELCHIORI, L. E. Desenvolvimento e comportamentos de bebês (de 0 a 2 anos) na rotina diária, segundo a visão das educadoras de ambiente coletivo. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

MOREIRA, L.V.deC.; RABINOVICH, E.P., SILVA, C.N. Olhares de crianças baianas sobre família. **Cadernos de Psicologia e Educação. Paidéia**, v.19, n.42, p.77-85. 2009. Disponível: <<http://www.scielo.br>> Acesso em março/2010.

MOSER, C. **The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies**. Washington D.C: World Bank, 1998.

MOURA, S. M. S. R.de; ARAUJO, M .F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.24, n.1, p. 44-55. 2004.

MUNIZ, E. Os serviços socioassistenciais e o SUAS. **Seviço Social & Sociedade**, v. 88, p. 139-159. 2006.

NASCIMENTO, A. M. População e família brasileira: ontem e hoje. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu-MG, Brasil, 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em

http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/populacao_familia_nascimento_abep06.pdf

Acesso em mar/2011

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: Um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S.M. (Org.), **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez Editora/Brasília: UNICEF, p.26-46. 1998.

NOLASCO, S. Cultura brasileira, patriarcado e gênero. In BIASOLI-ALVES, Z.M.M.; FISCHMANN, R. (Orgs), **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura de tolerância**. São Paulo: Edusp, p.95-107. 2001.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. **Psicologia & Sociedade**. v.20, n.1, p. 42-52. 2008. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a05v20n1.pdf>> Acesso em março/2012.

PARREIRA, S. M. C. P.; JUSTO, J. S. A criança abrigada: considerações acerca do sentido da filiação. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a03.pdf>> Acesso em março/2012.

PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W.; GABRIEL, M. R. Concepções de Família na escola. *Psicopedagogia On Line: Portal da Educação e Saúde*, p.1-10. 2012. Disponível em: www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1390 Acesso em nov/2012

PEIXOTO, C. E.; CICCHELLI, V. Sociologia e antropologia da vida privada na Europa e no Brasil: os paradoxos da mudança. In: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F.; CICCHELLI, V. (Orgs.), **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, p.7-11, 2000

PENAGOS, A.; RODRÍGUEZ, M.; CARRILO, S.; CASTRO, J. Apego, relaciones románticas y autoconcepto en adolescentes bogotanos. *Univ. Psychol. Bogotá (Colombia)*, v.5, n.1, p.21-36. enero-abril, 2006.

PEREIRA, E. C.; SOUZA, M.R. Interface entre risco e população. Em: Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Ed). **Textos completos de comunicações científicas**, XV Encontro de Estudos Populacionais. Caxambu. MG:ABEP, 2006. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_592.pdf> Acesso em mar/2011

PETZOLD, M. The psychological definition of the family . In: M. Cusinato (Org.) **Research on family: Resources and needs across the world**. Milão: LED-Edizioni Universitarie, p. 25-44. 1996

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**. [online]. 2007, v.12, n.2, p. 247-256. 2007

RABINOVICH, E. P., MOREIRA, L. V. de C. Significados de família para crianças paulistas. **Psicologia em Estudo**, v.13, n.3, p.447-455. 2008.

RAMOS, P. C. C. Pai, mãe e família: concepções de crianças pré-escolares. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

RAVER, C. C. Relations between social contingency in mother – child interaction and 2-year olds' social competence. **Developmental Psychology**, n.32, p.850 – 859. 1996

RIBEIRO, V. T., O adolescente em liberdade assistida, genitores e avós: vinculação e práticas parentais. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Aprendizagem), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012

ROE, A., BRIDGES, L., DUNN, J., O'CONNOR, T. G.. Yong children's representations of their families: a longitudinal follow-up study of family drawings by children living in different family settings. **The international Journal of Behavioral Development**, v.30, n.6, p.529-536. 2006

ROUSSEL, L. Família, justificação ou fato? Que futuro para o bebê XXI? In: GOMES-PEDRO, J. (org.), **Bebé XXI: Criança e família na viragem do século**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.81-98. 1995

SAMARA, E. de M. O que mudou na família brasileira? (da colônia à atualidade), **Psicol. USP [online]**. v.13, n.2, p. 27-48. 2002 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642002000200004>.

SANTORO, D.; Crianças em situação de vulnerabilidade social: concepções de família. Trabalho conclusão de curso (Especialização Psicologia da Saúde), Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2009.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: comunicação, saúde, educação**. v.5, n.8, p.47-60. 2001

SCOTT, A. S. V. Aproximando a Metrópole da Colônia: família, concubinato e ilegitimidade no Noroeste Português (século XVIII e XIX). Em XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto-MG, Brasil, 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_His_ST4_Scott_texto.pdf> Acesso em mar/2011

SCOTT, P. A família brasileira diante das transformações no cenário histórico global. **Revista Antropológicas**, ano 9, v.16, n.1, p.217-242. 2005

SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: PEIXOTO, C.E.; SINGLY, F.; CICHELLI, V. (orgs.), **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, p.13-19. 2000

STRATTON, P. Contemporary families as contexts for development. In: VALSINER, J.; CONNOLLY, K. (orgs.), **Handbook of developmental psychology**. Londres: Sage, p.333-357. 2003

TENO, B. D. C. N.; SALLES, M. R. R.. Casamento e família no Brasil: breve panorama. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**. febrero/2011. Disponível em www.eumed.net/rev/cccss/11/ acesso em 29/05/2012

TURNER, H. L.; WEST, R. (orgs.) **Perspectives on family communication**. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company, 1998.

UNICEF - Fundo Das Nações Unidas Para A Infância (Org.). O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Situação da Adolescência Brasileira 2011. Fundo das Nações Unidas para a Infância. – Brasília, DF: UNICEF, 2011.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

WAGNER, A.; PREDEBOM, J.; MOSMNN, C.; VERZA, F. Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.21, p.181-186. 2005

ANEXOS

ANEXO A

PARECER COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru



O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 50ª Reunião Ordinária realizada no dia 02 de julho de 2009, no Prédio do STI da Faculdade de Ciências da UNESP, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto “**Crianças em situação de vulnerabilidade social: Concepções de família**”, Processo nº 715/46/01/09, sob responsabilidade da Professora Doutora Ligia Ebner Melchiori.

Bauru (SP), 02 de julho de 2009

PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP: 17.033-360
Fone: (14) 3103-6187 - email: celiaarf@fc.unesp.br

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome da pesquisa: ESTUDO INTERGERACIONAL COM INDIVÍDUOS EM CONDIÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA.

Pesquisadora responsável: Daniele Santoro CRP: 06/90717

Estamos realizando uma pesquisa com o objetivo de investigar a concepção de família em três gerações – avós, genitores e filhos. Os participantes responderão a um questionário, de forma a abordar questões sobre caracterização familiar e concepções de família. Os instrumentos serão aplicados de forma individual em horário a ser combinado. Os participantes têm liberdade de se recusar a participar, de não responder a alguma pergunta e de retirar seu consentimento, a qualquer momento, caso alguma coisa lhes desagrade. Eu, enquanto pesquisadora responsável pelo projeto, estou compromissada com o Código de Ética Profissional do Psicólogo, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa.

1-Eu _____, RG _____, estou ciente de que faço parte de uma amostra de pesquisa sobre concepções de família. Contribuirei através das respostas ao questionário, e declaro estar ciente do objetivo do projeto; da segurança de que não serei identificado individualmente e de que será mantido caráter confidencial das informações e de ter a liberdade de recusar a participar da pesquisa.

2-Eu _____, RG _____, estou ciente de que faço parte de uma amostra de pesquisa sobre concepções de família. Contribuirei com dados através das respostas ao questionário, e declaro estar ciente do objetivo do projeto; da segurança de que não serei identificado individualmente e de que será mantido caráter confidencial das informações e de ter a liberdade de recusar a participar da pesquisa.

Autorizo meu filho/neto _____, _____ anos, RG _____, a participar da mesma pesquisa sobre concepções de família.

Barra Bonita, _____ de _____ de 2011

Assinatura do participante 1

Assinatura do participante 2

Pesquisadora: Daniele Santoro

End: Rua Ernesto Bérnago, 350 – Jardim Nova Estância, Barra Bonita/SP

Fone: (14) 3642 1922 e-mail: danisantoro13@yahoo.com.br

Orientadora: Profª Drª. Lígia Ebner Melchiori

End: Departamento de Psicologia, Unesp, Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube 14-01, Vargem Limpa, Bauru-SP

Fone: (14) 3103-6087 e-mail: lmelch@fc.unesp.br

ANEXO C

Questionário de caracterização do sistema familiar versão – pais ou responsável Dessen (2009) - Adaptado

I IDENTIFICAÇÃO

1. Criança: _____ Família: nº _____
2. Data de nascimento: ___/___/___
3. Residência: Área urbana Área rural _____
 centro _____ (especificar) periferia _____ (especificar)
Há quanto tempo reside nesta localidade? _____
4. Questionário respondido por: mãe pai responsável
5. Aplicador: _____ Data: ___/___/___
Início: ___h ___min. Término: ___h ___min

II DADOS DEMOGRÁFICOS

6. Nome da mãe/madrasta: _____ Pai/padrasto: _____
Responsável: _____ Avô: _____ Avó: _____
7. Estado civil atual:
 - a) casados vivem juntos separado/divorciado viúvo
 - b) 1º companheiro 2º companheiro 3º companheiro 4º companheiro ou +
 - c) Há quanto tempo você vive com o seu marido/companheiro atual? (anos)

 - d) Há quanto tempo você se separou do pai biológico da criança? (anos)

 - e) Quantos filhos teve com cada companheiro?
1º _____ 2º _____ 3º _____ 4º companheiro ou + _____
8. Idade (anos, meses):
Mãe biológica: _____ Madrasta: _____ Responsável (quem?): _____
Pai biológico: _____ Padrasto: _____
Avô: _____ Avã: _____
9. Escolaridade:
 - a) Mãe ou madrasta:
Completo: Fundamental Médio Superior
Incompleto: Fundamental Médio Superior
 Outros _____
 - b) Pai ou padrasto:
Completo: Fundamental Médio Superior
Incompleto: Fundamental Médio Superior
 Outros _____
 - c) Responsável pela criança (identificar grau de parentesco ou o tipo de relação mantida com a criança):
Completo: Fundamental Médio Superior
Incompleto: Fundamental Médio Superior
 Outros _____
 - d) Avô:
Completo: Fundamental Médio Superior
Incompleto: Fundamental Médio Superior
 Outros _____

- e) Avó:
Completo: Fundamental Médio Superior
Incompleto: Fundamental Médio Superior
 Outros _____

10. Religião

- a) Qual a religião predominante em sua família?
 Católica Evangélica Espírita Outras
- b) Quem frequenta?
 Casal e filhos somente o casal somente os filhos Outras _____
Observações: _____
- c) Frequência a cultos:
 semanalmente quinzenalmente mensalmente
 esporadicamente (pelo menos uma vez por ano) não frequentam

11. Ocupação atual:

- Mãe/Madrasta: _____
Pai/Padrasto: _____
Avô: _____
Avó: _____
Responsável: _____
- a) Mãe ou madrasta:
Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
Quantos dias na semana:
 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala
- b) Pai ou padrasto:
Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
Quantos dias na semana:
 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala
- c) Responsável:
Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
Quantos dias na semana:
 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala
- d) Avó:
Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
Quantos dias na semana:
 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala
- e) Avô:
Há quanto tempo trabalha neste emprego? _____ Horas de trabalho por dia: _____
Quantos dias na semana:
 2ª à 6ª 2ª a sábado 2ª a domingo trabalho por escala

12. Renda Familiar ATUAL (por mês):

- a) Mãe ou madrasta = R\$ _____
b) pai ou padrasto = R\$ _____
c) Responsável = R\$ _____
d) Avó: = R\$ _____
e) Avô: = R\$ _____
f) Outros (que contribuem): Quem? _____ Valor = R\$ _____
g) TOTAL= R\$ _____ Em salários mínimos: _____
Obs.: Valor do salário mínimo vigente na ocasião da coleta de dados = R\$ _____

13. Moradia:

13.1. Tipo de moradia: Casa Apartamento Barraco Sem teto

13.2. Situação da moradia: Própria Alugada Invasão Cedida Outros

13.3. Condições de moradia:

a) Móveis (listar os móveis disponíveis):

a.1. Cozinha: armário mesa cadeiras

bancos outros: especificar no verso

a.2. Sala: sofá mesa estante outros: especificar no verso

a.3. Quarto(s): cama guarda-roupa outros: especificar no verso

b) Aparelhos Domésticos/Eletrônicos:

geladeira fogão TV som vídeo

computador outros: _____

c) Infra-estrutura básica do local

(apenas no caso de projetos com coleta de dados em periferia)

c.1. Água: encanada cisterna

c.2. Esgoto: sim não

c.3. Banheiro: casinha fora de casa vaso sanitário

c.4. Observações: _____

d) Avaliação qualitativa da condição de moradia (se necessário)

excelente muito boa boa razoável precária

Obs.: este item pode ser preenchido tanto pelo aplicador quanto pelo respondente.

e) Quem mora na casa? Há quanto tempo (anos; meses)?

Parentes por parte de pai	Parentes por parte da mãe	Não familiares
<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> avô _____	<input type="checkbox"/> Babá _____
<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> avó _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> tio _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> tia _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> outros _____	<input type="checkbox"/> outros _____	<input type="checkbox"/> _____

14. Constelação familiar:

14.1. Número de pessoas na família: _____

14.2. Crianças residentes: _____

14.3. Atualmente onde os filhos estudam, em que período e desde que idade?

Filhos	Tipo de Escola (1) Creche (2) Pré-escola (3) Escola Formal	Instituição (1) Pública (2) Privada	Período (1) Integral (2) Parcial	Idade	Sexo (F) (M)
Primogênito					
Segundo					
Terceiro					
Quarto					
Outros					

d) Há, na família, alguma criança que não ~~está~~ esteja frequentando creche ou instituição escolar? (especificar motivo) _____

e) Há alguma criança morando com parentes ou amigos? (especificar motivo)

III CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

15. Quanto às atividades de lazer da família:

15.1 Local?

LOCAL	ATIVIDADES
Dentro de casa	
Na vizinhança	
Residência de parentes/amigos	
Locais Públicos	

15.2. Tipo de atividades?

ATIVIDADES SOCIAIS	FREQUÊNCIA				
	Nunca	Menos que uma vez por mês	1 a 3 vezes ao mês	1 vez por semana	Diariamente
Religiosas					
Grupos de estudo / assistência à comunidade					
Missas / cultos em geral					
Eventos sociais / festas					
Encontros sociais com familiares / amigos					
Visitas					
Comemorações em geral					
Encontros em locais públicos / alimentação					
Culturais					
Festas típicas					
Cinema, teatro					
Visitas a centros culturais					
Não participa de atividades de lazer					

15.3. Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

- Todos os membros da família
 Toda família com avós (que residem no mesmo local)
 Apenas mãe e filhos Toda família com parentes em geral
 Apenas pai e filhos Toda família com amigos

15.4. Quando as atividades de lazer são realizadas?

- Durante os Finais de Semana Durante a Semana

15.5. Qual a importância das atividades de lazer para a sua família? _____

16.2.2. Tipo de atendimento às famílias:

TIPOS DE ATENDIMENTO	Avô/Avó	Mãe	Pai	Filhos(as)	Tios/tias Sobrinhos(as)	Padrasto	Madrasta	Outros (especificar)
Médico								
Psicológico / Psiquiátrico								
Outros _____								

16.2.3. Uso de substâncias na família:

TIPO DE SUBSTÂNCIA	Avô/Avó	Mãe	Pai	Filhos(as)	Tios/tias Sobrinhos(as)	Padrasto	Madrasta	Outros (especificar)
Cigarro								
Álcool								
Drogas _____								
Outros _____								

16.3. Sobre os principais eventos ocorridos com a criança/adolescente e com a família: Quais eventos aconteceram na vida da criança alvo e quando eles aconteceram?

16.3.1. Diretamente relacionados à criança-alvo:

EVENTO	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de escola				
Repetência na escola				
Suspensão da escola				
Nascimento de um irmão				
Agressão por parte de: a) mãe ou pai b) madrasta ou padrasto c) irmão ou irmã d) avós e) crianças da vizinhança f) professores da pré-escola g) outros _____				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da criança? Liste-as: a) _____ b) _____ e assim por diante.				

16.3.2. Eventos relacionados ao grupo familiar:

EVENTO	Nos últimos 6 meses	De 6 a 12 meses	Há mais de um ano (especifique)	Nunca aconteceu
Mudança de cidade				
A mãe começou a trabalhar fora de casa				
Perda de emprego de um dos genitores (especificar).				
Problemas financeiros				
Hospitalização ou enfermidade na família: a) criança b) pais c) irmãos d) outros				
Morte na família: a) ou companheiro b) mãe ou pai c) madrasta ou padrasto d) irmão ou irmãs e) avós f) amigos íntimos g) outros (especifique)				
Separação ou divórcio dos pais. Motivo: _____				
Conflitos/Brigas entre os pais a) sem agressões físicas b) com agressões físicas				
Problemas de saúde a) do pai: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/> mental b) da mãe: <input type="checkbox"/> físico <input type="checkbox"/> mental				
Consumo de álcool Quem? _____				
Consumo de drogas ilegais Quem? _____				
Violação de leis: a) Quem? _____ b) Quais? _____				
Outras experiências que tiveram impacto na vida da família? Liste-as: a) _____ b) _____ e assim por diante.				

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO DE DESCRIÇÃO DAS FAMÍLIAS

FA MÍ LI A	Criança: Idade e sexo	Mãe: Ocupação e idade (em anos)	Responsável: ocupação e idade (em anos)	Pai: Ocupação e idade (em anos)	Padrasto: Ocupação e idade (em anos)	Moram na casa (família da criança):	Tipo de família	Renda <i>per capita</i> (salário mínimo)	Avó: Ocupação e idade (em anos)	Avó: Ocupação e idade (em anos)	Avó e Avó participante Maternos (Mt) Paternos (Pt)
1	M, 7	Do lar, 40		Lavoura, 40*		Casal, 1 filho	Nuclear	0,21	Falecido	Falecida, 62	Pt
2	M, 7	Do lar, 34		#	Lavoura, 35	Casal, 4 filhos	Recasada/ Nuclear	0,48	Do lar, 58*	Aposentado, 70	Mt
3	F, 8	Do lar, 35		#	Lavoura, 39	Casal, 5 filhos	Recasada/ Nuclear	0,28	Do lar, 77	Aposentado, 65	Pt
4	F, 8	Calçadista, 22		#	Soldador, 27	Casal, 1 filho	Recasada/ Nuclear	0,19	Calçadista, 40	Lavoura, 49	Mt
5	F, 9	Cozinheira, 28		#	Motorista, 37*	Casal, 1 filho	Recasada Nuclear	0,19	Desempr., 52	Lavoura, 58*	Mt
6	F, 9	Lavoura, 29		#	Lavoura, 30*	Mãe, 2 filhos	Monoparental	0,26	Aposentada, 62	Falecido	Pt
7	M, 9	Do lar, 31		#	Lavoura, 38*	Avó, avó, 1 neto ☼	Nuclear	0,35	Lavoura, 56	Lavoura, 49	Mt
8	M, 9	#	Tia adotou Do lar, 41	#		Tia, 5 filhos, avó, irmã da tia	Extensiva	0,27	Pensionista, 69	Falecido	Pt
9	F, 10	Faxineira, 30		Lavoura, 35*			Extensiva	0,4	Lavoura, 52	Falecido	Mt
10	M, 10	Desempr., 25		Desempr., 37		Casal, 3 filhos	Nuclear	0,2	Do lar, 57*	Motorista, 58	Pt
11	M, 10	Ajudante geral, 27		Lavoura, 29		Casal, 3 filhos	Nuclear	0,32	Camareira, 46	Falecido	Mt
12	F, 11	Lavoura, 26		#		Mãe, 3 filhos	Monoparental	0,2	Desempr., 46	Falecido	Mt
13	M, 11	Lavoura, 27		#		Mãe, 4 filhos	Monoparental	0,98	Aposentada, 61	Aposentado, 65*	Mt
14	F, 11	Ajudante geral, 31		Desempr., 32*		Mãe, 3 filhos, avó, 2 primos, tio	Extensiva	0,48	Cuidadora, 56	Falecido	Mt
15	M, 12	Desempr., 31		#		Mãe, 5 filhos, avó, avó, 2 tios	Extensiva	0,48	Aposentada, 68	Aposentado, 63	Mt
16	F, 12	Desempr., 38		#		Mãe, 4 filhos	Monoparental	0,26	Do lar, 64	Aposentado, 68*	Mt
17	M, 13	Empregada doméstica, 26		Servente pedreiro, 34		Casal, 5 filhos	Nuclear	0,48	Aposentada, 62	Falecido	Pt
18	F, 13	Do lar, 30		Ferreiro, 32*		Casal, 3 filhos	Nuclear	0,33	Do lar, 58	Aposentado, 70*	Mt
19	F, 13	#	Avó adotou Aposentada, 63	#		Avó, 3 netos, bisavó	Extensiva	0,38	Pensionista, 86	Falecido	Mt
20	F, 13	Lavoura, 30*		Lavoura, 42		Pai, 2 filhos	Monoparental	0,98	Pensionista, 55	Falecido	Mt

Legenda: *pessoas que participam da família mas não aceitaram responder ao questionário; # não tem contato com a criança; M= Masculino; F= Feminino; Desempr.= desempregado/a ; (☼)= mãe e padrasto moram ao lado com 2 filhos

APÊNDICE B - CATEGORIAS

1. O que é uma família?
 - 1.1 Composição – laços biológicos
 - 1.2 Coabitação – mesmo domicílio
 - 1.3. Função que a família exerce – afetiva (amor, carinho)
 - Provedora (dá as coisas, comida)
 - socializadora (dá conselho, educação)
 - cuidadora (cuida, ajuda)
 - aglutinadora (união)
 - 1.4 Sentimentos que a família desperta na criança – pertencimento/gostar e ficar feliz
 - 1.5. Comportamento do filho – respeita/ajuda
 - 1.6. Comportamento do grupo familiar – não briga/não faz coisa errada
 - 1.7. Não sabe
 - 1.8. Outra

2. Quem é sua família?
 - 2.1. tipos de família – nuclear
 - extensiva
 - extensiva recasada
 - recasada
 - monoparental
 - 2.2. Outro – honesta/boa gente

3. Com quem você mora?
 - 3.1. tipos de família – nuclear
 - extensiva
 - recasada
 - monoparental
 - 3.2. Viúva/divorciada com filhos
 - 3.3. Casal

4. O que é uma boa família?

4.1. Identifica um membro da família

4.2. Coabitação

4.3. é a que cumpre suas funções – afetiva (dar carinho)

Provedora (não deixa faltar as coisas)

socializadora (leva brincar, leva pra escola)

cuidadora (cuida, ajuda)

aglutinadora (tem união)

estar presente (não abandona)

4.4. sentimento que a família desperta – tudo/base/estrutura

4.5. comportamento do filho - respeita/ajuda/colabora em pequenas tarefas

4.6. comportamento dos genitores – não tem maus hábitos

4.7. outro

4.8. não sabe

5. O que é uma família má?

5.1. identifica um membro da família

5.2. coabitação

5.3. é a que não cumpre suas funções – afetiva

provedora

socializadora

cuidadora

aglutinadora

não está presente

5.4. sentimento que a família desperta - negativo

5.5. comportamento do filho – não respeita/não ajuda

5.6. comportamento dos genitores/grupo familiar – negativos

5.7. outro

5.8. Não sabe

6. O que é um bom pai?

6.1. Identifica um membro da família

6.2. Identifica um ser superior

6.3. aquele que cumpre suas funções – afetivo

provedor

socializador
cuidador
aglutinador
estar presente

6.4. sentimento que o pai desperta – positivo

6.5. comportamento do filho – positivo

6.6. comportamento do pai – positivo

6.7. outro

6.8. não sabe

7. O que é um mau pai?

7.1. identifica um membro da família

7.2. aquele que não cumpre suas funções – afetivo

provedor
socializador
cuidador
aglutinador
não estar presente

7.3. sentimento que o pai desperta – negativo

7.4. comportamento do filho – negativo

7.5. comportamento do pai – negativo

7.6. outro

7.7. não sei

8. O que é uma boa mãe?

8.1. Identifica um membro da família

8.2. aquela que cumpre suas funções – afetiva

provedora
socializadora
cuidadora
aglutinadora
estar presente

8.3. sentimento que a mãe desperta na criança – positivo

8.4. comportamento da mãe – positivo

8.5. não respondeu

9. O que é uma mãe má?

9.1. identifica um membro da família

9.2. aquela que cumpre suas funções – afetiva

provedora

socializadora

cuidadora

aglutinadora

não estar presente

9.3. sentimento que a mãe desperta na criança – negativo

9.4. comportamento do filho – negativo

9.5. comportamento da mãe – negativo

9.6. outro

9.7. não sabe

10. O que é um bom filho?

10.1. identifica membro da família

10.2. é aquele que cumpre sua(s) função(ões) – afetiva

acadêmica

colabora com a família

segue regras sociais

estar presente

10.3. sentimentos que a criança desperta – positivos

10.4. outro

11. O que é um mau filho?

11.1. identifica membro da família

11.2. é aquele que não cumpre sua(s) função(ões) – afetiva

acadêmica

colabora com a família

segue regras sociais

estar presente

11.3. sentimentos que a criança desperta – negativos

11.4. não respondeu

12. Você está satisfeito com sua família

12.1. sim

12.2. não

12.3. mais ou menos

APÊNDICE C - ANÁLISE DE CONTEÚDO

Tabelas de categorização das falas das crianças e adolescentes. A numeração está em ordem crescente, assim como a idade deles.

O que é família?

Categories	Temas	Crianças	Verbalizações
Composição	Laços biológicos	C10 (10 ANOS, MASC.)	C10 (10 ANOS, MASC.) “É minha mãe, minha irmã, meu irmão...”
Coabitação	Mesmo domicílio	C10 (10 ANOS, MASC.),	C10 (10 ANOS, MASC.) “...todo mundo que vive aqui comigo”
Função que a família exerce	Afetiva (dar carinho, amar, gostar, ser legal)	C4 (8 ANOS, FEM.); C5 (9 ANOS, FEM.); C7 (9 ANOS, MASC.); C8 (9 ANOS, MASC.); C9 (10 ANOS, FEM.); C10 (10 ANOS, MASC.); C14 (11 ANOS, FEM.)	C4 (8 ANOS, FEM.) “uma família é legal, que gosta da filha, do filho.”; C5 (9 ANOS, FEM.) “Amor e carinho”; C7 (9 ANOS, MASC.) “...e eu gosto muito da minha vó.”; C8 (9 ANOS, MASC.) “é... carinho”, C9 (10 ANOS, FEM.) “...é pra amar todo mundo da família...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “ter amor com todas as pessoas”; C14 (11 ANOS, FEM.) “ ah...acho que é... carinho, amor e...”
	Socializadora (dá conselhos, educa, brinca, se diverte, dá bom exemplo, conversa, amizade)	C4 (8 ANOS, FEM.); C7 (9 ANOS, MASC.); C10 (10 ANOS, MASC.); C13 (11 ANOS, MASC.); C14 (11 ANOS, FEM.) C17 (13 ANOS, MASC.); C18 (13 ANOS, FEM.),	C4 (8 ANOS, FEM.) “...dá conselhos...”; C7 (9 ANOS, MASC.) “...as mães da gente fica brincando...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “família é uma coisa pra gente se divertir... aprender ser educado, os pais e as mães ensina ser educado.”; C13 (11 ANOS, MASC.) “que dá exemplo pra nos não ir pro caminho das drogas”; C14 (11 ANOS, FEM.) “ ah...acho que é humildade...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “família é um pai e uma mãe que educa as crianças, como outros que não educam”; C18 (13 ANOS, FEM.) “conversar um com o outro, ter amizade.”;
	Cuidadora (cuida, ajuda)	C15 (12 ANOS, MASC.), C20 (13 ANOS, FEM.),	C15 (12 ANOS, MASC.) “família é quem cuida de nós”; C20 (13 ANOS, FEM.) “que ajuda os pais a cria os filhos”;
	Aglutinadora (união, ficar junto, parceria)	C1 (7 ANOS, MASC.), C2 (7 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C18 (13 ANOS, FEM.),	C1 (7 ANOS, MASC.) “as pessoas junto”; C2 (7 ANOS, MASC.) “é... reunida”; C9 (10 ANOS, FEM.) “família é coisa unida pra ai... a família é pra ficar unida e quando acontecer alguma coisa é pra todo mundo ficar junto e não sair fora... e também não pode brigar [no sentido de que tem que ficar junto]... todo mundo fica mais junto, não ficar mais sozinho.”; C11 (10 ANOS, MASC.) “família pra mim tem que ser família unida, sempre ta junto um com o outro.”; C12 (11 ANOS, FEM.) “as pessoas junto.”, C18 (13 ANOS, FEM.) “é todo mundo se unir...”
Sentimentos que a família desperta na criança	- de gostar e ficar feliz - tudo (indispensável) - paz	C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C6 (9 ANOS, FEM.) “é que eu não tenho palavras pra responder... é tudo!”; C7 (9 ANOS, MASC.) “família é muito bom...”; C14 (11 ANOS, FEM.) “...paz né”; C16 (12 ANOS, FEM.) “família é tudo”.
Comportamento do filho	obedecer	C3 (8 ANOS, FEM.),	C3 (8 ANOS, FEM.) “ser obediente”
Comportamento do grupo familiar	Positivo	C2 (7 ANOS, MASC.), C7 (9 ANOS, MASC.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “...sempre ganha presente”, C7 (9 ANOS, MASC.) “minha vó compra um monte de coisa pra mim, falei pra ela compra antena também, ela compro, pedi um cartão de memória e uma caixinha de som ela comprou pra mim...”
Não sabe		C19 (13 ANOS, FEM.),	C19 (13 ANOS, FEM.) “ah, não sei...”;

Quem é sua família?

Categorias	Temas	Crianças
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.).
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes e amigos)	C1 (7 ANOS, MASC.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C12 (11 ANOS, FEM.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)
	Família extensiva com madrasta/padrasto, filho, outros parentes e amigos	C3 (8 ANOS, FEM.), C4 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.)
	Família recasada (c/filhos dois cônjuges)	C2 (7 ANOS, MASC.),
	Outras	C17 (13 ANOS, MASC.) “minha família é uma pessoa honesta, brincalhona e não maltrata as pessoas.”;

Quem mora com você?

Categorias	Temas	Crianças
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	C4 (8 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes e amigos)	C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.),
	Família nuclear (c/madrasta ou padrasto)	C1 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.),
	Monoparental (só pai ou só mãe e filhos) Criança com responsáveis	C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)
	Família recasada (casal com filhos de casamento anterior)	C2 (7 ANOS, MASC.),

O que é uma boa família?

Categorias	Temas	Crianças	Verbalizações
Identifica um membro da família		C1 (7 ANOS, MASC.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “é uma mãe boa”;
É aquela que cumpre suas funções	Afetiva (carinho, amor, paixão, legal com as pessoas)	C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C14 (11 ANOS, FEM.)	C5 (9 ANOS, FEM.) “ter paixão e amor, essas coisas.”; C8 (9 ANOS, MASC.) “carinho”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...é aquela que tem carinho com todo mundo...”; C12 (11 ANOS, FEM.) “legal”; C14 (11 ANOS, FEM.) “ah que tenha ... carinho com todo mundo”;
	Socializadora (ser amigo, dar conselhos, ajuda fazer as coisas, corrige, transmite valores)	C2 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C17 (13 ANOS, MASC.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “...ser amigo...”; C4 (8 ANOS, FEM.) “que dá conselhos, que ajuda a fazer um monte de coisa.”; C13 (11 ANOS, MASC.) “...e não deixa nós ir pro caminho das drogas.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “ah que tenha humildade...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “uma família, uma pessoa que sabe corrigir as pessoas que estão erradas, não deixa fazer as coisas que não pode...”;
	Cuidadora (cuida, trata)	C3 (8 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C15 (12 ANOS, MASC.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “cuidar de todo mundo”; C13 (11 ANOS, MASC.) “C13 (11 ANOS, MASC.) “que trata nós...””; C15 (12 ANOS, MASC.) “uma família que cuida de nós desde pequeno”; C20 (13 ANOS, FEM.) “uma boa família é que ajuda o pai a cuidar da gente.”.
	Aglutinadora (promove união, ficar junto, parceria)	C9 (10 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “é ficar unido... e viver junto.”; C11 (10 ANOS, MASC.) “família que nunca esta desunida.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “Ah é ser unido.”
Comportamento do filho	Respeita	C2 (7 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “tem que respeitar...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...e um respeita o outro.”
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	positivo (respeitam, brigam, discutem, maltratam) não não não	C2 (7 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C17 (13 ANOS, MASC.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “...não bater nos outros”, C9 (10 ANOS, FEM.) “...Uma boa família é não ficar xingando.”; C10 (10 ANOS, MASC.) “uma boa família é uma família que não tem briga, que não discute com ninguém da casa e um respeita o outro...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “... não maltratar.”
Não respondeu à pergunta		C7 (9 ANOS, MASC.)	C7 (9 ANOS, MASC.) “boa família é vivê muito bom.
Não sabe		C6 (9 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C6 (9 ANOS, FEM.) “não sei...”; C16 (12 ANOS, FEM.) “não sei...”; C19 (13 ANOS, FEM.) “não sei”

O que é uma família má?

Categorias	Temas	Crianças	Verbalizações
Identifica um membro da família		C9 (10 ANOS, FEM.), C14 (11 ANOS, FEM.)	C14 (11 ANOS, FEM.) “Ah, é como meu tio, meu tio começou usar droga, aí minha vó começou ficar triste, minha mãe fico triste, nós tudo fico triste. Isso faz uma má família, a droga.”
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não amar, não gostar.)	C1 (7 ANOS, MASC.), C5 (9 ANOS, FEM.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “...não gosta”; C5 (9 ANOS, FEM.) “...não tem amor...”
	Provedora (não dar coisas, não dar comida)	C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C15 (12 ANOS, MASC.) “que não da nada pros outros...”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...não dá comida”
	Socializadora (não respeita, não dá conselhos, não ajuda fazer tarefa, dá mau exemplo, não conversa)	C2 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “que não respeita os outros...”; C4 (8 ANOS, FEM.) “é não dar conselho pros outros, não ajudar fazer tarefa...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...que não tem respeito com ninguém na casa...”; C13 (11 ANOS, MASC.) “é que leva o filho pro caminho das drogas”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...não conversar”
	Cuidadora (não liga pro filho, não está nem aí, não ajuda)	C4 (8 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C4 (8 ANOS, FEM.) “...nem ligar pro filho, só ligar pra trabalho”, C10 (10 ANOS, MASC.) “...aquela família que não ta nem aí com ninguém, com nenhum dos filhos... ta nem aí com ninguém, com nada”; C20 (13 ANOS, FEM.) “que não ajuda, não faz nada...”
	Aglutinadora (desunida, não se unir)	C11 (10 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C11 (10 ANOS, MASC.) “família que ta desunida... um vai pra um canto, o outro vai pra outro.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “Família má é não se unir...”
Comportamento do filho em relação à família	Não respeita, não obedece	C1 (7 ANOS, MASC.), C8 (9 ANOS, MASC.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “...aquele filho que não respeita o pai nem a mãe, nem os irmãos...”, C8 (9 ANOS, MASC.) “que não sai da rua, que não obedece ela, não é... não é... responder ela...”;
Comportamento dos genitores	Negativo (briga, bate, xinga, usa droga, bebe)	C1 (7 ANOS, MASC.), C2 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C8 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “briga...”; C2 (7 ANOS, MASC.) “...que dá tapa na cara”; C3 (8 ANOS, FEM.) “é quando ela xinga, bate, essas coisas.”; C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando briga...”; C7 (9 ANOS, MASC.) “Família que bebe, que fica fumando droga. As crianças não gosta disso. Eu não gosto muito disso daí.”; C8 (9 ANOS, MASC.) “bater nos outros...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “família má é aquela que o pai que bate nas crianças, ... a mãe também...”; C11 (10 ANOS, MASC.) “...sempre briga um com o outro...”; C15 (12 ANOS, MASC.) “...que bate nos outros.”; C16 (12 ANOS, FEM.) “aquela que a mãe judia dos filhos, bate...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “família que não entende direito o que faz, que fica xingando os outros, batendo.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...ficar um brigando com o outro...”; C20 (13 ANOS, FEM.) “...só fica batendo na gente”
Não respondeu		C9 (10 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “Nada... não tem nada de ruim na minha família. Por enquanto não.”;
Não sabe		C6 (9 ANOS, FEM.), C12 (11 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C6 (9 ANOS, FEM.) “não sei...”; C12 (11 ANOS, FEM.) “não sei”, C19 (13 ANOS, FEM.) “não sei...”;

O que é um bom pai?

Categories	Temas	Crianças	Verbalizações
Identifica um membro da família		C19 (13 ANOS, FEM.)	C19 (13 ANOS, FEM.) “ah, não acho meu pai bom pra mim, meu pai não dá nada pros outros...”
aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetivo (carinho, amor, gostar, ser boa pessoa, ser legal)	C3 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C14 (11 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “...ele ser legal com a gente.”; C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando ele tem carinho também”; C8 (9 ANOS, MASC.) “é legal...”; C9 (10 ANOS, FEM.) “um bom pai é que dá amor para a gente e também da paixão...”; C14 (11 ANOS, FEM.) “que dá carinho, amor.”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...dá amor pros seus filhos.”; C19 (13 ANOS, FEM.) “... Um bom pai gosta é que gosta do filho...”;
	Provedor (compra as coisas, dá coisas)	C8 (9 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C15 (12 ANOS, MASC.)	C8 (9 ANOS, MASC.) “...ele traz coisa pra nós”; C12 (11 ANOS, FEM.) “que dá bastante coisa”; C13 (11 ANOS, MASC.) “...e que dá um monte de coisa e comida.”; C15 (12 ANOS, MASC.) “que dá presente pra nós.”
	Socializador (ajuda a fazer tarefa, dá valor, educa, dá bom exemplo, conversa)	C4 (8 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C4 (8 ANOS, FEM.) “é bom, ajuda a fazer tarefa”; C6 (9 ANOS, FEM.) “que dá valor pra mim”, C10 (10 ANOS, MASC.) “é o pai que educa seus filhos...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “um bom pai é aquele la que não deixa os filhos viver no mundo das drogas...”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...saber conversar...”
	Cuidador (ser responsável, proteger, cuidar, tratar)	C3 (8 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “é um pai que cuida da gente...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...pai bom é aquele que cuida dos filhos e das filhas.”; C13 (11 ANOS, MASC.) “responsável, que é responsável pelos filhos.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “...um bom pai é que se preocupa com os filhos...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “...tem mais cuidado com os filhos.”; C19 (13 ANOS, FEM.) “...que dá atenção.”;
	É o que está presente - não abandona	C7 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C7 (9 ANOS, MASC.) “é chato um pouquinho ficar sem o pai, mas só que eu fiquei sem o pai.. eu queria tanto conhecer era o meu pai.”; C9 (10 ANOS, FEM.) “...quando que dá alguma tristeza ele fica lá junto com nós.”; C11 (10 ANOS, MASC.) “pai bom é que esta sempre unido com a família, não abandona os filhos.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “não abandonar os filhos...estar sempre presente.”
Sentimento que o pai desperta na criança	- dá alegria	C9 (10 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “...da alegria...”
Comportamento do filho	Respeita, é educado	C1 (7 ANOS, MASC.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “a gente obedece ele.”
Comportamento do pai	Que não tem maus hábitos (não bebe, não fuma, não xinga, não bate, não briga)	C2 (7 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “um bom pai é que não bate, não dá tapa na cara”; C13 (11 ANOS, MASC.) “que não bate em nós...”, C16 (12 ANOS, FEM.) “aquele não bate nas crianças...”

O que é um mau pai?

Categories	Temas	Crianças	Verbalizações
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (não gosta, não ama, é chato)	C5 (9 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.)	C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando não tem amor com o filho”; C10 (10 ANOS, MASC.) “o mau pai é aquele pai que não gosta de ninguém...”; C12 (11 ANOS, FEM.) “é chato”; C17 (13 ANOS, MASC.) “pai mau é que não gosta do filho...”
	Provedor (não dá comida, não trabalha, não dá coisas)	C4 (8 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C4 (8 ANOS, FEM.) “...não dá comida.”, C19 (13 ANOS, FEM.) “...que não dá nada...”; C20 (13 ANOS, FEM.) “Que não trabalha...”
	Socializador (não respeita, não dá conselho, não ajuda com a tarefa, não dá valor, não dá atenção, não deixa brincar, não conversa)	C2 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C15 (12 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “pai mau é que não respeita os outros...”, C4 (8 ANOS, FEM.) “não dá conselho, não ajuda fazer tarefa...”, C6 (9 ANOS, FEM.) “não sei...ah, que não dá valor”, C11 (10 ANOS, MASC.) “um pai que não dá atenção pros filhos...”; C15 (12 ANOS, MASC.) “...que não deixa brincar um pouco”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...não conversar”;
	Cuidador (não é liga, não se preocupa, não ajuda)	C2 (7 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “...nem liga pros outros, nem pra família.”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...não quer nada com ninguém, não quer nada com os filhos e nem com a esposa”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...não ajuda”
	Aglutinador (não se unir)	C18 (13 ANOS, FEM.)	C18 (13 ANOS, FEM.) “é não se unir...”
Comportamento do pai	Negativo (bater, xingar, usar drogas, mata, tem inveja, espanca, briga, xinga)	C1 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “bater”; C3 (8 ANOS, FEM.) “é quando ele xinga alguém ou ele bate.”; C7 (9 ANOS, MASC.) “É que o pai fuma droga, fica pegando arma, matando as pessoas por ai, e.. eu não gosto de pai que mata as pessoas.”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...tem inveja dos outros, tem inveja de todo mundo. Pai ruim é aquele que fica batendo nos filhos...”; C11 (10 ANOS, MASC.) “...também fica jogado por ai.”; C13 (11 ANOS, MASC.) “que bate ne nos todos os dias.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “ah, que bate também, que bebe, que fica brigando à toa com os outros.”; C15 (12 ANOS, MASC.) “Que bate nos outros...”; C16 (12 ANOS, FEM.) “... que bate... é.. .bate, xinga...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “... que espanca o filho.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...ficar um brigando com o outro...”; C19 (13 ANOS, FEM.) “pai mau é que... que caceta o filho...só fica batendo”; C20 (13 ANOS, FEM.) “...só fica xingando os filhos, só fica batendo sem precisão.”
Não respondeu		C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.)	C8 (9 ANOS, MASC.) “é obedecer o pai, não briga, não xinga e nem é.. tem que obedecer o pai.”; C9 (10 ANOS, FEM.) “pai mau... ele... ah.. não tem nada...mau de coisa ruim? Nada tia...” [meu pai não é mau].

O que é uma boa mãe?

Categorias	Temas	Crianças	Verbalizações
É aquele que cumpre a(s) função(ões)	Afetiva (carinho, amor, gostar, legal)	C1 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C12 (11 ANOS, FEM.), C14 (11 ANOS, FEM.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “gostar”; C4 (8 ANOS, FEM.) “a [minha] mãe é legal...”; C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando ela tem carinho”; C8 (9 ANOS, MASC.) “legal, boa”; C9 (10 ANOS, FEM.) “C9 (10 ANOS, FEM.) “nossa... minha mãe é super legal... ela gosta, nossa! minha mãe é encrenqueira mas ela é legal, simpática...uma boa mãe deixa a gente com carinho, amor...”; C12 (11 ANOS, FEM.) “legal” C14 (11 ANOS, FEM.) “ah, também que dá carinho...”
	Provedora (dá presente, compra coisas, dá coisas)	C15 (12 ANOS, MASC.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C15 (12 ANOS, MASC.) “...dá presente, dá roupa.”; C19 (13 ANOS, FEM.) “Que dá ... que dá coisas pro filho, não falta nada.”
	Socializadora (ajuda com tarefa da escola, educa, escuta, dá atenção, respeita, conversa)	C3 (8 ANOS, FEM.), C4 (8 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “...quando a gente não sabe alguma coisa na escola, ela vai lá e ajuda.”; C4 (8 ANOS, FEM.) “...ela ajuda fazer tarefa de novo”; C7 (9 ANOS, MASC.) “...que ajude o filho nas matérias da escola.”; C9 (10 ANOS, FEM.) “...não fazer bagunça em casa, amar... ela ama nós...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “educa seus filhos...”; C11 (10 ANOS, MASC.) “...escuta eles, da atenção pra eles.”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...respeita.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...saber conversar...”
	Cuidadora (é responsável ajuda, pensa no filho, cuida)	C3 (8 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “ajudar a gente...”; C6 (9 ANOS, FEM.) “...pensa nos filhos.”; C7 (9 ANOS, MASC.) “uma mãe que cuida do filho...”; C10 (10 ANOS, MASC.) “...mãe boa é aquele que cuida dos filhos e das filhas”; C11 (10 ANOS, MASC.) “...que cuida deles...”; C13 (11 ANOS, MASC.) “que cuida de nós todos os dias.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “...cuida”; C15 (12 ANOS, MASC.) “que cuida de nós...”; C16 (12 ANOS, FEM.) “aquela que ajuda...”; C20 (13 ANOS, FEM.) “responsável.”;
	Está presente (fica junto, está presente, não abandonar)	C9 (10 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “...e no lugar da tristeza ela fica junto com nós também.”; C11 (10 ANOS, MASC.) “mãe boa é que sempre está presente com os filhos...”; C18 (13 ANOS, FEM.) “ah não abandonar os filhos... estar sempre presente.”
Sentimento que a família desperta na criança	Positivo (alegria)	C9 (10 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “...ela dá alegria...”
Comportamento da mãe	Positivo (não brigar, não sai pra bagunça, não bate, não xingar, não maltrata)	C2 (7 ANOS, MASC.), C6 (9 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “não brigar com o namorado”; C6 (9 ANOS, FEM.) “não sai pra bagunça...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “uma boa mãe é que não xinga, não bate, não maltrata.”

O que é uma má mãe?

Categories	Temas	Crianças	Verbalizações
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não amar, não gostar, não ter carinho)	C5 (9 ANOS, FEM.), C12 (11 ANOS, FEM.) C13 (11 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando não tem amor com o filho”; C12 (11 ANOS, FEM.) “é chata”; C13 (11 ANOS, MASC.) “...e carinho pra nos”, C16 (12 ANOS, FEM.) “...não dá amor...”; C19 (13 ANOS, FEM.) “que não gosta da filha...”.
	Provedora (não dinheiro, não dá comida)	C4 (8 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C4 (8 ANOS, FEM.) “... não dá comida...”; C19 (13 ANOS, FEM.) “...não dá nada...”; C20 (13 ANOS, FEM.) “que não dá dinheiro pra gente compra roupa”
	Socializadora (não respeitar, não dá conselho, não ajuda fazer tarefa)	C2 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) “uma mãe má é que não respeita...”; C4 (8 ANOS, FEM.) “não dá conselho... não ajuda fazer tarefa”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...não respeita...”
	Cuidadora (não liga pros filhos, não cuida, não ajuda, não faz comida)	C11 (10 ANOS, MASC.), C13 (11 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C11 (10 ANOS, MASC.) “pra mim é uma mãe que não liga para os filhos...”; C13 (11 ANOS, MASC.) “que não faz comida... comida”; C16 (12 ANOS, FEM.) “a que não ajuda...não cuida”
	Não estar presente -abandonar o filho -mandar o filho embora	C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C17 (13 ANOS, MASC.) “...bota eles pra rua...”; C18 (13 ANOS, FEM.) “Abandonar os filhos...”; C19 (13 ANOS, FEM.) “...manda o filho pra fora de casa.”
Comportamento do filho	Positivo (reação da criança quando percebe que a mãe está sob efeito de droga)	C8 (9 ANOS, MASC.)	C8 (9 ANOS, MASC.) “não ficar com ela, não brigar e não bater”
Comportamento da mãe	Maus hábitos (bater, xingar, não dar valor, fuma, bebe, deixa de castigo, não tem direito de cuidar dos filhos, maltrata)	C1 (7 ANOS, MASC.), C2 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “não para de bater”; C2 (7 ANOS, MASC.) “...que bate nos outros.”; C3 (8 ANOS, FEM.) “é quando ela xinga alguém ou ela bate.”; C6 (9 ANOS, FEM.) “que não dá valor”; .”; C7 (9 ANOS, MASC.) “mãe má é que fuma droga, essas coisas”; C10 (10 ANOS, MASC.) “mãe má é aquela mãe que bate nos filhos e fica bebendo na rua; C11 (10 ANOS, MASC.) “fica jogada por ai”; C14 (11 ANOS, FEM.) “que bebe, que fica brigando à toa com os outros.”; C15 (12 ANOS, MASC.) “Que bate nos outros e deixa de castigo sem fazer nada, sem mexer no computador, sem brincar no vídeo game.”; C17 (13 ANOS, MASC.) “uma mãe má é que não tem direito a cuidar dos filhos...que maltrata.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “...bater.”;
Não respondeu		C9 (10 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) “nada...” [minha mãe não é ruim]

O que é um bom filho?

Categories	Topics	Child	Verbalizations
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (amor, carinho, legal)	C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.)	C5 (9 ANOS, FEM.) “é quando tem amor com o pai e com a mãe...”; C8 (9 ANOS, MASC.) “legal, bom, é carinho”
	Acadêmica	C1 (7 ANOS, MASC.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C6 (9 ANOS, FEM.) “ter educação”; C7 (9 ANOS, MASC.) “um bom filho é estuda muito, gosta de mostra a prova pra mãe de quanto tirou. Eu já eu tirei 10 na prova de língua portuguesa.”; C9 (10 ANOS, FEM.) “... é aprender as coisas em casa, na escola e também no projeto vida. Tem bastante coisa ainda que a gente precisa aprender.”; C10 (10 ANOS, MASC.) “aquele que é educado, que faz as coisas certas na escola, que não fica faltando todo dia.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “que vai bem na escola, vai bem no projeto né...”; C20 (13 ANOS, FEM.) “ser educado”
	Colabora com a família (cuida dos irmãos)	C3 (8 ANOS, FEM.), C16 (12 ANOS, FEM.)	C3 (8 ANOS, FEM.) “cuidar de todo mundo”; C16 (12 ANOS, FEM.) “...e ajuda a mãe e o pai.”
	Segue Regras Sociais (obedece, respeita, fica quietinho, não responde, não enfrenta, não bate, não briga, não bagunça, não xinga, não fala palavrão, escuta)	C1 (7 ANOS, MASC.), C2 (7 ANOS, MASC.), C4 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C11 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C1 (7 ANOS, MASC.) “não aprontar nada pra ninguém, obedece os pais”; C2 (7 ANOS, MASC.) “bom filho tem que respeitar a mãe e o pai, a vó e o vô, a tia e o tio. Só”; C4 (8 ANOS, FEM.) “filho bom é ficar quietinho, não responder a mãe, nem o pai, só”; C5 (9 ANOS, FEM.) “...e não enfrenta eles.”; C8 (9 ANOS, MASC.) “...não bater, não brigar...”; C9 (10 ANOS, FEM.) “Não bagunçar, não xingar a mãe, é não bagunçar em casa e...”; C11 (10 ANOS, MASC.) “filho bom é um filho obediente, que não faz bagunça”; C12 (11 ANOS, FEM.) “obedecer”; C13 (11 ANOS, MASC.) “não brigar, não xingar sua mãe e não desrespeitar ela.”; C14 (11 ANOS, FEM.) “...Faz tudo que a mãe manda, não dá trabalho.”; C15 (12 ANOS, MASC.) “que respeita a mãe,....”; C16 (12 ANOS, FEM.) “aquele que não fala palavrão, não xinga...”; C17 (13 ANOS, MASC.) “bom filho é que respeita a mãe, o pai e a família.”; C18 (13 ANOS, FEM.) “Respeitar, escutar, obedecer, não faltar com educação. Não judia dos pais.”; C19 (13 ANOS, FEM.) “que respeita a mãe e o pai... hum, que mais... que não desobedece a mãe. Só.”

O que é um mau filho?

Categorias	Temas	Criança	Verbalizações
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (não gosta, não ama, não tem carinho)	C5 (9 ANOS, FEM.), C8 (9 ANOS, MASC.), C19 (13 ANOS, FEM.)	C5 (9 ANOS, FEM.) "...não tem amor, só."; C8 (9 ANOS, MASC.) "...carinho..."; C19 (13 ANOS, FEM.) "...que não gosta da mãe,..."
	Acadêmica	C14 (11 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.)	C14 (11 ANOS, FEM.) "...que faz tudo errado na escola, que faz tudo errado no projeto."; C18 (13 ANOS, FEM.) "...faltar das aulas, não escutar as pessoas."
	Não segue regras sociais (não apronta, não respeita, xinga, briga, bate, não obedece, é bocudo, fuma, fica na rua, não obedece, rebelde, macabro, maltrata a mãe)	C2 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C4 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C8 (9 ANOS, MASC.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C16 (12 ANOS, FEM.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C19 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	C2 (7 ANOS, MASC.) "um filho mau é que não respeita a mãe e o pai."; C3 (8 ANOS, FEM.) "é quando ele xinga alguém ou ele bate."; C4 (8 ANOS, FEM.) "que não obedece a mãe"; C5 (9 ANOS, FEM.) "é quando desrespeita a mãe..."; C6 (9 ANOS, FEM.) "é muito bocudo, a hora que os pais chama pra tomar banho responde "ah não vou"; C7 (9 ANOS, MASC.) "filho mau é que já é ... que já tem 10 anos já na costas e fica fumando droga por aí, pra rua aí que nem a mãe que não cuida"; C8 (9 ANOS, MASC.) "não obedecer, é..."; C10 (10 ANOS, MASC.) "filho mau é aquele filho que não respeita ninguém também, filho ruim é aquele que só fica na rua só, e... não tem respeito pelo pai e a mãe."; C11 (10 ANOS, MASC.) "filho rebelde, macabro"; C12 (11 ANOS, FEM.) "não obedece"; C13 (11 ANOS, MASC.) "que vai pro caminho das drogas."; C14 (11 ANOS, FEM.) "que não obedece a mãe, não obedece o pai..."; C15 (12 ANOS, MASC.) "que não respeita a mãe."; C16 (12 ANOS, FEM.) "aquele que briga, xinga, fala palavrão, bate no pai. Só."; C17 (13 ANOS, MASC.) "filho mau é que quer bater nos pais, não tem respeito, não tem educação."; C18 (13 ANOS, FEM.) "Agride os pais, desobedecer..."; C19 (13 ANOS, FEM.) "filho mau é... igual passa na televisão, que filho bate assim na mãe né? Que maltrata a mãe,...que só vive batendo na mãe."; C20 (13 ANOS, FEM.) "Que responde a mãe e o pai, e os outros."
Não respondeu		C9 (10 ANOS, FEM.)	C9 (10 ANOS, FEM.) "filho mau nada também."

Você está satisfeita com sua família?

Categoria	Crianças	
SIM	C1 (7 ANOS, MASC.), C2 (7 ANOS, MASC.), C3 (8 ANOS, FEM.), C4 (8 ANOS, FEM.), C5 (9 ANOS, FEM.), C6 (9 ANOS, FEM.), C7 (9 ANOS, MASC.), C8 (9 ANOS, MASC.), C9 (10 ANOS, FEM.), C10 (10 ANOS, MASC.), C11 (10 ANOS, MASC.), C12 (11 ANOS, FEM.), C13 (11 ANOS, MASC.), C14 (11 ANOS, FEM.), C15 (12 ANOS, MASC.), C17 (13 ANOS, MASC.), C18 (13 ANOS, FEM.), C20 (13 ANOS, FEM.)	
NAO	C16 (12 ANOS, FEM.)	C16 (12 ANOS, FEM.) "não, porque queria que meu pai morasse comigo."
Mais ou menos	C19 (13 ANOS, FEM.)	C19 (13 ANOS, FEM.) "ah mais ou menos."

Tabelas de categorização das falas dos pais.

O que é família?

Categorias	Temas	Pais	Verbalizações
Composição	Laços biológicos	P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P17 (34 ANOS) "... meus irmãos, minha mãe, minha esposa, meus filhos."; P20 (42 ANOS) "é o filho, o pai e a mãe, a madrinha, tudo enfim";
Coabitação	Mesmo domicílio	P4 (27 ANOS)	P4 (27 ANOS) "Família é a pessoa que vive na casa..."
Função que a família exerce	Socializadora (educa)	P4 (27 ANOS)	P4 (27 ANOS) "...Sabe educar pessoas."
	Cuidadora (cuida, ajuda)	P10 (37 ANOS), P17 (34 ANOS)	P10 (37 ANOS) "...um ajudando o outro."; P17 (34 ANOS) "...Principalmente a mãe e a esposa que é as que mais cuidam da gente.";
	Aglutinadora (unida, ficar junto)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS)	P2 (32 ANOS) " ai... família pra mim é ta junto, todo mundo junto, viver junto, se dar bem."; P10 (37 ANOS) " uma família pra mim, é estar unido, sempre junto..."
Sentimentos que a família desperta	- contente - tudo (indispensável)	P3 (39 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)	P3 (39 ANOS) "Família é tudo, é tudo"; P10 (37 ANOS) "...sempre contente..."; P11 (29 ANOS) " é tudo né."; P17 (34 ANOS) " Pra mim é tudo..."

Quem é sua família?

Categorias	Temas	Pais
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS)
	Família nuclear (c/madrasta ou padrasto)	P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS)
	Monoparental	P20 (42 ANOS)

Quem mora com você?

Categorias	Temas	Pais
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes)	P10 (37 ANOS)
	Família nuclear (c/madrasta ou padrasto)	P2 (32 ANOS), P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS)
	Monoparental (só pai ou só mãe e filhos)	P20 (42 ANOS)

O que é uma boa família?

Categorias	Temas	Pais	Verbalizações
Coabitação		P4 (27 ANOS)	P4 (27 ANOS) “família boa é aquela que vive na casa...”
É aquela que cumpre suas funções	Socializadora (escuta, orienta, educa)	P4 (27 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P4 (27 ANOS) “...que sabe fazer as coisas...”; P17 (34 ANOS) “Pra mim é aquela família que escuta quando a gente fala...ta sempre falando, sempre orientando. Pra mim é isso ai.”; P20 (42 ANOS) “é um filho bem, o pai educar o filho bem, ser bem educado.”
	Cuidadora (ajuda)	P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) “...sempre que um ta precisando ele ta ali te ajudando...”
	Aglutinadora (unida)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS)	P2 (32 ANOS) “família boa é a gente se dar bem, é família unida.”, P10 (37 ANOS) “uma família boa é uma família unida...”; P11 (29 ANOS) “que se dá bem...”
	Está presente - não abandona	P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) “...sempre presente nas dificuldades um do outro...presente com você, qualquer hora.”
Comportamento do filho	Positivo (educado)	P3 (39 ANOS),	P3 (39 ANOS) “Os filhos bem educados”,
Comportamento dos genitores	Positivo (não discuti, não brigam)	P2 (32 ANOS), P4 (27 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)	P2 (32 ANOS) “...sem briga, sem discussão...”; P4 (27 ANOS) “...que nunca briga, só.”; P11 (29 ANOS) “...não tem briga, não faz os outros sofrer”; P17 (34 ANOS) “...não faz coisa errada...”

O que é uma família má?

Categorias	Temas	Pais	Verbalizações
É aquela que não cumpre suas funções	Socializadora (não da educação, não ajuda na escola)	P3 (39 ANOS), P20 (42 ANOS)	P3 (39 ANOS) “Quando não tem educação e uma má família”, P20 (42 ANOS) “família ruim é não educar o filho, é ver o filho fazer coisa errada e não falar nada. Não ajuda ele ir pra escola, nem nada. Aí eu acho que é uma família ruim.”
	Cuidadora (não liga, não se preocupa)	P17 (34 ANOS), P10 (37 ANOS)	P17 (34 ANOS) “Pra mim é aquela que não ta nem ai, que não esquenta a cabeça, que o pai isso, o pai aquilo, se o filho ta bem, se o filho não ta... o que tá acontecendo, ah.. deixa pra lá. Acho que uma má família, como se diz.. ah.. não é comigo, não se preocupa. Pra mim essa é uma má família.”, P10 (37 ANOS) “uma família ruim é aquela que um não liga pro outro né, se tem um problema ninguém quer saber, quer mais te ver pelas costas, ninguém quer nada com ninguém, então pra mim, família ruim é isso ai.”
	Aglutinadora (desunião)	P2 (32 ANOS), P11 (29 ANOS)	P2 (32 ANOS) “...não se dá bem,...”, P11 (29 ANOS) “uma família desunida, que tem o pai e a mãe separado, os pais pra um lado e os filhos pro outro”
Comportamento dos genitores	Negativo (briga, discussão, usa drogas)	P2 (32 ANOS), P4 (27 ANOS)	P2 (32 ANOS) “Família ruim é que tem briga, discussão... um fala mal do outro. Isso é uma família ruim.”, P4 (27 ANOS) “uma pessoa que vive nas drogas, só anda no meio das drogas, mais é isso.”

O que é um bom pai?

Categorias	Temas	Pais	Verbalizações
Identifica um membro da família		P17 (34 ANOS),	P17 (34 ANOS) "...Coisa que passa na minha cabeça, que eu fui criado sem pai, só com minha mãe, ela foi mãe e pai ao mesmo tempo, ela sempre tava preocupada com a gente, apesar de tudo que ela passava na vida, mas a preocupação dela sempre foi com os filhos e é assim que eu sou com os meus, né. Tanto eu tando em casa como não tando, tudo o que acontece com os filho, pra mim é o mais importante, desde quando nasceu até agora essa é a preocupação que eu tenho na vida..."
Aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetivo (carinho, amor, gostar, ser boa pessoa)	P17 (34 ANOS)	P17 (34 ANOS) "aquele que dá amor, carinho..."
	Provedor (não deixa faltar nada)	P11 (29 ANOS)	P11 (29 ANOS) "...não deixa faltar nada,..."
	Socializador (ensina, responsável, educa, dá exemplo)	P3 (39 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P3 (39 ANOS) "É dar exemplo."; P11 (29 ANOS) "um pai que educa seus filhos, ...conversa na hora que precisa."; P17 (34 ANOS) "...Então um bom pai é aquele pai responsável, que ta sempre correndo, sempre agindo e nunca deixando o filho fazer aquilo que eles qué, e sim aquilo que os pais qué, mas aquilo que é bom, porque o pai que já é bem criado, que já á adulto sabe o que é certo e o que é errado. Tem pai que vê o filho no caminho errado e tá lá deixando."; P20 (42 ANOS) "é educar o filho bem."
	Cuidador (preocupado com os filhos, ajuda)	P4 (27 ANOS), P17 (34 ANOS)	P4 (27 ANOS) "um bom pai é aquele que ajuda o filho, que chega e ajuda as pessoas."; P17 (34 ANOS) "que ta sempre preocupado com os filhos."
Não sei		P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS)	P2 (32 ANOS) "Vixi... eu não sei, o meu pra mim não foi um pai bom e minha mãe já faleceu, então nem lá eu vou na casa dele."; P10 (37 ANOS) "pai bom pra mim é.. eu vou ficar um pouco a desejar nessa pergunta ai, porque a gente foi criado sem pai, eu não sei o que é um pai bom, eu fui criado sem pai."

O que é um mau pai?

Categories	Temas	Pais	Verbalizações
Identifica membro da família		P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS)	P2 (32 ANOS) "...ainda eu não tive o meu por perto né, mas hoje eu tenho uma família, graças a Deus, mas pai mesmo, não posso falar que ele foi bom, porque não foi não.", P10 (37 ANOS) "um pai ruim foi como eu já disse já, foi tipo como o meu,...hoje em dia ele já é falecido, então pra mim isso ai é um pai ruim, não tem nem o que falar dele."
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Provedor (deixa faltar comida)	P11 (29 ANOS)	P11 (29 ANOS) "o pai que deixa faltar comida..."
	Socializador (não educa, usa drogas, não conversa)	P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS), P11 (29 ANOS)	P3 (39 ANOS) "Um pai que não dá educação pro filho."; P4 (27 ANOS) "que só anda nas drogas, não sabe fazer as coisas."; P11 (29 ANOS) "... não conversa com os filhos..."
	Cuidador (não se preocupa, não cuida)	P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P17 (34 ANOS) "Aquele que não se preocupa com seus filhos,..."; P20 (42 ANOS) "é isso ai, não cuidar do filho."
	Não estar presente -abandona	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS), P17 (34 ANOS)	P2 (32 ANOS) "Pai ruim é um pai que não está presente nas horas difíceis, nas boas também não está presente..."; P10 (37 ANOS) "...abandonou a gente quando era pequeno,..."; P17 (34 ANOS) "...que fez mas se não cria a rua cria, a prefeitura cria, pra mim é isso."
Comportamento do pai	Negativo (bate)	P11 (29 ANOS)	P11 (29 ANOS) "...qualquer coisinha só pensa em bater, isso pra mim é um mau pai né"

O que é uma boa mãe?

Categories	Temas	Pais	Verbalizações
Identifica como a sua		P2 (32 ANOS), P11 (29 ANOS)	P2 (32 ANOS) "...Pra minha filhas, mãe mesmo é a Silviane, porque minha primeira esposa não serviu pra nada, por isso que elas estão comigo."; P11 (29 ANOS) "a minha mulher, o que eu vejo nela né,... Tem os momentos né... mas ela é uma mãe muito boa."
É aquele que cumpre a(s) função(ões)	Afetiva (carinho, amor, ser boa)	P17 (34 ANOS)	P17 (34 ANOS) "ahh.. uma boa mãe é aquela que dá amor, dá carinho,... Boa mãe é aquela que quando sabe que vai ter um filho, esse filho já é amado dentro da barriga dela, porque se dentro da barriga dela o filho já é bem amado, imagina a hora que ele nasce. Uma boa mãe eu acho que é isso."
	Socializadora (educa, ensina, da exemplo)	P3 (39 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P3 (39 ANOS) "Dar exemplo também.", P17 (34 ANOS) "...assim, quase que nem o pai, que não deixa fazer coisa errada,...", P20 (42 ANOS) "educar o filho bem."
	Cuidadora (cuida)	P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)	P11 (29 ANOS) "...o jeito de cuidar das crianças..."; P17 (34 ANOS) "...cuida dos filhos,..."
	Está presente (participa, não abandona)	P2 (32 ANOS), P4 (27 ANOS), P17 (34 ANOS)	P2 (32 ANOS) "uma boa mãe é ta presente com os filhos quando a gente precisar..."; P4 (27 ANOS) "boa mãe é aquela que participa da vida do filho"; P17 (34 ANOS) "...que ta sempre ali presente, nas horas boas e ruins, nunca abandona o filho, né. Que nem a gente vê fala na televisão de mãe dando o filho embora, isso e aquilo, abandona o filho pra lá e pra cá..."
Sentimento que a família desperta na criança	Positivo - tudo (indispensável)	P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) "uma boa mãe pra mim é tudo, porque eu tenho a minha mãe lá, ela é tudo na minha vida e se eu perder ela um dia eu não sei o que vai ser da gente, porque a gente chega na casa dela, ela abre os braços, pra mim é tudo."

O que é uma má mãe?

categorias	Temas	Pais	Verbalizações
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não dá carinho)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS)	P2 (32 ANOS) “...não dá carinho pro filho,...”, P10 (37 ANOS) “...não quer saber de dar carinho nada, isso pra mim é uma mãe super ruim.”
	Socializadora (não dá exemplo, não conversa)	P3 (39 ANOS), P11 (29 ANOS)	P3 (39 ANOS) “Que não dá exemplo.”, P11 (29 ANOS) “...não conversa no dia a dia,...”
	Cuidadora (não cuida, não liga pro filho)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P2 (32 ANOS) “...não cuida da família, não cuida do marido.”, P10 (37 ANOS) “uma mãe ruim é quando ela não liga pro filho, ela vê um filho ali doente...”; P11 (29 ANOS) “uma mãe também que não cuida do filho...”; P17 (34 ANOS) “...não ta nem ai P20 (42 ANOS) “não cuidar do filho.”
	Não estar presente (abandona)	P2 (32 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)	P2 (32 ANOS) “mãe ruim é que deixa o filho assim largado, entendeu,...”; P10 (37 ANOS) “...abandona ele, deixa ele de qualquer jeito,...”; P11 (29 ANOS) “...deixa o filho com os parentes e sai, isso pra mim é uma mãe ruim.”; P17 (34 ANOS) “Aconteceu, ou a prefeitura cuida, ou joga fora, ou fica ai pra rua, amanhã vai ser bandido,...”
Comportamento da mãe	Negativo (usa drogas, briga, bate)	P4 (27 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS)	P4 (27 ANOS) “uma mãe ruim é que só anda nas drogas, só anda com as brigas, mais é isso.”; P10 (37 ANOS) “...bate, briga,...”; P11 (29 ANOS) “...bate,...”; P17 (34 ANOS) “...Não sabe nem quem é o pai, quem não é...”;

O que é um bom filho?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica membro da família		P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) “um bom filho, é gostoso ter um bom filho, meus filhos comigo...”
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (carinhoso)	P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) “...são carinhoso, chega e se abraça, da benção, da beijo no rosto,...”
	Acadêmica	P2 (32 ANOS), P11 (29 ANOS),	P2 (32 ANOS) “Vai pra escola, volta embora direitinho...”; P11 (29 ANOS) “...que vai certo na escola”;
	Segue Regras Sociais (educado, escuta, não responde, conversa)	P2 (32 ANOS), P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)	P2 (32 ANOS) “filho educado, obediente, as coisas que a gente manda ele faz, entendeu? não dá trabalho.”; P3 (39 ANOS) “Obediente”; P4 (27 ANOS) “que obedece os pais, mais é isso.”; P11 (29 ANOS) “que obedece o pai, a mãe, né,...”; P17 (34 ANOS) “aquele que escuta, que é bem educado, que escuta, que ta sempre contando pro pai o que ta acontecendo com ele, que quando os pais fala ele escuta, não faz isso, ele não ta fazendo. O bom filho seria esse.”; P20 (42 ANOS) “escutar o pai, o pai e a mãe. Não responder os mais velhos.”
Sentimento que a criança desperta	Positivo (alegria)		P10 (37 ANOS) “...a gente brinca, pra mim é a maior alegria do mundo”;

O que é um mau filho?

Categorias	Temas	Pais	Verbalizações
É aquele que não cumpre sua(s) função(s)	Acadêmica	P11 (29 ANOS)	P11 (29 ANOS) "...vai mal na escola, falta aula, isso pra mim é um filho ruim."
	Não segue regras sociais (não obedece, responde, não escuta, anda em má companhia)	P2 (32 ANOS), P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS),	P3 (39 ANOS) "respondão"; P2 (32 ANOS) "filho ruim é filho mau criado, não para dentro de casa, não obedece ninguém. Esse é um filho ruim."; P10 (37 ANOS) só quer saber de rua, de porcaria por ai, mal companhia..."; P4 (27 ANOS) "Um filho ruim é aquele que não obedece os pais.", P11 (29 ANOS) "não obedece os pais,..."; P17 (34 ANOS) "aquele que não escuta os pais. Que os pais abandona, porque o filho não escuta, não escuta a primeira, não escuta a segunda e ai os pais abandona. O mau filho é isso.", P10 (37 ANOS)"um filho ruim é aquele filho, pra mim, é aquele que o pai fala e ele não escuta,...", P20 (42 ANOS) "é não escutar o que o pai fala, nem o pai e nem a mãe."
	Não esta presente	P10 (37 ANOS)	P10 (37 ANOS) "...sempre pra fora, nunca ta presente dentro de casa, isso pra mim é um filho ruim."

Você está satisfeita com sua família?

Categoria	Pais
SIM	P2 (32 ANOS), P3 (39 ANOS), P4 (27 ANOS), P10 (37 ANOS), P11 (29 ANOS), P17 (34 ANOS), P20 (42 ANOS)
NAO	
Mais ou menos	

Lista de categorização das falas das mães

O que é família?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Composição	Laços biológicos Não definidos	M2 (34 ANOS), M7 (31 ANOS), M17 (26 ANOS), M19 (63 ANOS),	M2 (34 ANOS) “eu, meus filhos e meu marido...”; M7 (31 ANOS) “ família boa, boa... é a minha mãe, meu padrasto minhas irmãs, todo mundo.”; M17 (26 ANOS) “ família é meus filhos, meu esposo e minha sogra”; M19 (63 ANOS) “ Nossa, ah... família é filho, a mãe... é tudo, primas, primos... tudo”;
Coabitação	Mesmo domicílio	M4 (22 ANOS)	M4 (22 ANOS) “família é um grupo de pessoas que mora no mesmo teto, que vive no mesmo teto...”
Função que a família exerce	Afetiva (afinidade, amor, compreensão)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M8 (41 ANOS), M10 (35 ANOS), M16 (38 ANOS)	M2 (34 ANOS) “ família é compreensão...”; M3 (35 ANOS) “é uma família que convive bem...”; M8 (41 ANOS)“...a gente reparte tudo: sentimento, afinidade...”; M10 (35 ANOS) “...família pra mim é compreensão, é amor...”; M16 (38 ANOS) “... e amor, porque senão não significa nada, né”
	Socializadora (afinidade, amizade, respeito, entender o outro)	M8 (41 ANOS), M12 (26 ANOS), M14 (31 ANOS)	M8 (41 ANOS)“...amizade. A gente se conhece”; M12 (26 ANOS) “ família é que a gente respeita a família da gente...”; M14 (31 ANOS) “... acima de tudo o respeito entre si, é um saber entender o outro...”
	Cuidadora (ajuda)	M10 (35 ANOS), M14 (31 ANOS),	M10 (35 ANOS) “ ...é aquela família que um ajuda o outro.”; M14 (31 ANOS) “...e um ajudar o outro nos momentos que mais necessita.”
	Aglutinadora (união, parceria)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M10 (35 ANOS), M14 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M18 (30 ANOS)	M1 (40 ANOS) “Família é a pessoa unida...sempre ta unido, vai pra algum lugar, ta unido, é só isso.”; M2 (34 ANOS) “ família é união...e viver tudo reunido”; M3 (35 ANOS) “...que é unida”; M4 (22 ANOS)“...uma família boa é unida.”; M10 (35 ANOS) “...é união...”; M14 (31 ANOS) “ ah, família é união, ...Família é isso, é um conjunto de tudo isso”; M16 (38 ANOS) “...tem que ter união...”, M18 (30 ANOS) “ família é aquela que é reunida, uma pode conta com a outra”;
Comportamento do grupo familiar	Positivo (não briga, não faz coisa errada)	M1 (40 ANOS), M12 (26 ANOS)	M1 (40 ANOS) “...que não faz coisa errada...”; M12 (26 ANOS) “...que não tem briga, família é isso.”
Sentimentos que a família desperta	- tudo, coisa especial (indispensável) -paz -estrutura -alicerce	M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M8 (41 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M13 (27 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS),	M5 (28 ANOS) “ família pra mim é tudo”; M6 (29 ANOS) “ pra mim família é tudo né, eu acho...minha filha é tudo pra mim”; M8 (41 ANOS) “Família, pra mim é tudo. É ... como que eu vou explicar o que é família...”, “, M9 (30 ANOS) “ é tudo né, família é tudo é um alicerce, sem família a gente não é ninguém”; M10 (35 ANOS) “... “É uma família que vive em paz...”; M11 (27 ANOS) “família pra mim é meu alicerce.”; M13 (27 ANOS) “ família é tudo na vida da gente, uma estrutura pra sua vida é a sua família.”; M15 (31 ANOS) “ família é tudo né”, M16 (38 ANOS) “eu acho que família é uma coisa muito especial

Quem é sua família?

Categorias	Temas	Mães
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	M11 (27 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho e outros parentes)	M1 (40 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M8 (41 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)
	Família extensiva (madrasta/ padrasto, mãe/pai, filho e outros parentes)	M7 (31 ANOS)
	Família recasada (c/ filhos de relacionamentos anteriores)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS)
	Outras (M1 (40 ANOS), M11 (27 ANOS))	M1 (40 ANOS) "...ah família sempre tá presente", M11 (27 ANOS) "...É os que convivem dia e noite comigo."

Quem mora com você?

Categorias	Temas	Mães
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	M1 (40 ANOS), M4 (22 ANOS), M7 (31 ANOS), M10 (35 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes e amigos)	M8 (41 ANOS), M9 (30 ANOS), M14 (31 ANOS), M19 (63 ANOS)
	Família nuclear (c/madrasta ou padrasto)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M5 (28 ANOS), M18 (30 ANOS)
	Monoparental (só pai ou só mãe e filhos)	M6 (29 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS)

O que é uma boa família?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica um membro da família		M13 (27 ANOS), M19 (63 ANOS)	M13 (27 ANOS) “a minha família até que ta boa...”; M19 (63 ANOS) “é tudo bom né, todos eles são bons, tudo bom.”;
É aquela que cumpre suas funções	Socializadora (honesto, compreensão, conversa, brinca, respeita, dá atenção)	M1 (40 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M12 (26 ANOS), M14 (31 ANOS)	M1 (40 ANOS) “é família honesta...”; M4 (22 ANOS) “família boa é aquela que respeita uns aos outros...”; M5 (28 ANOS) “família boa é que convive bem, é a convivência da família”; M9 (30 ANOS) “entendimento e compreensão,...”, M10 (35 ANOS) “uma família boa é aquela que respeita um ao outro...dá aquela atenção que a gente precisa.”; M12 (26 ANOS) “...que um respeita o outro, pra mim é isso ai.”; M14 (31 ANOS) “...conversando, brincando no domingo, vamos conversar, vamos passear.”
	Cuidadora (coopera, ajuda, companheira)	M6 (29 ANOS), M8 (41 ANOS), M10 (35 ANOS)	M6 (29 ANOS) “ser companheira, uma ajudando a outra”; M8 (41 ANOS) “uma boa família é aquela que um coopera com o outro, tanto nas horas boas, como nas horas ruins, independente do que aconteça”; M10 (35 ANOS) “...aquela que ajuda um ao outro, quando uma ta precisando a outra vai, abre as mãos...”;
	Aglutinadora (unida, ficar junto)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M7 (31 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS),	M1 (40 ANOS) “...família unida.”; M2 (34 ANOS) “uma boa família é viver bem, ser unidos.”; M3 (35 ANOS) “Ah uma família que é tudo unida”; M4 (22 ANOS) “...é... família unida.”; M7 (31 ANOS) “Família é reunida né. Unida.”; M13 (27 ANOS) “uma família unida, sem desunião...”; M14 (31 ANOS) “você pode ta lá, comendo arroz puro ali e você tá sentando na mesa com aquela família...pra mim família é isso [sentido de união]”; M15 (31 ANOS) “Família é unida né”; M16 (38 ANOS) “é quando ta todo mundo reunido, ...todo mundo reunido”; M17 (26 ANOS) “tudo reunido, tudo junto, reunido”; M18 (30 ANOS) “...que ta sempre unida, que uma pode contar com a outra, sempre ta junto, por tudo que passa, ta sempre unida.”
	Estar presente - não abandona	M18 (30 ANOS)	M18 (30 ANOS) “boa família é aquela que tá sempre presente na vida dos filhos, que nunca abandona...”
Sentimento que a família desperta	- paz -estrutura	M11 (27 ANOS), M16 (38 ANOS)	M11 (27 ANOS) “...família boa pra mim não precisa ter muita coisa, família boa é que tem uma estrutura, estabilizada. Essa é a família boa pra mim.”; M16 (38 ANOS) “...todo mundo na paz, na saúde...”
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	Positivo (respeitam, não brigam, não discutem)	M6 (29 ANOS), M9 (30 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS),	M6 (29 ANOS) “...não ter brigas, é isso...”; M9 (30 ANOS) “...sem briga, sem desavença, sem discussão, que tem bastante.”; M12 (26 ANOS) “família boa é que não tem briga...”; M13 (27 ANOS) “...sem briga...”

O que é uma família má?

Categories	Temas	Mães	Verbalizações
É aquela que não cumpre suas funções	Provedora (não trabalha)	M1 (40 ANOS)	M1 (40 ANOS) "...o marido não trabalha, não traz nada pra dentro de casa, chega querendo ser o Don Huan..."
	Socializadora (não dar educação, dar mau exemplo, não se entende não respeita)	M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M10 (35 ANOS), M12 (26 ANOS)	M3 (35 ANOS) "...não dá educação pro filho"; M4 (22 ANOS) "aquela que não respeita uns aos outros..."; M5 (28 ANOS) "família ruim é que não tem convivência boa..."; M10 (35 ANOS) "...que não entende um ao outro..."; M12 (26 ANOS) "...que não respeita"; M18 (30 ANOS) "Família ruim, má, eu acho que é aquela que hoje estão dando muito exemplo mau, ...mostra as coisas ruim.";
	Cuidadora (não ajuda, não liga, não tem companheirismo)	M16 (38 ANOS), M9 (30 ANOS)	M16 (38 ANOS) "uma família má é quando um quer ver o mau do outro, não ajuda, quando ajuda ainda fala..."; M9 (30 ANOS) "Não tem companheirismo, não liga pros filhos..."
	Aglutinadora	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M8 (41 ANOS), M17 (26 ANOS)	M2 (34 ANOS) "é uma família que não tem união..."; M3 (35 ANOS) "uma má família é quando a mãe veve de um lado, pai do outro..."; M4 (22 ANOS) "...não é unida.."; M8 (41 ANOS) "é aquela que não tem união nenhuma e que não se importa um com o outro."; M17 (26 ANOS) "aqueles pais que não estão presentes diante dos filhos..."
	É que não está presente - Abandona	M9 (30 ANOS), M18 (30 ANOS)	M9 (30 ANOS) "...que abandona os filhos...coloca no mundo e abandona, acho que isso é uma família má."; M18 (30 ANOS) "...que as vezes abandona os filhos por pouca coisa, que poderia até lutar, sacrificar um pouco mais pra poder ter junto e até que abandona..."
Comportamento do filho em relação à família	Negativo (usa droga, fica na rua)	M6 (29 ANOS), M17 (26 ANOS)	M6 (29 ANOS) "ah, filho usar droga ..."; M17 (26 ANOS) "...que os filhos vive pra rua..." , ,
Comportamento dos genitores/ grupo familiar	Negativo (briga, quer mandar, não se dá bem, agride, bate, espanca, fala palavrão, xinga, usa drogas, tem desavenças, violenta, humilha, ofende, não obedece)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	M1 (40 ANOS) "é uma família que fica brigando, não faz as coisas... sabe, o marido fica querendo mandar em tudo, é isso que é uma família ruim."; M2 (34 ANOS) "...que ninguém se dá bem, que só vive brigando."; M4 (22 ANOS) "...só vive de brigas."; M5 (28 ANOS) "...briga"; M6 (29 ANOS) "...agressão dos pais, eu acho que é isso."; M7 (31 ANOS) "ah família ruim é aquela que bate, aquela que espanca, que fala palavrão feio, xinga, qualquer coisa está estressado. Isso é a família ruim."; M9 (30 ANOS) "...não tem é... espanca, xinga, pai que é usuário, mãe usuária..."; M10 (35 ANOS) "uma família ruim é aquela família que só tem desavenças né, aquela família um quer ver o outro pelas costas, que só tem briga, né...que já chega e só quer confusão."; M11 (27 ANOS) "...na casa sempre tem briga, é isso uma família ruim pra mim."; M12 (26 ANOS) "acho que mais ruim é essas famílias que usa droga..."; M13 (27 ANOS) "...Uma família ruim é uma família que tem drogas, violência, uma família ruim e aqui até agora, graças a deus, não tem."; M14 (31 ANOS) "Hum, feio heim. Família má é que espanca." (VER O RESTO); M15 (31 ANOS) "ruim... família que vive brigando, discutindo."; M16 (38 ANOS) "...quando te humilha, fala coisas que te ofende, é isso aí."; M17 (26 ANOS) "...que não tem uma mãe."; M18 (30 ANOS) "...bate..."; M19 (63 ANOS) "ah gente que xinga, que briga, que faz bastante coisa que não é direito, família ruim é que não obedece ninguém..."

O que é um bom pai?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica um membro da família		M7 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M19 (63 ANOS),	M7 (31 ANOS) "...Esse aqui é um pai ótimo né [padrasto], ele cuidou de tudo nós."; M16 (38 ANOS) "Eu considero pai o da Maria Eduarda, esse é um bom pai, o pai dos outros não é muito não, não é chegado. O pai da M. E. sim, inclusive ele nem é daqui né, ele é lá do estado Maranhão e quando ele ficou sabendo que eu tava grávida, ele ficou perto de mim, me apoiou... e não pretende separa porque ele ama muito a filha dele. Esse é um bom pai, agora dos outros não posso falar muito porque é bem diferente.", M19 (63 ANOS) "...Meu pai também";
Identifica um ser superior		M19 (63 ANOS)	M19 (63 ANOS) "O pai da gente, o pai bom mesmo é o pai do céu né, ele é o pai poderoso..."
Aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetivo (carinho, amor, bom)	M5 (28 ANOS), M15 (31 ANOS),	M5 (28 ANOS) "carinhoso e bom"; M15 (31 ANOS) "...dá carinho..."
	Provedor (dá o que precisa, trabalha, não deixa faltar)	M1 (40 ANOS), M15 (31 ANOS)	M15 (31 ANOS) "...dá o que precisa."; M1 (40 ANOS) "pai bom é aquele que trabalha, que não deixa faltar nada...";
	Socializador (dá bom exemplo, brinca, passeia, conversa, escuta, ensina, passeia, diverte, ensina, dá conselho)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M18 (30 ANOS)	M1 (40 ANOS) "...da um bom conselho pro filho, bom conselho pra esposa, sobre as coisas erradas."; M2 (34 ANOS) "um bom pai é dar educação, é ensinar o caminho certo."; M3 (35 ANOS) "Um bom pai é que dá exemplo..."; M4 (22 ANOS) "...que gosta de brincar, gosta de ler, sabe educar bem o filho."; M9 (30 ANOS) "um bom pai é que leva o filho pra brincar, que conversa, que escuta, que leva o filho pra jogar bola, pra mim isso daí é um bom pai."; M10 (35 ANOS) "...é um pai amigo."; M11 (27 ANOS) "...educa seus filhos..."; M13 (27 ANOS) "...responsável, mesmo separado da mãe os filhos vem em primeiro lugar"; M14 (31 ANOS) "Bom pai é o pai companheiro, que entende, que ensina pros filhos o caminho que deve andar. Porque a maioria dos pais não ta nem ai também, tem um monte de pai descabeçado e os filhos vai pelo caminho que o pai e a mãe fala né. Eu falo até hoje, que o ensinamento que eu tive da minha mãe, se fosse pra mim ter sido..."ah, meu pai batia na minha mãe, meus irmãos usava droga" era pra mim ta no mundo da prostituição, usando droga, mas não, eu tive a minha mentalidade, eu não fui a favor do que eles faziam. Hoje em dia você ensina sim, mas cada um tem a sua mentalidade pra fazer o que bem quiser. Ser pai é você ensinar, "oh, não pode", quando é pequeno "não põem na boca" ai você vai lá e tira, depois que cresceu não tem como, você vai chega e "oh filha não é pra por isso na boca", então ser pai é você corrigir no momento certo."; M15 (31 ANOS) "tem que dá atenção..."; M18 (30 ANOS) "Bom pai é aquele que dá exemplo bom, aquele que ensina as
	Cuidador (cuida, ajuda, cria)	M3 (35 ANOS), M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS),	M3 (35 ANOS) "...que cuida"; M6 (29 ANOS) "...ajudar"; M7 (31 ANOS) "um pai bom é aquele que desde pequeno cria a gente né, tudo..."; M10 (35 ANOS) "...pra te ajudar, pra te apoiar no que for preciso..."; M11 (27 ANOS) "é um pai que cuida...isso é um pai bom pra mim.";
	É o que está presente (não abandona, fica junto, presente)	M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M8 (41 ANOS), M10 (35 ANOS), M13 (27 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS)	M6 (29 ANOS) "ah ta presente com o filho a hora que ele mais precisa..."; M7 (31 ANOS) "está junto com a gente até hoje..."; M8 (41 ANOS) "um bom pai é aquele que está sempre presente."; M10 (35 ANOS) "um pai bom é aquele que esta sempre do lado, quando você precisa ele esta ali...ele ta ali, né, se você está chorando ele esta ali, se você está alegre ele está ali..."; M13 (27 ANOS) "um pai presente..."; M16 (38 ANOS) "hum.. um bom pai é sempre quando ta presente ao filho, perto do filho e sempre procurando saber como que tá o filho, esse é um bom pai..."; M17 (26 ANOS) "aquele que está presente todo o tempo, na presença dos filhos."; M18 (30 ANOS) "...que ta sempre junto com os filhos...";
Comportamento do pai	Positivo	M4 (22 ANOS)	M4 (22 ANOS) "é aquele que é um bom esposo"

O que é um mau pai?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica membro da família		M2 (34 ANOS), M14 (31 ANOS), M13 (27 ANOS), M16 (38 ANOS)	M2 (34 ANOS) "...Porque igual, eu sou separada do meu primeiro marido e é muito difícil, raramente ele vem buscar as crianças pra ficar com ele, ele vem mais mesmo porque a mãe dele pede, porque ela sente saudade das crianças, então ele vem buscar e deixa as crianças lá com a mãe dele. Eu acho que é errado, se ele é o pai, ele que tem que ficar com as crianças, mas se ele não liga eu vou fazer o que?"; M13 (27 ANOS) "o pai deles. O pai deles é um pai ruim...então pra mim ele é um pai ruim."; M14 (31 ANOS) "...o meu pai tentou me estuprar quando eu tinha 6 anos de idade, entendeu, mau pai é isso..."; M16 (38 ANOS) "...que é o caso do pai das crianças,..."
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (não dá carinho)	M5 (28 ANOS)	M5 (28 ANOS) "pai ruim é aquele que não dá carinho pro filho..."
	Provedor (não compra as coisas, não dá atenção)	M8 (41 ANOS), M13 (27 ANOS), M19 (63 ANOS)	M8 (41 ANOS) "...que não dá assistência nenhuma, mesmo sabendo que ele é pai."; M13 (27 ANOS) "...de alimentação, de nada"; M19 (63 ANOS) "...não dá o que comer pros filhos,..."
	Socializador (não dá exemplo, não compreende, não dá atenção, não se importa)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M6 (29 ANOS), M9 (30 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS)	M2 (34 ANOS) "...não dá atenção."; M3 (35 ANOS) "que não dá exemplo"; M4 (22 ANOS) "é aquele que não dá atenção pro filho, que não gosta de brincar, só gosta de trabalhar."; M6 (29 ANOS) "...não compreender os filhos..."; M9 (30 ANOS) "um mau pai é aquele que não compreende o filho, não saber escutar."; M13 (27 ANOS) "não vem tomar conhecimento de educação..."; M14 (31 ANOS) "...é um pai que além de não dar atenção..."
	Cuidador (não se preocupa, não liga, não ajuda, não se importa)	M2 (34 ANOS), M5 (28 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M16 (38 ANOS)	M2 (34 ANOS) "...pai mau é aquele que não liga pros filhos..."; M5 (28 ANOS) "...que não liga pro filho."; M10 (35 ANOS) "um pai ruim é aquele que ver você pelas costas, é aquele que não quer te ajudar, quer que você se dane, vê o mundo dessa maneira."; M11 (27 ANOS) "é um pai que não dá importância pros filhos, não se importa com eles."; M16 (38 ANOS) "um mau pai é quando um filho ta doente e o pai nem se preocupa, nem se preocupada de ver o filho, nem de perguntar .. não se preocupa com nada, esse é o mau pai, não tá nem aí"
	Estar presente -abandona	M8 (41 ANOS), M13 (27 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	M8 (41 ANOS) "um mau pai é aquele que abandona os seus filhos..."; M13 (27 ANOS) "...porque onde já se viu abandonar os filhos por causa da mulher..."; M18 (30 ANOS) "...Aquele que nunca ta presente, que as vezes o filho precisa e o pai nunca ta do lado. Eu acho que esse é um pai mau."; M19 (63 ANOS) "... deixa os filhos jogados."
Comportamento do pai	Negativo (maltrata, briga, bate, xinga, espanca, estúpido, judia)	M1 (40 ANOS), M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	M1 (40 ANOS) "pai que maltrata os filhos, maltrata a mulher, chega em casa e fica brigando, aí é o pai ruim."; M6 (29 ANOS) "ah, que vive batendo nos filhos...estar sempre alcoolizado."; M7 (31 ANOS) "aquele que pega no pé demais, xinga, fala o que tem que falar, isso aí."; M14 (31 ANOS) "é espancar...espanca e tenta fazer isso."; M15 (31 ANOS) "aquele que maltrata os filhos, xinga."; M16 (38 ANOS) "...Quando fala sobre educação pede pra bater não pra conversar, ...quando a gente pede pra ele ajuda a educa ele fala que o melhor é bater do que conversar. Esse é o mau pai né. Ele é bem estúpido."; M17 (26 ANOS) "aquele que judia, que implora (explora)"; M18 (30 ANOS) "Aquele as vezes que espanca, que maltrata seu próprio filho, as vezes até falando..."; M19 (63 ANOS) "ruim é que judia dos filhos..."
Não sei		M12 (26 ANOS)	M12 (26 ANOS) "ah... pai eu não sei, nunca tive"

O que é uma boa mãe?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica como a sua		M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M14 (31 ANOS)	M5 (28 ANOS) “é a minha mãe!”; M6 (29 ANOS) “...é o que eu tento ser pra minha filha também.”; M14 (31 ANOS) “...porque eu to com 31 anos e é raro quando eu pego meus filhos pra dar um tapa, muito raro. Eu sento, eu converso, vai parar, não pode fazer isso. As vezes chega da escola, ai o Douglas fez coisa errada, chegou uma época que eu tive que, sabe, não espanca, mas passar por uma medida mais radical, porque sentava e falava “Douglas não pode fazer isso, olha filho, não pode” mas não teve jeito. Quando a conversa não resolve, tem que passar pra uma coisa assim, mas eu sou muito de conversar com eles, “fía, o que você tem? A mãe quer conversar com você”. Sou preocupada assim, com tudo assim deles. Tudo eu tento conversar, dialogar com ela, eu quero saber. Eu sempre falo que se acontecer alguma coisa ela tem que confiar na mãe, se acontecer alguma coisa ela pode chegar ne mim, que nem eu falo pra ela ve em mim não so uma mãe, mas uma amiga. Pra ela poder chegar na mãe e falar, “olha mae, arrumei um namoradinho” e eu não ficar falando “ah, quem você está namorando?” mas poder falar assim “olha, você está namorando, então tem que saber que é assim, assim e assim”. Quem nem eu falo pra ela, vai namora, vai, mas estuda pra saber fazer alguma coisa. O que eu não tive, eu quero passar pra ela. Independente do que acontecer, eu vou ficar velha, entendeu, e eu quero deixar alguma coisa pra eles.”;
É aquele que cumpre a(s) função (ões)	Afetiva (carinho, amor, gostar, ser boa)	M5 (28 ANOS), M11 (27 ANOS), M13 (27 ANOS), M15 (31 ANOS),	M5 (28 ANOS) “É boa, carinho...”; M11 (27 ANOS) “...dá carinho, dá amor.”; M13 (27 ANOS) “...Uma mãe boa é uma mãe que dá carinho...”; M15 (31 ANOS) “...também dá carinho, quer os filhos...”
	Socializadora (manda pra escola, ensina religião, escuta, dá conselho, da atenção, educa, respeita, corrigi)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M19 (63 ANOS)	M1 (40 ANOS) “ah, uma mãe boa é que não gosta das coisas erradas... manda pra escola...”; M2 (34 ANOS) “uma boa mãe é dar educação, é ensinar o caminho certo, pra que eles não venham a entrar em caminho errado, por isso que eu levo eles sempre pra igreja comigo, pra Deus sempre iluminar o caminho deles.”; M3 (35 ANOS) “...que impõem ordem, pra não fazer muita bagunça demais”, M4 (22 ANOS) “Boa mãe é aquela que escuta o filho, que dá conselho, que dá bastante atenção.”; M10 (35 ANOS) “é uma mãe amiga também né...”; M11 (27 ANOS) “...educa...”; M12 (26 ANOS) “mãe boa é que respeita os filhos...”; ; M13 (27 ANOS) “...dá atenção pros filhos...”; M14 (31 ANOS) “é você saber conversar com seu filho... porque eu acho assim, a mãe, ela tem que corrigir, porque se não tiver alguém que te corriji, vira bagunça né.”; M15 (31 ANOS) “a mãe é aquela que dá atenção...”; M19 (63 ANOS) “...uma boa mãe é que educa, que ensina tudo que é bom pros filhos é uma mãe boa né.”;
	Cuidadora (cuida, dá apoio, defende, zela, faz tarefas domésticas)	M1 (40 ANOS), M3 (35 ANOS), M6 (29 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M19 (63 ANOS)	M1 (40 ANOS) “cuida bem da casa, cuida da roupa, cuida das crianças, cuida do marido...”; M3 (35 ANOS) “que cuida também.”; M6 (29 ANOS) “...Sempre dando apoio, ajudando a gente no que pode, eu acho...”; ; M10 (35 ANOS) “...sempre te defendendo, sempre te ajudando”; M11 (27 ANOS) “mãe boa pra mim é a mesma coisa, é que cuida...”; M16 (38 ANOS) “...sempre cuidando, procurando saber sobre o que o filho apronta, né, porque como você vê, né, hoje em dia os filho apronta de mais e tem coisa que o filho apronta e as vezes você nem sabe né, mas os meus graças a Deus até hoje não tenho do que reclama não.”; M17 (26 ANOS) “aquela que zela, que cuida, que lava, que passa e que cozinha.”; M19 (63 ANOS) “que cuida dos filhos bem, né...”

	Está presente (não abandona)	M8 (41 ANOS), M10 (35 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M18 (30 ANOS)	M8 (41 ANOS) “uma boa mãe é aquela que está sempre presente.”; M10 (35 ANOS) “...que ta sempre ali...”; M15 (31 ANOS) “...está perto.”; M16 (38 ANOS) “uma boa mãe é quando ta sempre presente com os filhos né...”; M18 (30 ANOS) “Boa mãe é aquela que não abandona os filhos... As vezes é aquela que não abandona, não dá as costas pra eles, que esta sempre ali, “não, meu filho ta ruim mas eu to aqui” sabe? Que não abandona o filho por nada. Essa é a boa mãe.”;
Sentimento que desperta	Positivo - é tudo (indispensável)	M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS),	M5 (28 ANOS) “...é tudo”; M6 (29 ANOS) “mãe é tudo né, tudo na vida da gente é a mãe...”
Comportamento da mãe	Positivo (não maltrata, não judia, não bate, não espanca, não briga, não fala palavrão)	M7 (31 ANOS), M12 (26 ANOS), M14 (31 ANOS), M18 (30 ANOS)	M7 (31 ANOS) “ah, uma mãe que não bate, q não.. que não fala nome feio né.”; M12 (26 ANOS) “...e não tem briga com o marido.”; M14 (31 ANOS) “...não espancar...”; M18 (30 ANOS) “...que não maltrata, não judia...”

O que é uma má mãe?

Categories	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica a própria mãe		M9 (30 ANOS), M13 (27 ANOS)	M9 (30 ANOS) “por enquanto eu não estou sendo uma boa mãe, porque eu tenho umas coisas pessoais, sabe? Tenho uns problemas que eu mesma não to conseguindo conviver comigo mesma, de tanto reclamar de dor e as vezes as crianças me irrita, porque a dor é bastante. Eu sofro de crise de pânico, então as vezes as crianças faz alguma coisinha e isso me incomoda, me irrita, qualquer coisinha me irrita, minha mãe, meu marido, qualquer coisinha que falar me irrita, me estressa, me deixa nervosa, me deixa estressada. Então por enquanto eu não estou sendo uma boa mãe...”; M13 (27 ANOS) “um não ando sendo uma mãe boa, minha vida é só trabalhar...Mas eu também não tive uma mãe boa, a vida da minha mãe só trabalhava, então é o que eu faço, de mim tá passando pra eles e vai indo.”;
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não ama)	M14 (31 ANOS),	M14 (31 ANOS) “ser mãe ruim foi o que eu vi ontem... que não tem amor próprio mesmo pelo filho, não tem. Ontem eu fiquei triste. Foi ontem que caiu minha realidade que eu falei ‘Meu pai, o que ta acontecendo?’ ”
	Socializadora (não da educação, não compreende, não escuta, não da atenção)	M2 (34 ANOS), M4 (22 ANOS), M6 (29 ANOS), M9 (30 ANOS), M16 (38 ANOS)	M2 (34 ANOS) “..., não dá atenção,...”; M4 (22 ANOS) “aquela que não dá atenção pra filha, aquela que não observa o que o filho faz, que não presta atenção no que o filho ta fazendo, nas atitudes.”; M6 (29 ANOS) “não dá atenção pros filhos...”; M9 (30 ANOS) “que não compreende, não saber escutar, não entender o lado. Porque as vezes a gente quer escutar e não quer, as vezes apronta e vem “mãe eu não fiz”, não, alguma coisa fez, se você aprontou você tem que ter feito alguma coisa, atoa ninguém vai falar que você fez. Acho que é isso, não saber escutar o filho.”; M16 (38 ANOS) “...não vai na escola saber dos filhos,...”,
	Cuidadora (não cuida, não liga, não se preocupa, não ajuda, não zela)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M19 (63 ANOS),	M2 (34 ANOS) “Mãe má é que não cuida das crianças, deixa as crianças jogadas... não liga.”; M3 (35 ANOS) “que não cuida...”; M5 (28 ANOS) “...não ta nem ai com o filho”; M6 (29 ANOS) “...deixar sozinho e sair pra bagunça, eu acho que é isso, ai os filhos vão pra perdição.”; M10 (35 ANOS) “uma mãe ruim também, mãe ruim é aquela que não liga, você esta precisando de ajuda, ela sabe que você ta precisando de ajuda, mas ela não liga, ela te dá as costas.”; M11 (27 ANOS) “é aquela que não sabe nem o que tá acontecendo com o filho, não liga pro filho”; M14 (31 ANOS) “...Uma mãe que não ta nem ai...”; M16 (38 ANOS) “...não procura saber o que os filhos ta aprontando, e quando sabe não ta nem ai, porque eu já sei caso assim. E também é assim, quando o filho ta doente não se preocupa. Eu acho que isso daí é uma mãe que não ta nem ai sabe, porque tem coisas que a gente fica sabendo que magoa muito a gente sabe? Mas é ... sei lá, uma mãe que não ta nem ai com os filhos, não se preocupa, ...então eu acho que isso é uma mãe má, que não se preocupa com nada, né.”; M19 (63 ANOS) “que não cuida, não zela pelos filhos...essa é a mãe ruim.”
	Não estar presente (abandona, rejeita, deixa os filhos na rua)	M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M5 (28 ANOS), M7 (31 ANOS), M8 (41 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	M2 (34 ANOS) “uma mãe deixar 3 filhos chorando, na esquina da casa, pra que? Pra ir pra balada.”; M3 (35 ANOS)“...que o filho fica jogado pra rua.”; M5 (28 ANOS) “mãe ruim é aquela que abandona o filho. Tem filho, abandona...”; M7 (31 ANOS) “...que toca o filho de casa. Essa é a mãe ruim.”; M8 (41 ANOS) “é aquela que rejeita seus filhos.”; M17 (26 ANOS) “a má mãe é aquela que não esta com o filho na hora que mais precisa, na hora do filho desabafar não ter a mãe por perto. É isso.”; M18 (30 ANOS) “...que as vezes abandona,... é aquela que abandona os filhos, que não quer estar do lado deles como se não tivesse nenhuma responsabilidade. Acho que essa é a mãe má.”; M19 (63 ANOS) “...deixa [os filhos] jogado pras ruas...”

Comportamento da mãe	Negativo (bate, briga, espanca, grita, maltrata, responde, xinga, agride)	M1 (40 ANOS), M7 (31 ANOS), M9 (30 ANOS), M12 (26 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M18 (30 ANOS)	M1 (40 ANOS) “a mãe ruim é que chega em casa e bate nos filhos, briga com o esposo, isso é uma mãe ruim.”; M7 (31 ANOS) “Que espanca o filho, que xinga...”; M9 (30 ANOS) “As vezes eu brigo, eu bato, bato porque as vezes precisa mesmo apanha. As vezes eu grito, falo coisas que não é pra falar, peço desculpa, peço perdão pra Deus, mas as vezes é coisa que sai mesmo, sai da minha cabeça sem pensar.”; M12 (26 ANOS) “que bate nos filhos, maltrata, responde”; M15 (31 ANOS) “que xinga, maltrata”, M16 (38 ANOS) “é quando ela começa agredir demais o filho...”, M18 (30 ANOS) “Que maltrata o filho,... que agride os filhos, se não é batendo, as vezes é verbalmente...”;
Não sei		M13 (27 ANOS)	M13 (27 ANOS) “eu não sei o que é uma mãe ruim, acho que nenhuma mãe é ruim. Independente do a mãe faça pros filhos, sempre ela quer o bem deles né, não importa se ela está certa ou se ela está errada”

O que é um bom filho?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica membro da família		M7 (31 ANOS), M14 (31 ANOS), M16 (38 ANOS),	M7 (31 ANOS) “ah, essas bênçãos minha, rs. Eles são bom. Eles são arteiro né... ah.. isso daí mesmo.”; M14 (31 ANOS) “...Eu to com 31 anos fia, é raro quando nós duas bate de frente (mãe e avó), assim eu converso, falo... ah mãe, não é assim, mas gritar não, nunca gritei com minha mãe, nunca ficamos de mal, a gente conversa, da risada, quando vê já esqueceu tudo e eu quero que ela (filha) seja assim comigo.”; M16 (38 ANOS) “É... eles são bom filhos porque eles são educados, pelo menos a educação assim.... assim.. rebelde que não obedece tanto, como eu vejo que tem filho que sai por aí, não avisa, apronto... eu acho que os meus filhos são bom filhos.. tem a rebeldia deles, mas é normal da adolescência né... é...normal.. é isso aí.”
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetiva (carinho)	M5 (28 ANOS)	M5 (28 ANOS) “...dá carinho”
	Acadêmica	M6 (29 ANOS), M9 (30 ANOS),	M6 (29 ANOS) “...sendo bom na escola...”; M9 (30 ANOS) “...ir bem na escola, na escola e no projeto, porque lá é o lugar onde eles mais fica, na escola e projeto, porque em casa eles ficam bem pouco... Estudar, tem que estudar, hoje em dia tem que estudar, querendo ou não tem que estudar, senão você não tem um bom futuro... Então eu quero que eles estudem, tenha uma profissão, tenha uma educação diferente, tenha uma profissão né, é tudo na vida da gente o estudo né”
	Colabora com a família (ajuda a mãe, responsável)	M6 (29 ANOS), M10 (35 ANOS), M17 (26 ANOS),	M6 (29 ANOS) “Ajudar também a mãe também né...”; M10 (35 ANOS) “um filho bom é aquele que faz tudo pra você não chora, pra não ver uma lágrima cair do seu olho, né, faz de tudo pra fazer tudo certo pra você não ficar triste”; M17 (26 ANOS) “aquele que é responsável...”

	Segue Regras Sociais (obedece, respeita, educado, escuta, não responde, sabe os limites, não maltrata, não discuti, conversa)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M9 (30 ANOS), M11 (27 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS),	M1 (40 ANOS) “o filho bom é... tem muito filho bom que não gosta de conselho. O meu mais velho mesmo não gosta de conselho, agora que ele ta entendendo, que eu to conversando com ele, agora que ele ta aceitando meu conselho.”; M2 (34 ANOS) “um bom filho é eles sempre respeitar o pai e a mãe, os avós, as tias”, M3 (35 ANOS) “é aquele que obedece.”, M4 (22 ANOS) “aquele que respeita, que obedece, aquele que ouve os conselhos.”; M5 (28 ANOS) “...que respeita...”; M6 (29 ANOS) “educado, não ser sem educação...sendo bem educado com os outros.”; M9 (30 ANOS) “...é obedecer, saber o que não é não. Quando é sim tudo bem, mas quando é não é não. Saber obedecer... não sair de casa e chegar a hora que quer...é escutar a mãe né, quando tem que escutar, ... escutar a gente... não responder, pra ninguém, não só pra mãe, mas pra qualquer adulto na rua, ...Chega do projeto, vem almoçar e já vai pra escola, da escola vem pra casa só pra dormir, então eles tem que aprender a se comportar tanto no projeto, quanto na escola, porque os professores, os tios do projeto estão lá pra ficar com eles mesmo... Escutar né, escutar a família, escutar a mãe, escutar o vô e a vô. Escutar os tios, porque a gente fala não é por mau é por bem. É porque eu já passei por isso, já vivi isso, já falei pra eles, eu já vivi isso, se vocês não me escutar, vocês querem ficar com 30 anos com 5 filho pra cuidar e casar novo e não ter um futuro, porque eu não estudei, eu não estudei, não fiz nada da minha vida, estudar mesmo eu não estudei nada”, M11 (27 ANOS) “filho bom pra mim é que sabe seus limites, sabe ser educado, sabe ter educação, é isso.”; M12 (26 ANOS) “é que respeita as mães, que é educado, que não maltrata as mães”; M13 (27 ANOS) “um filho obediente, que não me dá trabalho e nem dor de cabeça, coisa que aqui em casa eu não ando tendo muito não, filhos obedientes.”; M14 (31 ANOS) “Bom filho também é respeitar a sua mãe acima de tudo, estando certo ou errado, porque hoje em dias os filhos debatem muito com a mãe né. Mas assim, saber respeitar, saber falar...Tem que respeitar mãe acima de tudo, independente do que aconteça...”; M16 (38 ANOS) “um bom filho é quando obedece os pais, principalmente a mãe que ta sempre aqui presente...”; M17 (26 ANOS) “...educado, que tem uma personalidade boa”; M18 (30 ANOS) “Bom filho é aquele que ouve, que respeita, que não discute com os pais com a mãe, é aquele que as vezes tem um problema e chega e desabafa com a mãe e com o pai. Esse é um bom filho.”; M19 (63 ANOS) “que obedece pai, mãe né, isso é um filho bom.”
Sentimento desperta	Positivo -tudo (indispensável)	M15 (31 ANOS)	M15 (31 ANOS) “um bom filho é tudo né. Tudo”
Não respondeu		M8 (41 ANOS),	M8 (41 ANOS) “Um bom filho também faz coisa errada, ele obedece mas também faz coisa errada, ele não é 100%. O único ser perfeito era Cristo, a gente está aqui pra errar e aprender com os erros.”;

O que é um mau filho?

Categorias	Temas	Mães	Verbalizações
Identifica um membro da família		M14 (31 ANOS)	M14 (31 ANOS) “Sabe, minha irmã também já viveu esse caso, já querer dar tapa na cara da minha mãe, mais ou menos pra dar tapa na cara da minha mãe. Hoje ela mudou bastante, mas ela era uma filha que eu vou falar a verdade pra você.”
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Não segue regras sociais (não obedece, responde, não escuta, briga, judia, não respeita, não tem educação)	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M9 (30 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M12 (26 ANOS), M13 (27 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	M1 (40 ANOS) “filho que não obedece, a gente fala, fala, fala e ele não obedece. Esse ai é um filho ruim.”; M2 (34 ANOS) “filho mau é que não obedece a gente, que não obedece a gente, a gente vai querer dar conselho eles não obedece. A gente fala pra fazer uma coisa e eles faz outra. É isso ai.”; M3 (35 ANOS) “que é respondão, que quer fazer o que quer, que não obedece o que a gente fala.”; M4 (22 ANOS) “filho mau é aquele que não ouve os conselhos dos pais”; M5 (28 ANOS) “filho ruim é aquele que desrespeita, não escuta a mãe, grita com a mãe.”; M6 (29 ANOS) “ahh.. respondão, só quer saber de rua”; M7 (31 ANOS) “um filho mau é aquele que a mãe fala e ele não obedece, a mãe ta falando e ele não escuta, então eu acho que é uma criança mau. Não quer escutar mãe, quer ficar por ai.”; M9 (30 ANOS) “É desobediente, não fazer o que tem que fazer...”; M10 (35 ANOS) “aquele que você quer ajudar, você esta ali mas ele não se importa, ele não esta nem ai, ele quer viver a vida dele, acha que é só ele no mundo, um filho ruim é aquele que faz a gente chorar”; M11 (27 ANOS) “aquele que não obedece, é isso. Desobediente, filho ruim é filho desobediente...”; M12 (26 ANOS) “filho ruim é que responde as mães né, mal educado”; M13 (27 ANOS) “um filho ruim é um filho desobediente, brigam, ai.. e agora... ah é isso, que não reconhece nada do que a família faz por ele.”; M14 (31 ANOS) “aquele que judia da mãe viu, a mãe fala ele bate boca, vai por cima da mãe...”; M15 (31 ANOS) “mau filho é o filho que não respeita a mãe, xinga a mãe, fica pro meio da rua.”; M16 (38 ANOS) “um mau filho é quando responde, né. Nossa! Quando responde demais... Que nem no caso dos meus meninos, tem hora que eles responde assim, mas não tipo falando aqueles palavrão. Você já escutou filho fala aqueles palavrão feio pra mãe né?. Então tipo assim, quando eu vou falar uma coisa alta, eles fala alto também e fala “não fala assim comigo” mas é assim, coisa de adolescência né.”; M17 (26 ANOS) “Mau criado, que não tem educação, que não se comporta.”; M18 (30 ANOS) “filho mau acho que é aquele que não ouve. As vezes você dá conselho e ele não quer ouvir, que fala ‘eu sei o que eu to fazendo’ só que no final você sabe que ele não está fazendo a coisa certa, que a mãe e o pai ta dando conselho e ele não ouve. Aquele que quer ir pela própria cabeça. Esse é o filho mau.”; M19 (63 ANOS) “o filho ruim é assim, respondão né, fala e não obedece.”;
	Não está presente	M8 (41 ANOS)	M8 (41 ANOS) “é aquele que mesmo sabendo que tem pais ele prefere continuar sozinho.”

Você está satisfeita com sua família?

Categoria	Mães	
SIM	M1 (40 ANOS), M2 (34 ANOS), M3 (35 ANOS), M4 (22 ANOS), M5 (28 ANOS), M6 (29 ANOS), M7 (31 ANOS), M8 (41 ANOS), M10 (35 ANOS), M11 (27 ANOS), M12 (26 ANOS), M14 (31 ANOS), M15 (31 ANOS), M16 (38 ANOS), M17 (26 ANOS), M18 (30 ANOS), M19 (63 ANOS)	
Mais ou menos	M13 (27 ANOS), M20 (30 ANOS)	M13 (27 ANOS) “mais ou menos, estaria mais se ela não estivesse me dando trabalho na escola (filha mais velha), porque eu não peço nada pra eles, só quero que eles estudem, igual eu falo pra J., pra não acabar a vida igual eu, lá no canavial cortando cana, mas não está sendo possível.”; M20 (30 ANOS) “to, mas eu queria ta mais contente, porque eu queria que os meus filhos tivessem comigo.”;

Lista de categorização das falas dos avôs

O que é família?

Categories	Temas	Avô	Verbalizações
Identifica		VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 15 (63 ANOS) “A família que eu tenho né”
Coabitação	Mesmo domicílio	VÔ 3 (65 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “família é o homem e a mulher, ele encontra uma boa esposa e casa né. E casando, eu sempre falo pras crianças lá em casa né, um vem das vez lá do nordeste, a pessoa ta aqui, nunca se viram, o que acontece depois, passa a gostar, se casa. A gente abandona a casa dos pais da gente, a moça abandona a casa dos pais dela pra ir embora junto com a pessoa. Isso porque é um arranjo de Deus. O próprio Deus quando ele criou o Adão, depois mais tarde as escrituras sagradas dizem que ele criou a Eva, mas porque ele fez a Eva? Adão ele criou pra tomar conta dos animais né, e ele via que os animais tudo era casal né, o macho e a fêmea e ele era sozinho. Então fala que ele começou raciocinar na cabeça, ele era um homem sabido né. Ai fala que o próprio Deus colocou ele num sono profundo e arrancou uma costela dele e fez a Eva. Quando ele acorda ele conheceu, ele sabia, era um homem perfeito, ele falou “ossos dos meus ossos e carne da minha carne, é chamado mulher”. Na bíblia fala varoa e ele varão. Ai Deus fez o casamento, “multiplicai e enchei a terra”. Então é o que ta falando, a moça vem lá de longe, não conhece, as vezes vem criança, cresce as vezes perto, quem imagina que vai casar. A outra esposa minha mesmo eu fui criado junto, mas nunca, eu nem pensava, nos era criancinha que mais tarde casaria. Depois casou, era uma boa esposa também, vivemos 17 anos, depois ela faleceu, ai eu casei com a Arlinda. Então família é nesse sentido, que eu acabei de falar pra você. Vem de longe, depois se encontra, nunca tinha visto, se casa. A mulher fica vivendo com ele, ele vivendo com a mulher e depois do casamento só a morte pode separar as pessoas.”
Função que a família exerce	Provedora (suprir)	VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 7 (49 ANOS) “... pra suprir certinho,...”
	Socializadora (responsável, educação)	VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 7 (49 ANOS) “ ah eu creio que uma família é.. desde o momento que a gente tem aquela família, a gente tem aquela responsabilidade pra criar né,... pra não ter problema pra amanhã ou depois, que nem problema tem, a gente vê por ai, a gente sabe, mas não tem que comentar com ninguém. E... e educação também, ...quanto a gente, a avó deles... porque uma criança dessa daí, é o que ele precisa, bate não precisa, espancar não precisa, né, nós temos mais é que conversar, aconselhar, pra chegar até aquele final que a gente quer. Então é o que eu peço pra ele sempre, obedecer, obedecer na escola, estudar certinho né, as professoras, diretoria, porque isso ai é o bem pra eles mesmo, porque hoje em dia, que nem nós... se nós não tiver o estudo, quem será nós amanhã ou depois né. Eu creio que em 2014, que nem eu trabalho a muito tempo na Usina, já faz 27 anos, sem o estudo, depois de 2014 em diante, se não tiver estudo vai ser difícil pra qualquer um de nós sobreviver, principalmente nessa usina, nesses empregos que nós temos hoje em dia. Pra nós não né, nós já ta no fim né, Deus me perdoe falar, mas é isso ai mesmo. Então nós temos que instruir mais essas criança de hoje em dia.”
	Cuidadora (cuida)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “...tem q cuidar da gente enquanto for vivo e as netaiada meu é mesma coisa que fosse filho né, o que eu faço pra um eu faço pra todos eles. Não bato neles, nunca bati até hoje, graças a Deus. Pra mim é mesma coisa que ser filho, os meus netos. Eu acho que é melhor que os filhos meus, porque os filhos meus a gente dá conselho e eles não escuta o conselho da gente né. Eles já ta de idade lá. Isso é ruim pra gente, pra eles mesmos. Agente fala alguma coisa pra eles entra num ouvido e sai no outro, não sei o que acontece com eles.”; VÔ 7 (49 ANOS) “... o que a gente puder fazer pra ajudar né...”;
	Aglutinadora (unida)	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “...permanece unida, então é uma família.”; VÔ 10 (58 ANOS) “... a gente ter uma família unida,...”
Sentimentos que a família desperta na criança	- tudo (indispensável, importante, boa)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “Família é boa gente...”; VÔ 4 (49 ANOS) “...mas aqui eu acho que família parece que é tudo né, representa tudo pra gente...”; VÔ 10 (58 ANOS) “uma família no meu sentido é tudo, pra gente uma família eu acho que é muito importante ...uma família boa. Eu acho isso, é importante uma família, a gente tem que ter uma família.”
Não sabe		VÔ 4 (49 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “ Eu não sei o que é família... eu fui criado meio sem família,...”

Quem é sua família?

Categories	Temas	Avôs
------------	-------	------

Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS),

Quem mora com você?

Categorias	Temas	Avôs
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	VÔ 4 (49 ANOS)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros)	VÔ 15 (63 ANOS)
	Casal	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)
	Criança com responsáveis	VÔ 7 (49 ANOS)

O que é uma boa família?

Categories	Temas	Avôs	Verbalizações
Identifica a própria família		VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 7 (49 ANOS) “uma boa família eu creio que somos nós, porque Graças a Deus já faz 18 anos que nós estamos aqui em I., entre família aqui, eu não tenho o que dizer nada até hoje.”
É aquela que cumpre suas funções	Socializadora (ensina, ensina a bíblia)	VÔ 3 (65 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “Família boa é as pessoas, o pai que senta com os filhos e ensina pros filho o que eles tem que fazer pra ser alguém na vida, como tem que trata os outros, no serviço, quando tá trabalhando, as escrituras sagradas. Eu já li muito a bíblia, 38 anos eu tenho conhecimento das escrituras. Ela fala que a gente tem que trabalhar lá pro patrão como se tivesse trabalhando pra Deus, lá de riba o próprio Deus fica acompanhando o que tamu fazendo aqui na terra, porque ...você lê a bíblia? A bíblia fala que no final dos tempos vai ter uma separação das ovelhas dos cabritos né, e como é essa separação? O próprio Deus ta dando um tempo pras pessoas boas fazer o que é bom, aí você vai ser separado por aquilo que você fez. Se você fazer as coisas mal, você ta incluído, não pode ta incluído com quem faz as coisas boas. Mas então, quer dizer, e as pessoas tem que passar pros filhos, ensinar os filhos fazer as coisas certinho. E não é só essa separação ai, mas a pessoa andando perfeitamente no caminho do bem, todo mundo gosta. Ninguém gosta de conversar com uma pessoa que é mal criado, você fala uma coisa e ele responde outra, as vezes você não deve nada mas a pessoa começa pensa que você é mais que ele, começa fazer ofensa. Isso aí feio. Porque Deus não repara... ele separa as pessoas pela bondade. Todo mundo é assim, conviver com uma pessoa que ele é bondoso, você tem outra vida, você não esquentar a cabeça, não tem ressentimento, não tem nada, você vai embora quem fica aqui tem saudade. Então eu passo tudo isso ai com meus filhos. Tem uns que aprendem mais rápido né. Aquele miúdo lá (neto), ele é o que tem menos estudo que os outros, mas ele tem um coração que a gente percebe que, se ele fazer uma coisa errada e a pessoa chama atenção, ele começa chora e se ele erra também e uma pessoa e depois ele viu que tava errado, ele volta fala com você novamente e esteja onde estiver, dali pra frente ele não toca mais no assunto. Então é um bom coração. Mesmo os meus filhos, que eu criei mais minha mulher... eu não queria outra vida não, essa vida ta boa pra
	Aglutinadora (unida)	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “família boa é uma família unida.”; VÔ 10 (58 ANOS) “...então pra ser uma família boa tem que ser unida, uma família unida é uma família boa.”
Comportamento da família	Positivo (não dá trabalho, não faz sofrer, presta)	VÔ 10 (58 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 10 (58 ANOS) “família boa é assim, é filho que não dá trabalho pra gente, então é uma família boa, que não dá problema pra gente... é que não faz a gente sofrer... A família boa tem que procurar o melhor, fazer o melhor, fazer o bem, não ir atrás de certas coisas [drogas]... assim não vai ser uma família boa, claro que não...”; VÔ 15 (63 ANOS) “uma família que presta né, que presta pra gente e a gente presta pra eles também.”
Não respondeu à pergunta		VÔ 2 (70 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “é uma boa família é difícil ser uma boa família, porque hoje em dia porque hoje em dia ta meio ruim. Porque as vezes um lado já é boa gente, pro outro lado já não dá mais certo. Por isso que é ruim. As vezes a gente conversa com o filho e ele não escuta conselho do pai, não escuta conselho da mãe, chega na esquina ali, outro da conselho pra ele e ele já escuta conselho de outra pessoa. E, a gente dá conselho pros meus filhos, a gente dá conselho, mas eles não escuta conselho de pai e mãe. Hoje em dia tá assim, não é que nem antigamente que pai e mae falava as coisas pra gente e a gente falava que não ia fazer isso nem aquilo. Mas hoje os filhos não ta com nada não, as vezes conta até mentira pra gente. Fala uma coisa e tá fazendo outra. Hoje em dia é muito complicado, hoje em dia.”

O que é uma família má?

Categorias	Temas	Avôs	Verbalizações
Identifica um membro da família		VÔ 2 (70 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “É família ruim é quando tem um ali que não da certo, ai já atrapalha tudo né, atrapalha a família inteira, porque se a pessoa fez alguma coisa errada, ai o pai já não da mais certo, a mãe já não dá mais certo, a vida fica meio atrapalhada mesmo né, porque não tem sossego pra nada mesmo né, pra dormir, pra ir pra lugar nenhum, não tem sossego pra nada. Que nem as vez mesmo ela ficou ruim por causa de filho, ela (avó) foi parar na UTI lá da Barra, de tanto passar nervoso por causa de filho, ela ficou ruim mesmo, de tanto passar nervoso, chora um pouco, chora hoje, chora amanhã, chora de dia e daí a pouco ficou ruim de uma vez ai, quase que ela morreu, de tanto passar nervoso por causa de problema de filho. Porque é ruim viu, pra pai e mãe, pior coisa que tem é quando um filho erra, olha, não da mais nada certo, nunca fica bom mais na vida. É que agora, vamos ver né, graças a Deus parece que agora ta endireitando, ta trabalhando, vamos ver, pra ver se Deus ajuda, ta trabalhando agora, se Deus ajudar, tudo bem. Só que não é fichado, é fazendo bico, mas tá.”
É aquela que não cumpre suas funções	Socializadora (não respeita, não reconhece, não obedece)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “eu acredito que pra um homem edifica uma família ruim, ai fica difícil pra ele né. Porque se você ensinou os filhos coisas boas, o filho agiu coisas boas, ai é difícil ser uma família ruim. Eu acho que é aqueles que não respeita pai e mãe. O pai faz tudo pra ele, porque tem filho que é assim, mesmo o pai fazendo tudo pra eles, não ta bom pra eles. Ele não vai agi do jeito que o pai ensinou, ele vai contra o que o pai ensinou, e ai causa maldade pra gente né. Porque ai o filho não age como o pai ensinou e amanhã ou depois o pai precisa tirar ele da cadeia.”; VÔ 4 (49 ANOS) “...família que ninguém respeita ninguém”; VÔ 7 (49 ANOS) “uma família ruim é o tipo assim... aquela família que você fala, eles não obedece, leva tudo por conta, se torna uma família mais difícil de cuidar né.”
	Aglutinadora	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “família ruim é família desunida...”; VÔ 10 (58 ANOS) “...que não tem união...”
Comportamento da família	Negativo (não presta, briga, desavença, discussão)	VÔ 10 (58 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 10 (58 ANOS) “uma família ruim...bom.. vixi tem um monte de coisa pra forma uma família ruim... ah tem bastante coisa, por exemplo, uma família que tem desavença, que tem aquele brigueiro dentro de casa,... aquela discussão dentro de casa o tempo todo, ai vai de mal a pior. ...”; VÔ 15 (63 ANOS) “É uma família que não presta né, porque uma família que presta não anda com briga.”

O que um bom pai?

Categorias	Temas	Avôs	Verbalizações
Identifica um membro da família		VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) "...como eu sempre faço com eles, que eu faço pra um eu faço pra todos eles, pra mim meus netos é mesma coisa que meus filhos, tudo eles."; VÔ 7 (49 ANOS) "é... um pai bom será da forma que eu sou, entendeu?..."
Aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Afetivo (carinho, agrada)	VÔ 4 (49 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) "...da carinho pros filhos, tenta agradar os filhos né."
	Provedor (trabalha, não deixa faltar nada)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) "o pai bom é aquele que eu já falei pra você, tem que trabalha...Se eu vive na vida, eu ando lá na usina, trabalhei lá 37 anos, você pode pegar meu nome e ir lá na usina, nunca levei um gancho, nunca briguei com o chefe. O que ele passava eu tinha que fazer, eu sei que eu tinha que fazer, pra sustentar minha família eu tinha que fazer. Eu sai da usina, teve pessoa lá que se machucou, ai um dia a caminhonete encostou lá em casa e o homem falou "oh Sr. Zé, vamos lá que num sei quem se machucou o pé lá, e ele não aposentou até hoje porque ele prestava serviço lá, de uma empresa de fora". Ai eu falei, nossa 31 anos depois e ele ainda não aposentou, hoje ele tá véinho já, mas o processo tá lá no fórum e precisa de uma pessoa responder lá pra juíza pra modo ele poder aposentar. Ai eu fui pra lá. Sabe o que aconteceu, o dono da firma que ele trabalhava morreu e ai ficou parado, sem poder aposenta. A mulher dele foi trabalha, trabalhou 25 anos, ela aposentou e ele não, ficou sem aposentar. Ai foi a advogada levantar o caso e levou lá pra usina e eu já tinha parado de trabalha lá na usina. Ai vieram atrás de mim e eu fui lá no fórum, a juíza perguntou se eu conhecia, ai eu falei que sim, que ele trabalhava lá comigo. Ai ela perguntou como ele cortou o pé. Ai eu falei pra ela que a esteira movia, e ela movia e ele não sabia e enfiou o pé na rosca e a esteira cortou metade do pé dele fora. Falei então, esse rapaz precisa aposentar, porque até hoje, ele ficou 4 anos encostado e depois não pode mais toca a vida dele. Ai a juíza fez a usina aposentar ele. Ai a usina aposentou ele e ele saiu aposentado dali. Então eu trabalhei ai na usina, e falei 'pra você, qualquer lugar que eu vou la, até na rua, por isso que eu falo que é bom a pessoa andar direito, porque até hoje, eu to andando na rua e as pessoas chegue e tampa meus olhos: "fala meu nome", fala meu nome, as vezes eu não conheço a pessoa nem pela voz, mas a pessoa me conhece, mesmo olhando nas pessoa é difícil, mas ai eles puxam o tempo que trabalhou na usina né "oh rapaz, você me ensinou a trabalhar lá", só que eu ensinei lá na usina uns 60 saqueiro trabalha. Ai eles vão lá pro nordeste e volta e ai eu não conhecia mais. Ai eu penso ai, olha se eu tivesse feito alguma coisa mal, a pessoa não podia ter me dado uma bordoadada? Invés de chegar com alegria, chegava por trás né, agora, ele me judiou de mim lá e eu vou judiar dele agora, eu morria e ninguém ficava sabendo porque tinha morrido... mas no caso se é bondade... Então se eu saiu de casa aqui, a mulher fala assim pra mim, vai, mas volta logo, eu falo vou e já volto, mas chego lá na rua e encontro as pessoas e começo conversa, ai quando olho no relógio passou 3h e tenho que ir embora pra casa, então pra mim, todo lugar que eu estiver eu ... é só alegria."; VÔ 15 (63 ANOS) "...que não deixa falta nada pra
	Socializador (da exemplo, põem filho na escola, ensinar, corrigi, orienta, quer o bem, conversa, educa, da conselho, da valor)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) "...tem que ponha os filhos estudar, sentar com eles e explicar o dom da vida, como é que eles tem que levar a vida, ai ele passa aquilo que ele é para os filhos..."; VÔ 4 (49 ANOS) "pai bom é pai que dá valor pros filhos..."; VÔ 7 (49 ANOS) "...sempre conversando, procurando conversa, dando educação... sempre na base do conselho, entedeu?"; VÔ 10 (58 ANOS) "o pai bom é o exemplar. O pai tem que ser... que é o cabeça, né, se tiver uma coisa errada tem que corrigir, sempre orientar, sempre querer o bem dos filhos... é... pra ser um pai bom tem que ver o lado do filho, orientar, dizer "não é assim, é assim e assim..." , explicar, ensinar, pra ser um pai bom tem que corrigir o erro, ve uma coisa errada a gente tem q corrigir do jeito que a gente quer. Porque se o pai não ligar, deixar fazer tudo do jeito que quer não é um pai bom. O pai bom tem que
	Cuidador (cuidar)	VÔ 2 (70 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) "Um bom pai é cuida da mulher, cuidar dos filhos, cuidar das netaiada..."
Comportamento do pai	Positivo	VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 7 (49 ANOS) "... sem precisar espancar..."; VÔ 15 (63 ANOS) "um pai que presta, que presta pra família..."

O que é um mau pai?

Categorias	Temas	Avôs	Verbalizações
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Provedor (não compra as coisas, não dá coisas)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) "...Na hora as vezes, não age pra tratar, o pai pegou serviço, se não da pra ele pegar um serviço bom, ele tem que agir naquele que ele ta, não... ai as vezes a família vai falar pra ele que ta faltando as coisas... Ta ganhando as coisas mas não traz o dinheiro pra dentro de casa. Ganha dinheiro né, mas encobre dos filhos."; VÔ 15 (63 ANOS) "...deixa faltar o que comer dentro de casa pra turma..."
	Socializador (da mau exemplo, não orienta, não da conselho, não educa)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) "...O filho acaba descobrindo, porque o filho sempre tem o pai como homem honroso né, mas se o pai faz coisa mal encoberta, ele se torna um pai ruim, porque quando vai descobri o pai ta preso as vezes e ai, nossa, mas o pai não era assim?..."; VÔ 4 (49 ANOS) "...que não dá valor pros filhos"; VÔ 7 (49 ANOS) "é um pai que tem os seus filhos e não sabe educar. Eu creio que esse é um pai mau."; VÔ 10 (58 ANOS) "...não orienta... saber doutrinar, aconselhar pra bem, pra ser um pai bom né, pra ser um pai ruim é aquele que não liga pra nada, então não vai ser um bom pai, o bom pai vai ensinar, orientar, vai explicar, o mal pai já não liga pra isso, então não é um bom pai."
	Cuidador (não liga, não ajuda)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) "Ah, é aquele que não liga pra filho, não liga pra neto, não liga pra ninguém. Eu acho que esse é o pai ruim."; VÔ 10 (58 ANOS) "o pai ruim é aquele que não liga pra nada, do jeito que vai, vai, não ta nem ai com os filhos, não procura ajudar..."
Comportamento do pai	Negativo (mente, judia, bate)	VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) "... ai ele age contra, bate... é o que ... pai ruim é aquele que tanto pra esposa quanto pros filhos, fala uma coisa e não está fazendo, quando o filho vai descobri, ele esta no caminho da maldade... não era assim dentro de casa né, mas lá na rua ele agia daquele jeito, por isso ele foi preso e deixou os filhos e a mulher. Então esse é um pai ruim, que não age direito né. As vezes precisa da policia entra no meio pra poder separar, filho um do outro, pai e mae, um trabalho que a policia não precisava ter. Olha, aqui na rua quando eu era pequeno so tinha um policia, o Zé cabo, ele tinha outro nome mas a gente falava Zé cabo. O que acontecia com o Zé cabo, ele olha Igarapu inteirinho, olhou Igarapu 12 anos, nunca prendeu ninguém. O que que ele fazia, quando ele via qualquer coisa ele falava "oia o que você ta aprontando ai, que tomou um pouco de pinga a mais, vou falar pro seu pai", e ele abaixava a cabeça e ia embora. Então o bom filho escuta as coisas que fala e o bom pai também tem que agi direito pra dar um bom caminho pro filho, porque se ele agir mal o filho não pode fazer coisa boa."; VÔ 4 (49 ANOS) "pai ruim é um pai carrasco..."; VÔ 15 (63 ANOS) "É aquele que faz judiação com a família dele... bate na mãe, bate nos pais, isso é um pai ruim."

O que é uma boa mãe?

Categories	Temas	Avôs	Verbalizações
Identifica um membro da família		VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “é o caso da minha esposa. Ela não sendo a mãe,... como fala biológica, ela agiu como se fosse a mãe, que nem o modo que eu falei pra você dos mais novos. Ele fala que não conhece a mãe dele e que a mãe dele é ela, que criou ele. Agora, porque que ele fala isso? Ela nunca deu um tapa neles, nunca bateu neles. Ele é o mais chegado porque era pequenininho e sempre andava junto com ela. E quando ele machucou a perna, ela ficou lá no hospital com ele, ele preocupado com a mãe, onde que ela vai dormi. Ai ela explicou pra ele que lá a mãe não podia deitar, então passou a noite inteira la. E até hoje depois de grande, ele ainda ta falando. “a minha mãe ai” . Chega, abraça ela...quer dizer, uma mãe, que não foi mãe biológica dele, mas que ele tem como mãe. E os outros mesma coisa. Não sei o que que o Nilton falou dela pra você, mas tenho certeza que se você pergunta dela pra ele, ele vai dizer que ela sempre foi uma mãe boa.”; VÔ 7 (49 ANOS) “eu creio que uma mãe boa será que nem essa que tá aqui, que é a vó dele, que é mãe e vó ao mesmo tempo... Tem a mãe dele mesmo que é a V. né, mas só que ele veio com ela desde que era criancinha né.”
É aquele que cumpre a(s) função(ões)	Afetiva (agrada)	VÔ 4 (49 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “...ta sempre agradando os filhos, fazendo coisa que eles gostam.”
	Provedora (vê o que precisa, não deixa faltar)	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “...vê o que o filho precisa, que não precisa...”; VÔ 15 (63 ANOS) “...que não deixa falta nada pra turma come dentro de casa.”
	Socializadora (orienta, corrigi, ensina, da valor)	VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 4 (49 ANOS) “mãe que sabe dar valor pros filhos...”; VÔ 10 (58 ANOS) “...orientar.. se ver uma coisa que não ta certo tem que explicar ‘olha não é assim, é assim e assim’... então eu acho que uma boa mãe é assim também, que corrigi os filhos também pra que seja do jeito que ela quer também.”
	Cuidadora (cuida, ajuda, cria)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “Uma boa mãe, ah, mãe é mesma coisa né, tem que cuida dos filhos, dos netos, é o que tem, porque os outros já ta tudo de idade, já ta de maior, tem que cuidar da netaiada né, porque agora é o mais pequeno que tem né. E o bisneto, já tem mais um por ai.”; VÔ 7 (49 ANOS) “...porque é ela que cuida né...Mãe boa é aquela que cuida, que cria.”; VÔ 10 (58 ANOS) “ah...mesmo sentido também né, a mãe boa tem que procurar ajudar os filhos...”
Comportamento da mãe	Positivo (presta)	VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 15 (63 ANOS) “que presta pra família...”

O que é uma má mãe?

Categories	Temas	Avôs	Verbalizações
É aquela que não cumpre suas funções	Provedora (não deixa faltar)	VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 15 (63 ANOS) “Uma mãe que deixa faltar as coisas dentro de casa...”
	Socializador a (da conselho, não ensina, deixa fazer o que quer, conversa, educa)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “Dar conselho pros filhos, pros netos, enquanto a gente é vivo né...”; VÔ 4 (49 ANOS) “...deixa os filhos fazer o que quer, não presta atenção no que os filhos faz, não dá conselho. Essa é uma mãe ruim, que deixa rolar.”; VÔ 7 (49 ANOS) “ela tem que saber conversar e saber educar e desde o momento se ela quer ver um futuro melhor um dia de amanhã ou depois pra ele ficar aqui dentro da casa.”; VÔ 10 (58 ANOS) “Mãe ruim é aquela que não... que deixa fazer o que os filhos quer... e outra, tem que chamar atenção dos filhos, explicar e os filhos tem que obedecer. Agora se não for assim não é uma boa mãe. Tem que chamar atenção, explicar, ensinar pra ser uma boa mãe... deixa fazer o que quer, não corrige, não chama atenção, não explica, ai é uma mãe ruim”
	Cuidadora (não liga, não cuida,)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) “porque a gente já ta chegando ai numa idade avançada, não dá pra, como é que fala? Cuidar de todos eles mais pra frente ai, ninguém sabe o que vai acontecer, né.”; VÔ 3 (65 ANOS) “aquela que não cuida dos filhos né. Às vezes o filho precisa ser cuidado, o que que ela vai fazer?...as vezes precisa dela e ela não cuida. Deixa seus dever e...”; VÔ 4 (49 ANOS) “mãe ruim é mãe que não liga pros filhos também...”; VÔ 10 (58 ANOS) “...não liga pra nada, não ta nem aí... Mãe ruim é aquela que não ta nem ai pros filhos...”
	Não estar presente	VÔ 3 (65 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “...Ela vai abandona a casa, por uma coisa ou outra e deixa o filho ai, precisando dela...”
Sentimento que a família desperta	Negativo(não dá alegria)	VÔ 3 (65 ANOS)	VÔ 3 (65 ANOS) “...faz coisas que não dá alegria pros filhos, nem nada”
Comportamento da mãe	Negativo (briga)	VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 15 (63 ANOS) “... briga com o pai, briga com os filhos, briga com tudo.. Isso é uma mãe ruim também né.”

O que é um bom filho?

Categories	Topics	Avôs	Verbalizations
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Colabora com a família	VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 15 (63 ANOS) "...trabalha pra ponha as coisas dentro de casa. Isso é um bom fio pro pai."
	Segue Regras Sociais (obedece, respeita, não briga, conversa, ouve conselho, explica, escuta)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) "é bom filho é aquele que conversa com o pai, se da bem com o pai se dá bem com o pai, com a mãe, tudo bem, esse que é bom filho. Ele tem que se dar com a gente né. Não a gente conversa aqui depois chega ali, conversa com outro e não se dá bem mais. Eu sei que bom filho é assim, que respeita o pai e a mãe, né. Em primeiro lugar né."; VÔ 3 (65 ANOS) "aquele que respeita o pai e respeita os outros de fora, porque não vale só respeita o pai, tem que respeitar os outros de fora, porque o pai ta ensinando as coisas pra ele, tô junto com meus filhos aqui agora, mas e na hora que eu não estiver? Se eles não cresceram aprendendo respeitar os outros, o que eles podem encontrar lá fora? As vezes é uma pessoa boa, mas o modo dele agir é o que faz... o que que dá briga? É a pessoa sem educação, você não trata ele bem e ai responde. Você que é uma moça que gosta de coisa mal, você pega e faz briga. Tem muita pessoas assim, todos nos não é igual. Tem outros que não gosta que passa por cima deles, aonde que dá briga. Sai morte né. Então o filho bom tem que respeitar pai e mãe, e os outros de fora também. Se eu tô errado eu chego em você e falo, me perdoou, eu fiz assim assim, tava com a cabeça quente de outra coisa, agora você me perdoa eu, porque eu tô errado, tô errado nisso e nisso. Nos semos amigo daqui pra frente, mesma coisa que nos era antes. Encerrou a discussão, encerrou aquele mal estar que tinha causado pra você e se torna alegria porque ele voltou atrás, sendo uma pessoa humilde. Esse é um bom filho."; VÔ 4 (49 ANOS) "filho obediente, que não dá trabalho pros pais."; VÔ 7 (49 ANOS) "Filho bom é aquele filho que a gente fala, aconselha e ele ouve, obedece."; VÔ 10 (58 ANOS) "um filho bom é aquele que ouve os conselhos de pai e mãe, explica porque não faz isso, fala "é assim, assim assim" então eu acho que os filhos tem que escutar os conselho de pai e mãe, ai é um bom filho, um filho que escuta pai e mãe é um filho bom, o filho que não escuta pai e mãe, ai o que acontece, ele vai querer fazer as coisas do jeito dele, ai não vai ser um bom filho, e não é, porque pai e mãe tem exemplo de vida, então passa pros filhos, ensina que é assim e assim, então pra ser um filho bom tem que escutar os conselhos de pai e mãe."; VÔ 15 (63 ANOS) "bom filho é aquele que atende o pai e a mãe..."

O que é um mau filho?

Categories	Topics	Avôs	Verbalizations
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	Não segue regras sociais (não respeita, não obedece, não escuta, bate, não apronta, não conversa, carrasco, responde)	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)	VÔ 2 (70 ANOS) "um filho mau é aquele que apronta por ai e não, e a gente não sabe, e a gente quando vem saber já tá... a gente vem saber pela boca dos outros ne, porque pra gente eles nunca fala nada pra gente né, quando eles apronta por ai ninguém fala, o pai e a mãe é os últimos a saber. Faz isso, faz aquilo e não fala nada o que ta se passando entre eles e o pai e a mãe é os últimos a saber noticia dos filhos, quando faz as coisas errada."; VÔ 3 (65 ANOS) "não respeita pai e mãe, e os de fora. Aquele que não escuta pai e mãe. Pai nunca pensa nada mal pro filho, nem a mãe, só quer coisa boa."; VÔ 4 (49 ANOS) "filho ruim é um filho carrasco, filho que não obedece nem o pai nem a mãe. Se não obedece nem o pai nem a mãe, ele não obedece ninguém. Esse é um filho ruim."; VÔ 7 (49 ANOS) "o filho mau é daquela forma, mesma coisa, desobediência. Você fala ele ouve aqui, mas você deu as costas ele já quebra pau no vidro. Então pra mim se torna um filho mau, desobediente"; VÔ 10 (58 ANOS) "filho ruim também é aquele que não ... você vai querer corrigir ele, ele retruca, responde a gente, ai é um filho ruim. Filho tem que obedecer mãe e pai, porque quando pai e mãe fala é pra bem do filho. Pai e mãe nunca quer mal pro filho, sempre quer pra bem. Agora o filho respondão, ta falando ele responde ... então é um mau filho."; VÔ 15 (63 ANOS) "Filho ruim também é assim, ele bate na mãe, bate no pai, bate nos fios. Isso é um fio ruim."

Você está satisfeita com sua família?

Category	Avôs
SIM	VÔ 2 (70 ANOS), VÔ 3 (65 ANOS), VÔ 4 (49 ANOS), VÔ 7 (49 ANOS), VÔ 10 (58 ANOS), VÔ 15 (63 ANOS)
NAO	

Lista de categorização das falas das avós

O que é família?

Categories	Temas	Avós	Verbalizações
Composição	Laços biológicos e afetivos	V7 (56 anos), V15 (68 anos), V17 (62 anos), V19 (86 anos)	V7 (56 anos) “é eu e esse aqui. Nós pegou ele pra criar, desde que ele nasceu a mãe dele falou pra mim no hospital, “o V., eu não tenho como querer o V., eu não tenho condição”. Então eu pensei assim, o que eu vou fazer com o V., se eu der ele embora não pode, então eu trouxe ele pra casa e eu não sabia ponha fralda, porque eu criei meus filhos sozinha, sem pai, a mãe do V. e a outra que mora em Brotas, eu criei eles sozinha, porque quando nasceu o pai deles foi embora, me largo. Então eu pensava assim, como é que eu vou fazer, então eu pedi pra mulher ali, porque eu trabalhava, pra cura o umbiguinho e ponha fralda pra mim. Então minha filha mais nova, ela aprendeu ponha fralda, então eu fui cuidando dele e trabalhando, porque até esses dias eu trabalhei, e cuidando dele até esse tamanho ai, desde quando nasceu miudinho quem cuidou foi eu. Ela não sabe nem se o V. quantos anos tem, porque sou eu que sei.”; V15 (68 anos) “família é a minha família, meu marido, 2 filhos e minha filha.”; V17 (62 anos) “...E criando esse neto e adotei esse, e cuido daquela senhora. Esse eu crio, é meu neto, esse eu adotei e ela tava num asilo, eu tirei ela do asilo e cuido.”; V19 “meus netos, meus filhos, minha esposa...”
Coabitação	Mesmo domicílio	V9 (52 anos)	V9 (52 anos) “...que mora comigo, meu filho é minha família mas faz parte de outra família, ele tem a família dele”;
Função que a família exerce	Afetiva (considera, quer bem)	V3 (77 anos), V4 (40 anos), V6 (62 anos), V12 (46 anos), V19 (86 anos)	V3 (77 anos) “Acho que família é assim né, quando considera, quando mãe considera os filhos né, quer bem os filhos, quer bem o marido...”; V4 (40 anos) “...eu adoro a minha família. Desde mãe, irmão, sabe? Sobrinho, eu amo todos eles...”; V6 (62 anos) “..., ter consideração um com o outro, acho que é isso, ter amizade...”; V12 (46 anos) “...família é quando se dá bem...”; V19 (86 anos) “Pra mim família é uma família boa, direita, graças a Deus, que nem minha filha, meus filho pra mim é tudo bom, graças a Deus.”
	Socializadora (educa)	V5 (52 anos), V18 (58 anos), V20 (55 anos)	V5 (52 anos) “ família, eu acho que minha família é controlada né, não fica fazendo bagunça, sabe? Pela educação que eu dei, o pai deu né, é uma família que eu acho que é bem educada.”; V18 (58 anos) “...ter respeito com todos né.”; V20 (55 anos) “ família é família assim que respeita as pessoas...”
	Aglutinadora (união, ficar junto, parceria)	V6 (62 anos), V8 (69 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V18 (58 anos)	V6 (62 anos) “família é família reunida... assim, ser reunida a família”; V8 (69 anos) “Família é uma família unida né.”; V11 (46 anos) “...Porque eu fui criada muito unida com a minha família...”; V12 (46 anos) “...tudo unido...”; V13 (61 anos) “ah família é viver junto com a família, com os netos, com os filhos”; V18 (58 anos) “ah família tem q ter união né...”

Sentimentos que a família desperta	- importante - tudo (indispensável)	V4 (40 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V14 (56 anos), V17 (62 anos)	V4 (40 anos) “Família pra mim é a coisa mais importante na vida...Muitas pessoas não dá valor pra família, eu dou. Pra mim é a família acima de tudo.”; V9 (52 anos) “família é tudo né, pra mim é isso daqui...”; V11 (46 anos) “família é tudo né, quem não tem família não tem alicerce. ...então eu não vivo sem a minha família, então pra mim família é tudo.”; V14 (56 anos) “é tudo pra gente né, pra gente que é vó é tudo.”; V17 (62 anos) “Ah uma família é uma alegria que eu tenho, de eu ta no meio dos meus filhos e dos meus netos...”
Comportamento do grupo familiar	Positivo (não briga)	V12 (46 anos), V20 (55 anos)	V12 (46 anos) “...não tem briga, então nós somos uma família”; V20 (55 anos) “...trata as pessoas tudo bem, tudo mundo numa boa.”
Não sabe		V16 (64 anos)	V16 (64 anos) “e agora? Não sei responder... eu não sei... ah não sei responder não.”
Não respondeu		V1 (62 anos),	V1 (62 anos) “...é, ela é de uma família boa, apesar de que a família da mãe dele é boa, é uma boa pessoa, da minha já nem se fala, porque pode ter algum errado no meio, porque toda família tem né, e eles peleja muito com ele pra por ele num bom caminho, mas ele é meio desconfiado, ele é terrível;

Quem é sua família?

Categories	Temas	Avós	Verbalização
Tipos de família	Família nuclear	V16 (64 anos)	
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes e amigos)	V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V6 (62 anos), V7 (56 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V17 (62 anos), V18 (58 anos), V19 (86 anos), V20 (55 anos)	V3 (77 anos) “nora, cunhada”; V7 (56 anos) “ só o que eu tenho [ta vivo”
	Outras	V1 (62 anos)	“vixi, minha família é grande, minha família é mistura né, é mineiro com... é tudo mineiro mesmo, não tem outra mistura não... e graças a Deus é uma família pobre mas é uma família honesta, não é família q sempre deu um imprevisto no meio, que cuida das coisas erradas, mas graças a deus hoje ta tudo em ordem, quem era errado hoje ficou uma benção.”;

Quem mora com você?

Categories	Temas	Avós
Tipos de família	Família nuclear (pai, mãe, filhos)	V5 (52 anos), V6 (62 anos), V7 (56 anos), V11 (46 anos), V18 (58 anos)
	Família extensiva (pai, mãe, filho, outros parentes e amigos)	V8 (69 anos), V9 (52 anos), V12 (46 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V17 (62 anos), V19 (86 anos)
	Viúva com filhos	V1 (62 anos), V16 (64 anos), V20 (55 anos)
	Divorciada com filhos	V13 (61 anos)
	Casal	V3 (77 anos), V4 (40 anos)

O que é uma boa família?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica um membro da família		V7 (56 anos)	V7 (56 anos) “é nós né, é minha família né.”
É aquela que cumpre suas funções	Afetiva (querer bem, se dar bem, dar beijo, dar benção, carinho, amor)	V3 (77 anos), V12 (46 anos), V14 (56 anos), V17 (62 anos), V20 (55 anos)	V3 (77 anos) “...querer bem...”; V12 (46 anos) “...se dá bem...”; V14 (56 anos) “porque a minha família, com todos os defeitos que tem, ainda dá a benção pra mim de mão posta, que é uma coisa que hoje não existe mais, chega e fala “benção mãe, benção vó”, dá um beijo na hora de dormir, então a minha família é assim, desde os mais velhos até os mais novos dão benção de mão posta pra mim...carinho... Mas da minha vida, acho que a única coisa que tem ter mesmo é carinho”; V17 (62 anos) “...Eu amo tudo eles igual.”; V20 (55 anos) “...que dá amor e carinho pras pessoas.”
	Provedora (trabalha)	V1 (62 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “...sabe procurar o lado de trabalhar pra sobreviver...”; V20 (55 anos) “...quando trabalha todas as pessoas...”
	Socializadora (respeito, ensina, entende, educa, conversa, diálogo, atenção)	V1 (62 anos), V5 (52 anos), V9 (52 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V18 (58 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “família é pessoa que sabe respeitar as pessoas, sabe conversar com todo mundo...”; V5 (52 anos) “...uma boa família é saber respeitar a gente, respeitar as pessoas... Não ensinar coisa errada do mais velho pro mais pequeno né, não ensinar coisa errada”; V9 (52 anos) “...uma entende a outra. Porque eu e ela de vez em quando nos não se entende né. Quando ela faz alguma coisa, ou ela chama atenção, e eu acho ruim, né. Ou quando eu chamo atenção de alguma coisa e ela acha que não ta certo. De vez em quando nós se pega nós duas, mas só no momento, depois acaba. A única pessoa que nós não se bica muito é meu genro, mas é ele na dele e eu na minha, então não tem erro nenhum. Outro problema não tem em casa, falar assim briga, discussão, um espanca o outro, não. Na minha casa isso não tem.”; V13 (61 anos) “pessoas compreensivas, educadas. Na família o importante é a educação”; V14 (56 anos) “boa família, acho que primeiro lugar é educação. Uma família que sabe educar...Eu sempre fui o alicerce da casa, sempre fui eu que... o pai era alcoolatra, o pai não tinha condições de cuidar, quem cuidava era eu. Eu sempre fui a mãe e o pai, agora to sendo avó, tudo. Eu crio os 2 netos, então educação, ensinar coisas boas pra eles, mas nesse mundo que a gente ta vivendo aqui fora não tem como ensinar coisas boas pra eles, porque você ensina coisa boa aqui dentro de casa e lá fora a turma ensina diferente. Ensina que a droga é boa, que o cigarro é bom. Que nem eu sou fumante, mas eu não vou incentivar meus netos fumar, o tio era alcoolatra, ele não incentivava nenhum sobrinho a beber. Eu recebi uma benção que um filho meu já não está bebendo mais. 2 filhos meus já se livrou da bebida. ...e atenção. Uma mora que um ou outro precisa, se o cômodo for 2 mas cabe 20, mora 20...Eu trabalho, não consigo ficar parada, estou com 54 anos e não consigo ficar parada, trabalho direto. Que nem, agora fui dar um banho em uma senhora, agora vou trabalhar de noite. Família é atenção...quando a gente quer conversar, senta e conversa com o outro. Só que o mundão lá fora ta sujo filha, eu to com um filho na cadeia, então lá é bem sujo o mundo lá fora. Eles saem do portão pra fora, a primeira coisa que eles oferecem é uma droga, uma bebida. Lá a gente não tem mais controle sobre aquela pessoa que saiu do portão pra fora. Tem que ter diálogo entre a família, não adianta ficar brigando, ficar um agredindo o outro com palavra de baixo calão, tem que sentar e conversar. Tem coisa que magoa, mas a gente deixa passar, tem mentira, toda família tem mentira. Tem conflito, só que você imagina só, se cada fofquinha que tiver a gente chutar o balde, como é que nós faz? Fala pra você que é fácil a vida aqui fora, não é não, pra mim está sendo difícil.”; V18 (58 anos) “...Numa hora de precisão que precisa da gente, a gente pode, faz o que pode. Eles também, se a gente precisar.”
	Cuidadora (ajuda)	V3 (77 anos)	V3 (77 anos) “família boa é a gente não desfazer de ninguém...”; V4 (40 anos) “Família boa é família unida.”; V8 (69 anos) “ah... uma boa família é quando é tudo unido junto assim né, tudo junto filho, mãe, pai”; V9 (52 anos) “quando a família está unida...”; V11 (46 anos) “família boa é família unida. Se não tem união a família não é boa. Eu fui criada em uma família, embora muito humilde, minha mãe ensinou nós a ter união. E é isso que eu tento passar pros meus filhos e pros meus netos aqui dentro da minha casa.”; V12 (46 anos) “uma família boa é desde que não se prejudica um o outro...ai se torna uma família unida”; V14 (56 anos) “...Uma hora que tiver polenta nós come, se não tiver passa fome junto, é isso...”; V17 (62 anos) “...é quando eu to no meio deles tudo.”
Aglutinadora (união, ficar junto, parceria)	V3 (77 anos), V4 (40 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V14 (56 anos), V17 (62 anos)		
Comportamento do filho	Ser bom	V6 (62 anos)	V6 (62 anos) “é tipo de um líder, o filho ser bom pra mãe, ser atencioso.”

Comportamento do grupo familiar	Positivo (não rouba, não brigam, não usa drogas, não briga, anda direito)	V1 (62 anos), V5 (52 anos), V19 (86 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) "...compra na mão dos outros e paga bem, não apanha nada dos outros. Eu acho que isso ai é uma família boa. Família que só trata das coisas boas né, tem gente que fala que é bom, mas eu compro de uma pessoa e não pago, e briga, e bebe, e fuma droga, eles faz tudo. Então essas pessoas não é família boa, eu acho que não é né."; V5 (52 anos) "...não viver com bagunça, fumando droga, nem bebe.. é.. beber, bebe um pouco né, não passa do limite né..."; V19 (86 anos) "que obedece né, que obedece, que anda direito, eu acho que é bom né."; V20 (55 anos) "ch uma família boa é uma família que não briga..."
Não respondeu à pergunta		V15 (68 anos),	V15 (68 anos) "uma família boa.";
Não sabe		V16 (64 anos)	V16 (64 anos) "e agora heim? Não sei responder não.";

O que é uma má família?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica um membro da família		V7 (56 anos)	<p>V7 (56 anos) “É o pai dele né fia, o pai dele é ruim, a família dele é ruim, nunca cuidou do V... só deu maldade. Uma vez ele roubou ele de mim. O V. sentado aqui e eu fui lá na Barra, ele era pequenininho, tinha 3 anos, ponhei ele aqui e fui busca comidinha dele. Ele roubou ele de mim. Levou pra Sergipe. Eu fiquei quase doida. Chorei, fiquei dessa grossura (magra). Chorava, e falava pro meu marido “ai meu Deus, coitado do V.”. Quando foi um dia, uma mulher falou na radia procurando eu. E a polícia falou pra mim, Geralda tem uma mulher na radia procurando você e eu mandei a rádio busca a carta pra mim. Quando a carta chegou e ele (marido) ele, ele chorou junto, que o V. tava internado no hospital de Bauru e eu paguei, sem ter dinheiro, peguei 50 real com um, 50 real com outro, meu marido emprestou e nós fomos buscar o V., eu e o meu marido. Pagou um homem que tava com meu marido que tinha uma perua, buscou o V., chegou aqui 3h da manhã, tava da cor dessa televisão, porque ele tava dentro de um fogão de lenha, de tanta fome, de tanto doente e magro que ele tava, ele tava vestido com blusa de mulher, sem nada, só blusa de muié vestido assim. E eu sai pra essa rua aqui pedindo, pedia a um, pedia a outra uma camisa pro V., porque era domingo, até amanhecer o dia, modo de que segunda-feira eu ir comprar. O V. só tinha os outros e eu falo uma coisa pra você: o V. pra sair daqui só o dia que morre, porque enquanto eu tiver viva a família dele não pega ele não. Eu vou dar um jeitinho, vou trabalhar pra poder passar ele no meu nome, porque ele ta no nome da mãe. To querendo passar ele no meu nome. Ele não fica com a mãe dele mais. Ela olho ele pra mim um dia, mas ele não comia, ele não fica lá, ele ... eles briga com ele e manda ele ir embora com a vó, então ele vem comigo. E eu quero passar ele no meu nome, eu vou lá na lei, esperar meu marido pegar férias pra ir comigo. Vou na lei, tudo, pra passar ele no meu nome, porque pra ela eu não dou, nem pra família dele. Pra ela eu não dou de jeito nenhum. Porque quando precisava que ele era novinho, tava doente, quem ficava até o dia amanhecer acordada com ele, tendo que trabalhar no outro dia era eu, não era a mãe não. Quando ela levou ele, ela judiou dele lá, deixava ele sem comer, doente, com pneumonia. Vez enquanto o peitinho dele ta xiando olha, esses dias ele tava com uma toce, nos comprou mel, nós deu pra ele, sarou. É nos que cuida do V. Só Deus, Deus tem que me dar saúde, força pra mim cuidar do V., porque o dia que eu for embora ele vai sofrer muito. Porque família do V. não cuida não. É só eu e meu marido, por isso que ele não larga nois. Tudo quanto é canto que a gente vai o V. ta junto. Vai fazer compra ele ta junto, nós vai pra Barra, ele vai junto, não dei xa ele não. Quando ele vai pro projeto, eu falo pra ela (mãe) “vai com ele até o ponto pra ele pegar o ônibus, mode não deixar ele pra rua com esse maloca”, mas ela não vai. E eu faço, eu largo tudo que eu to fazendo e vo lá no ponto levar ele e falo “toma cuidado, vai direitinho, não responde as muié no projeto, não responde na escola”, eu ensino ele bastante coisa, que nem eu ensinei pros meus 3 filhos. Eu sofri pra poder criar eles, ponha eles na escola. Tenho a mãe dela (apontou pra uma neta). Ela é bem educada, tem a outra q é mais novinha que nunca casou que tava aqui agorinha, e a mãe dele. Agora a mãe dele endireitou fia. Agora que passou a mocidãoeela endireitou, tem os filhos dela também pra criar né, só que essa ela não cuida.”</p>
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não vê qualidade no filho, não quer	V14 (56 anos), V20 (55 anos)	V14 (56 anos) “...Não vê qualidade nas crianças, ai as crianças vão crescer revoltado e onde vira o que vira...”; V20 (55 anos) “ah, uma família ruim é assim que não quer bem a pessoa...”
	Provedora (esbanja, joga dinheiro fora)	V1 (62 anos), V7 (56 anos), V14 (56 anos)	V1 (62 anos) “...trabalha e não sabe pra onde é que vai o pagamento, já esbanja por fora mesmo...”; V7 (56 anos) “...Nunca deu uma bala pro V., fala “ah hoje eu vou comprar uma bala pro V.” não...”; V14 (56 anos) “...gasta dinheiro, jogar dinheiro fora...”
	Socializadora (não tem responsabilidade, ensina o que não presta, não tem educação, não da atenção)	V1 (62 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V13 (61 anos), V15 (68 anos), V20 (55)	V1 (62 anos) “...Família que não tem responsabilidade um com o outro.”; V4 (40 anos) “é as mães que não dá educação pros filhos, que deixa fazer o que quer, desde pequeno...”; V5 (52 anos) “...ensinando o que não presta...”; V13 (61 anos) “ah é essas pessoas que não tem consideração a ninguém...sem educação, essas pessoas”; V15 (68 anos) “...que não respeita ninguém né”; V20 (55 anos) “...não dá atenção. Da minha parte eu penso
	Cuidadora (não liga)	V4 (40 anos), V5 (52 anos)	V4 (40 anos) “...não liga...”; V5 (52 anos) “...os pais não liga pro filho, não sabe o que está fazendo. A família mau é essa, no meu ponto de vista.”
	Aglutinadora (desunida, desfaz dos outros)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V11 (46 anos),	V1 (62 anos) “...Então eu acho que isso aí é uma família ruim, uma família desunida né... isso ai é uma família desunida, né.”; V3 (77 anos) “sempre na família tem alguém que ta mais ou menos de vida né, e desfaz dos outros que não tem nada né, eu acho que não pode ser assim.”; V11 (46 anos) “...porque não tem união...”
	Não está presente (deixa na rua)	V4 (40 anos)	V4 (40 anos) “...deixa pra rua...isso pra mim é uma família ruim.”

Sentimento que a família desperta	-não ter paz	V1 (62 anos), V11 (46 anos)	V1 (62 anos) “não tem paz em casa, a pessoa que vive desse jeito ai não tem paz em casa. Ele não dá paz pra mulher e nem pros filhos.”; V11 (46 anos) “...não tem paz...”
Comportamento dos filhos	Negativo (não obedece, responde os mais velhos)	V8 (69 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (62 anos)	V8 (69 anos) “quando não obedece os pais, a mãe”; V12 (46 anos) “...maltrata mãe, pai...”; V13 (61 anos) “...responde os mais velhos...”; V14 (62 anos) “família ruim é que não obedece né, não obedece mãe, pai, ai é uma família ruim.”
Comportamento do grupo familiar	Negativo (faz coisa errada, responde, judia, bate, usa drogas, espanca, bebe, briga, desvança,	V1 (62 anos), V5 (52 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V16 (64 anos)	V1 (62 anos) “família ruim é essas pessoas que já cuida das coisas erradas, é o pai espancando a mulher dentro de casa, é brigando dentro de casa com os filhos, é quebrando as coisas... E seja a mulher a mesma coisa pro marido, se a mulher não tem paciência, o marido já vai chegando, já vai respondendo de mau humor, de mau jeito, pro filho...”; V5 (52 anos) “ah uma família mau é viver judiando, batendo...”; V9 (52 anos) “é, uma família má é aquela que ela falou, o pai mexe com drogas, a mãe, ai o filho já vai no mesmo caminho. Mas graças a Deus esses problemas aqui a gente não tem não, não é aquela família ótima, mas não é aquela péssima também né, é regular, nem boa nem ruim demais.”; V11 (46 anos) “uma família ruim é quando surge muita confusão dentro de casa, muita briga, muito descontrole, ne...As vezes o pai é viciado ou a mãe, em droga, em bebida né... isso acaba com a família...Eu já vi muita família desfazer por causa disso, fora que o filho cresce com aquela índole má, com aquela coisa ruim dentro dele né. Não é bom.”; V12 (46 anos) “ai uma família ruim... é aquela família que só tem briga né, desavença ...torna a droga pro meio, ai é uma família ruim, mas eu graças a Deus não tenho nada disso.” ; V14 (56 anos) “Família que espanca, bate, fala palavrão de baixo calão pras crianças...Usa bebida de álcool dentro de casa, fica bebendo perto das crianças e acaba incentivando as crianças beber também, porque eu fumo, mas eu falo pros meus netos não usa isso que usa isso é...Tanto que eu não gosto que eu nem fumo perto deles, porque querendo ou não eles ficam fumando junto com a vó. Ai, quer um pão pega, se quer um queijo pega, pega o que tem, se não tem o que tiver aqui nos põe na mesa e nos come, sem reclamar. Agora família ruim é aquela que “ow vou por meu filho pedir na rua, se ele não traz nada quando chegar em casa vai apanhar.” Eu já vi muitas mães fazer isso, ponha os filhos pra pedir, ta incentivando eles ser o que? Bandido do amanhã. Eles vê que lá fora eles ganha melhor do que dentro da casa e eles continua pedindo.”; V15 (68 anos) “é uma família bocuda...”; V16 (64 anos) “bebida... quando tem bebida não dá né.”;
Não sabe		V6 (62 anos)	V6 (62 anos) “não sei responder”
Não respondeu		V17 (62 anos), V18 (58 anos)	V17 (62 anos) “não tem isso comigo, tudo eles pra mim são bão, não tem ruindade com eles.”; V18 (58 anos) “Ah pra mim não tem, meus filhos não é ruim.”

O que é um bom pai?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica um membro da família		V7 (56 anos), V9 (52 anos), V19 (86 anos)	V7 (56 anos) “eu e ele (marido), porque eu sou a mãe e o pai do V. e ele(marido) também...e Deus também né, primeiramente é Deus né, porque não tivesse Deus me dado força e ele, o V. nos não tava aqui né. Eu não sei muito as coisas não, porque eu não sei ler, não sei nada, mas o pouquinho que eu sei ta na cabeça.”; V9 (52 anos) “...O que eu vejo, o meu filho é um bom pai...”; V19 (86 anos) “...igual meu marido era, nossa o meu marido... esse era um pai bom, a família andava direito né”;

<p>Aquele que cumpre sua(s) função(ões)</p>	<p>Socializador (educa, dá exemplo, ensina, ajuda com tarefa escolar, da atenção, conversa, passeia, corrige, da bom exemplo)</p>	<p>V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V18 (58 anos), V20 (55 anos)</p>	<p>V1 (62 anos) "...da boa educação pros filhos..."; V3 (77 anos) "...não fica fazendo coisa errada que é pros filhos não fazer também."; V4 (40 anos) "...que dá atenção pros filhos"; V5 (52 anos) "...Essas coisas, trabalhar..."; V9 (52 anos) "u+m bom pai é aquele que escuta, ensina. As crianças chega da escola com tarefa, ele ajuda...ele dá atenção pros filhos dele, pro LF e pro I. Quando é coisa errada ele só olha assim e já fica com medo...o que eu queria que esse aqui fosse a mesma coisa. Chegou com uma tarefa, vamos conversar, vamos fazer, o que ele não faz, sai passear, levar os meninos jogar uma bola, né, passear com os filhos, porque é bonito isso daí né..."; V11 (46 anos) "...Embora ele trabalhe e fiquei menos em casa do que a mãe, ele precisa dar atenção porque o filho sente falta. Se um pai não dá atenção pro filho, as vezes ele fica até quietinho, mas no dia de amanhã eles cobra viu... Então é assim o pai tem que dar atenção pro filho, mesmo que trabalhe, que fique cansado, tem que dar atenção."; V12 (46 anos) "...dando conselho, orientando o que deve fazer, o que não deve..."; V13 (61 anos) "...que dá atenção pros filhos..."; V14 (56 anos) "... Bom pai é aquele que... usa da vara não acho errado não, se precisar eu uso sim, até nos mais velhos. o mais velho meu, com 34 anos eu bati nele, bati nele ai no jardim (da igreja). Eu sou criada a moda antiga, precisou apanha sim. Não vai espanca, mas precisa de umas palmadinha não acho errado não. Sabe por que os filhos de hoje em dia não respeita mais pai e mãe? Porque o menino com 15 ano antigamente, na idade desse menino que eu crio, que é meu neto, pra passar no meio de nós eles pedia licença, já começava trabalhar, meu filhos começaram trabalhar com 10 anos na roça. Hoje não, hoje de menor não pode trabalhar, por que de menor não pode trabalhar mais? Se ele pode roubar, se ele pode matar, por isso que tá essa criminalidade. Porque de menor não trabalha mais, por isso que tá tendo bandido nesse mundo. Eles fala "ah! Mas por que que ta tendo tanto preso nas cadeia? Tanto de menor nas drogas?" por que? Porque a cabeça ta desocupada. Eles pensa o que? Vê um tênis de marca no pé, eles também quer, como a gente é pobre não tem o tênis pra dar pra eles, e o que eles vão fazer, vai roubar, não pode trabalhar, vai roubar. Os meus filhos com 10 anos foram cortar cana. Não quis estudar, então vai cortar cana. Todos eles tiv.m o caminho deles. Eu criei sozinha, o pai era alcoólatra, não tava nem ai. Eu comi até bucha vegetal pra criar meus filhos. Agora vejo essas mães que põem filho pra pedir na rua, eu não acho certo isso, acho que ta errado. Eu quando trabalhava no são Camilo, eu deixava comida pra eles em casa e eu passava fome. Tinha vez que eu ia pra roça trabalha e só tinha uma laranja dentro do caldeirão, pra deixar pros meus filhos. Só que uma coisa eu ensinei pra eles, nunca mexer no que é dos outros, não precisa roubar, tirar nada dos outros. Se eu ensinei errado eu não sei, porque eu tinha duas opções: ou eu ia trabalhar pra dar sustento pra eles, ou eu ficava em casa e morria todo mundo de fome, entendeu? Então eu acho errado essa lei de menor não trabalha, pra mim isso não existe. Nunca vou concordar, vou morrer e não vou concordar com isso. Um menino de menor, com 12 anos, vem ai e dá um tiro em você. Porque, às vezes você tá com alguma coisa de valor, ele vai lá e dá um tiro em você, ele quer aquilo lá de valor pra ele, por que? Porque não deu oportunidade pra ele trabalhar, porque se ele ganha 100 reais por mês, com esse 100 reais ele vai compra o que ele quer. Mas não dão oportunidade pros meninos trabalhar, se põem pra trabalhar é crime. Se você usa da vara o conselho tutelar está na porta, entendeu. Eu crio esse neto meu de 15 anos, já me deu dor de cabeça. O que eu fiz, eu falei pro R.(conselheiro tutelar), você pode fazer o que quiser, mas que eu vai apanhar a hora que chegar em casa ele vai. O que que eu fiz: eu fiz ele voltar em casa buscar o pingente que ele roubou na escola, entregar o pingente na frente da professora e falei pro R., a hora que ele chegar em casa ele vai apanhar, se você quiser ir atrás. O R. falou, pode bater M., que eu não vou fazer conta não. A senhora pode bater dona M., porque usar da vara não é crime não, agora espancar uma criança é diferente. Era véspera de natal, ele chegou com o pingente falando que era dele e eu vi que o pingente era valioso, a gente conhece a coisa quando é valiosa, porque eu trabalhei com a dona M. O.o, então tinha ouro, tinha um monte de coisa, a gente conhece. De repente ele me quebrou, porque ele tinha roubado e me quebrou o pingente, aí chamaram na escola, fui lá pra ver. Chegando lá eu falei que vi o pingente e fiz ele ir em casa buscar. Ele veio buscar, o pingente estava aqui, mas estava quebrado. O que que eu fiz: eu mandei ele embora pra casa do pai dele. Chegou na casa do pai não combinou com a madrastra, fez coisa errada também na casa da mãe, chegou lá a vida também não tava fácil, agora voltou pra casa da vó de novo, agora ele tá direito. Só que com 15 anos eu já queria por ele pra trabalhar, porque ele é adolescente, ele quer andar bem arrumado e eu não tenho condições de dar tudo o que ele quer, eu não posso dar tudo o que ele quer. Vai pra noitada, aqui eu ensino pra ele que droga não presta, bebida de álcool não presta, cigarro não presta, mas e lá fora? Concorda comigo desse negocio de não deixar os adolescente trabalhar? Fia, eu com 11 anos já era mãe, já tinha meu primeiro filho, eu já fazia pão, já lavava roupa na mina de agua, já remendava roupa, porque naquele tempo remendava roupa né, já fazia pão, fazia tudo, o que você imagina eu já fazia sozinha. Hoje em dia você manda uma menina lava a louça, ela não sabe lavar a louça. Com 12 anos eu tive o primeiro e praticamente quem criou foi eu, praticamente sozinha, eu e Deus. Família é isso, na hora de sentar e conversar é conversar, só que na hora de eu falar ... eu cheguei a ponto de ser alcoólatra, de tanto desespero que eu fiquei, eu fiquei desempregada, cheguei a entrar na bebida mesmo, eu bebia de não saber nem o que eu estava fazendo. Um dia uma pessoa da minha familia falou "ah vá, você tá bêbada, não sabe nem o que está falando." Então as vezes que eu falava alguma coisa pra mim desabafa, porque eu bebia e tinha aquela força pra falar, porque a bebida dá força pra gente falar o que quer. Só o que que aconteceu, eles estavam perdendo respeito por mim, eu estava dando mau exemplo pro meus filhos e pros meus netos, então eu parei. Agora o que eu tenho que falar eu chego nela, no mais velho, nesse, em qualquer um e falo assim ó, eu não falo por detrás não, eu falo na cara mesmo, gostou, gostou, não gostou amém. Eu acho que tem que ser assim. Adianta você ficar passando a mão na cabeça de uma pessoa que está errada? Eu tenho um filho que está na cadeia, está lá no CDP. Estava morando comigo quis virar andarilho, entrou no meio dos andarilhos foi preso roubando 1 celular velho, porque ele não pegou</p>
	<p>Afetivo (carinho, amor, gostar, ser boa pessoa)</p>	<p>V5 (52 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V16 (64 anos)</p>	<p>V5 (52 anos) "um bom pai da carinho... e dar carinho."; V13 (61 anos) "...da carinho, esse é o pai importante"; V14 (56 anos) "...O pai é aquele que dá carinho quando precisa..."; V16 (64 anos) "dar amor pros filhos"</p>

	Cuidador (cuidar, ajuda, cria, trata)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V7 (56 anos), V8 (69 anos), V19 (86 anos),	V1 (62 anos) "...cuida bem da família..."; V3 (77 anos) "...cuida bem dos filhos..."; V4 (40 anos) "...É um pai que ajuda os filhos..."; V7 (56 anos) "...Porque ele me ajudou criar o V..."; V8 (69 anos) "um bom pai é quando ele cuida dos filhos"; V19 (86 anos) "pai que sabe trata as famílias..."; V20 (55 anos) "...que cuida bem dos filhos..."
	Aglutinador (unido)	V5 (52 anos), V20 (55 anos)	V5 (52 anos) "...viver uma família unida"; V20 (55 anos) "...A esposa também tem que ser uma esposa boa, responsabilidade, ser sempre os dois unidos dentro de casa, pra dar certo né."
	É o que está presente - não abandona	V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos)	V11 (46 anos) "um pai bom tem que estar presente na vida do filho... Meu pai não foi muito presente na minha vida, ele fica quietinho, mas depois eles cobram."; V12 (46 anos) "está sempre presente com os filhos...então estando no dia-a-dia é um pai bom."; V13 (61 anos) "pai que está sempre presente..."; V14 (56 anos) "Olha, hoje em dia a maioria das mulher estão se separando do marido. Eu tenho um exemplo aqui dentro da minha casa. Eu tenho um filho que a mulher foi embora com outro e ele trabalhava na usina e ele se separou dessa mulher. E essa mulher começou fazer coisa errada, traficar, e nós avisamos o pai dela e ele veio aqui buscar ela, ela mora em Pompéia. Ele é um excelente pai, mas o que acontece, como está longe, ela arrumou um rapaz crente agora, ele(filho) dá pensão todo mês mas não pode ver os filhos dele. Isso é um bom pai, que quer ver os filhos, entra em depressão de saudade dos filhos e não pode ver, mesmo pagando a pensão... ...O pai é que fica perto do filho. Isso quando a mãe presta também, porque quando a mãe não presta, não compensa você ficar com
	Provedor (trabalha)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V5 (52 anos)	V1 (62 anos) "é aquele que trabalha...e anda com os negócios dele em ordem. Não faz negocio perdido, o que trabalha lá, traz pra dentro de casa, eu acho que esse é um pai bom."; V3 (77 anos) "um pai bom é um pai que trabalha certinho, honestamente..."; V5 (52 anos) "...conversa com os filhos, é na hora certa. A gente também tem que ter
Comportamento do pai	Positivo (não bate, não espanca)	V9 (52 anos)	V9 (52 anos) "...não bate, não espanca..."
Não respondeu à pergunta		V15 (68 anos), V17 (62 anos)	V15 (68 anos) "que é bom pra família dele"; V17 (62 anos) "se eu tivesse meu pai era a melhor alegria que eu tinha, mas eu não tenho né, não tenho pai."
Não sei		V6 (62 anos)	V6 (62 anos) "do pai eu não sei, porque sempre a mãe é mais chegada com os filhos, pra dar um conselho, sofre junto do que os pais... pai não é que nem a mãe."

O que é um mau pai?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identificada membro da família		V9 (52 anos), V7 (56 anos)	V9 (52 anos) "...O que ele não faz pros filhos é isso ai né, de sair passear com os filhos, e nem com ela."; V7 (56 anos) "o pai dele"
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Provedor (não compra as coisas, gasta tudo, esbanja, deixa sem comida)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V12 (46 anos)	V1 (62 anos) "...não cuida do serviço, esbanja o que ele tem, o que ele ganha dentro de casa não entra, lá pra fora mesmo fica, isso ai é um pai que não servia pra ser pai."; V3 (77 anos) "um pai que vai trabalha, recebe aquele dinheiro e acaba com tudo, não compra comida, não compra uma roupinha, gasta tudo."; V4 (40 anos) "...deixa faltar o que comer dentro de casa..."; V12 (46 anos) "...deixa passar fome, deixa passar frio..."
	Socializador (da mau exemplo, não conversa, não da atenção, não da apoio, não deixa brincar)	V5 (52 anos), V6 (62 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V17 (62 anos), V18 (58 anos)	V5 (52 anos) "...não ensina um exemplo bom pros filhos, só o mau..."; V6 (62 anos) "pai é ruim eu acho que sei lá, pai que não dá cobertura pra seus filhos, não conversa com seus filhos, não da atenção pra seus filhos, então eu acho que é um pai ruim, porque eu acho que tem que dar apoio pro seus filhos né."; V9 (52 anos) "...ensina coisa errada, que a gente veja muito passar na televisão né..."; V11 (46 anos) "...tem que dar atenção, muitos não fazem nem isso né. E as crianças sentem falta viu. Mesmo ficando quietinho eles sentem falta..."; V14 (56 anos) "...Que não deixa a criança tomar liberdade, brincar, sabe? reprimir a criança, não deixar brincar, toda hora ta ali em cima 24h pegando no pé..."; V15 (68 anos) "pai ruim é que não respeita a mãe, não respeita na rua, nada né"; V17 (62 anos) "é quando ele não age direito com o
	Cuidador (não liga, não cuida, não trata bem, despreza)	V1 (62 anos), V4 (40 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos)	V1 (62 anos) "não cuida bem da família, não cuida da casa..."; V4 (40 anos) "um pai que não ta nem ai com os filhos, não ta nem ai pros filhos, acho que filho não é importante..."; V8 (69 anos) "quando não trata bem os filhos..."; V9 (52 anos) "...Como se diz, ele não liga muito..."; V11 (46 anos) "um pai ruim é um pai que não liga pro filho, despreza o filho, não ta nem ai, acha que só pondo o alimento dentro de casa está bem pro filho, mas não é isso."
	Estar presente -não abandona	V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos)	V11 (46 anos) "...E quando o pai está junto, a criança é outra coisa."; V12 (46 anos) "um pai ruim é um pai que abandona o filho..."; V13 (61 anos) "ah é desses pais que nunca está presente com os filhos, nunca se interessa pela família, é um pai que ta sempre ausente, aparece quando dá na cuca, eu acho que isso daí ta errado né. Porque o pai mesmo separado, tem que esta a par do que acontece com a família, tem muito pai longe e não sabe nem o que se passa com os filhos."; V14 (56 anos) "pai que não tem presença, que nunca ta presente na hora que mais precisa..."
Comportamento do pai	Negativo (bebe, fuma, usa droga, bate, espanca, briga, maltrata, castiga, judia)	V4 (40 anos), V5 (52 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V12 (46 anos), V14 (56 anos), V18 (58 anos), V19 (86 anos)	V4 (40 anos) "...fica pro bar bebendo...dá mais importância pra bebida, pra mulher e deixa o filho de lado, é isso."; V5 (52 anos) "o pai mau é que fica bebendo na frente do filho, que fica fumando droga na frente dos filhos...porque se o pai faz isso o filho também vai fazer."; V8 (69 anos) "...espanca, bate..."; V9 (52 anos) "ah, aquele que espanca o filho... mas também judia e espancar ele também não faz isso. Muitas vezes eu e ele a gente fica bravo com ela, por causa desse motivo: ela grita, fica brava, ai nós entra no meio. Mas assim falar que ele chega espancando, isso ai ele não faz não, então nesse ponto ele é um pai bom, não é um pai ruim não."; V12 (46 anos) "...tem aquela bebedeira e chega dentro de casa maltratando os filhos, bate ...Eu acho que esse é um pai ruim."; V14 (56 anos) "...Ou ver batendo na mãe, igual os meus que viam quando meu marido batia ne mim. Eu apanhei muito, apanhei muito muito, e eu não sabia nem porque eu tava apanhando..."; V18 (58 anos) "pai mau é castiga os filhos, judia..."; V19 (86 anos) "pai ruim é que não sabe o que é família, briga com a família";
Não respondeu		V16 (64 anos), V20 (55 anos)	V16 (64 anos) "ele não é ruim"; V20 (55 anos) "ah.. um pai ruim é horrível, o pai tem que ser bom mesmo. O pai e a mãe tem que ser tudo em ordem, pra dar estudo, cuidar bem do filho em casa. Porque eu mesmo, eu fui pai e mãe em casa, hoje em dia eu não sei , do fato de mim ter, o que meus filhos vão achar de mim né, mas até agora na minha cabeça, eu nunca fui uma mãe ruim pra eles, graças a Deus não, fui uma boa mãe pra eles, graças a Deus, não tenho nada na minha vida, só tenho meu pé pra carrega, nunca larguei sozinho, nunca larguei na mão dos outros, só ficou na creche pra mim trabalha, toda a vida eu sou caseira."

O que é uma boa mãe?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica como a sua		V5 (52 anos), V7 (56 anos), V15 (68 anos)	V5 (52 anos) “Olha eu meu exemplo...”; V7 (56 anos) “eu né”; V15 (68 anos) “eu sou boa pros meus filhos”
É aquele que cumpre a(s) função(ões)	Afetiva (carinho, ver qualidades)	V5 (52 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V16 (64 anos), V18 (68 anos)	V5 (52 anos) “...eu dou carinho...”, V12 (46 anos) “...e enxerga tudo de bom neles.”; V13 (61 anos) “ah, a mãe que da carinho pros filhos...”; V16 (64 anos) “dá carinho.”; V18 (58 anos) “dar carinho.”; V20 (55 anos) “...então, mãe boa é que faz tudo pelo filho né, filho tem que reconhecer também o que a mãe faz. E a mãe faz, da carinho pros filhos, mas eles tem que reconhecer também...”
	Provedora (da o que precisa)	V20 (55 anos)	V20 (55 anos) “...Que nem eu falo né, no meu sentido, o que eu falo é que eu não posso dar do bom e do melhor pra eles né, que eu falo que teve uma época que eu trabalhei na roça, eu não posso dar o que eles precisa...”
	Socializadora (educa, da atenção, brinco, corrigi, chama atenção, conversa, diálogo)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V6 (62 anos), V11 (46 anos), V14 (56 anos), V18 (58 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “...porque a escola é pra escrever e lê, educação quem tem que dar é o pai e a mãe, tem que vir do pai e a mãe a educação. Do jeito que o pai e a mãe educar o filho vai ficar. Porque eu tenho, sou mãe de 9 filho e eu não pude dar estudo pra eles, mas o que eu pude dar de educação pra eles eu dei, pra eles tudo ai, já tem filho, ta todo mundo bem, trata todo mundo bem, sabe fazer as coisas que é certo, então é o que eu pude dar a eles, e eu não tenho estudo, não sei nem fazer o nome, mas o que eu fui criada foi nesse jeito.”; V3 (77 anos) “...da boa educação...”; V4 (40 anos) “Mãe que dá atenção pros filhos...”; V5 (52 anos) “... eu brinco tudo, só que na hora de chama atenção ai eu chamo, eu ensino também fazer as coisas, tem que fazer isso, fazer aquilo, o que é certo.”; V6 (62 anos) “...conversar com eles...”; V11 (46 anos) “uma boa mãe eu penso assim: quando um filho precisa ser corrigido, ele tem que ser corrigido. Não tudo que o filho faz, passar a mão na cabeça, ai deixa... Tem que chamar atenção? Tem que por de castigo? Tem que chamar atenção e tem que por de castigo. Eu penso assim, é tudo relativo, se passa a mão na cabeça de tudo, como que o seu filho vai crescer? Então, tem que chamar a atenção, tem que chamar atenção e por de castigo. Aqui é assim viu. Aqui a gente faz isso, como todos.”; V14 (56 anos) “boa mãe é aquela que tem diálogo com o filho, que senta conversa. Dá carinho na hora que precisa e também da uma chicotada de vez em quando, quando precisa também. Não assim em termos de bater, mas chegar e falar o que está sentindo”; V18 (58 anos) “ah boa mãe, tem que dar educação, tem q corrigir...”; V20 (55 anos) “...Eu gosto das coisas tudo direitinho. Aqui passou da linha eu já chamo a atenção. Meu caçula tem 18 anos, as vezes fica na rua até tarde, quando ele chega aqui vou por a janta pra ele e já começo falar “não pode fazer isso, mãe não gosta que fica pra rua até tarde, entra e sai na rua, tem que ver com quem que você anda né.” Só que ele, a cabeça dele é meio assim, ele me responde, fala as cosas que não pode falar, mas fazer o que? Ele tem problema sabe, então eu tenho um pouco mais ... Eu falo pra eles, não gosto de nada de errado dentro da minha casa, não, gosto das coisas tudo em ordem, se eu ver as coisas errada eu chamo a atenção. Tem gente que não gosta né, mas eu chamo, eu não tenho estudo mas eu compreendo mais ou menos. Fazer o que,
	Cuidadora (cuida da comida e banho, trata bem)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V8 (69 anos), V13 (61 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “a mãe que cuida da casa bem, cuida do marido, cuida do seu filho. A mãe tem que cuidar do filho...”; V3 (77 anos) “uma mãe que cuida bem dos filhos...cuida bem dos filhos, comidinha na hora certa, na hora certa tem o banho, limpinho, deixa cheirando gostoso, eu acho assim”; V4 (40 anos) “...que cuida dos filhos”; V8 (69 anos) “quando cuida dos filhos”, V13 (61 anos) “...trata bem”; V20 (55 anos) “Dou graças a Deus que tem eu pra olhar por eles né, conto o que eu vivi, posso fazer assim, cuidar bem deles, orar por eles da onde que eu estiver, uma responsabilidade”
Aglutinadora (reuni, ficar junto)	V6 (62 anos), V9 (52 anos)	V6 (62 anos) “ah é uma mãe que reuni os filhos...porque sempre a mãe né quer ta junto com os filhos.”; V9 (52 anos) “Boa mãe é aquela que tá junto direto, como se diz, na doença, na alegria, na saúde.”	

	Está presente (não abandona, põe filho pra fora)	V9 (52 anos), V12 (46 anos)	V9 (52 anos) "...Ela falou que ela não é, mas ela tem os problemas dela, ela nunca abandonou um filho, nunca jogou um filho fora de casa. Então a boa mãe eu acho é essa assim, ela vive as 24h pro filho. Porque você sabe como que tá o mundo né, se deixar, você sabe como que tá o mundo né, ta perdido. Ela grita, ela xinga, ela bate, tem hora que eu entro no meio, mas é pra dar educação. Mas é aquele problema que ela falou pra você né, ainda hoje mesmo ela tava na cama, com muita dor de cabeça, e sabe que dor de cabeça tem hora que irrita bastante né. Mas o caso contrário, graças a Deus ela não tem problema em outras partes não."; V12 (46 anos) "...desde quando não abandona..."
Sentimento que a família desperta na criança	Positivo -tudo (indispensável)	V17 (62 anos)	V17 (62 anos) "ah uma boa mãe...quando eu tinha minha mãe ela era tudo pra mim, só que hoje eu não tenho mais"
Comportamento da mãe	Negativo (não fala palavrão, não maltrata)	V3 (77 anos), V12 (46 anos)	V3 (77 anos) "...não vive falando palavrão ... olha bem no que vai falar"; V12 (46 anos) "é desde quando não maltrata o filho..."
Não respondeu		V19 (86 anos)	V19 (86 anos) "Eu gosto mesmo que meus filhos anda tudo direito. Eu tenho meu outro filho que mora na outra casa, ele ta com uns 40 anos mais né, mas eu vou lá, não preciso nem falar, ele tem que obedecer."

O que é uma má mãe?

Categories	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica a mãe		V7 (56 anos)	V7 (56 anos) “a mãe dele.”
É aquela que não cumpre suas funções	Afetiva (não tem afeto, não da carinho, não da amor)	V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos)	V12 (46 anos) “...não dá carinho, não dá amor”; V13 (61 anos) “...tem que ter amor e carinho de mãe né, se não tiver é impossível”; V14 (56 anos) “...Não tem um afeto, não tem um carinho, não tem nada. Eu acho que essa é a mãe má...”
	Provedora (não da comida)	V14 (56 anos)	V14 (56 anos) “Sem comentário. Eu não tenho mãe nem pai né. Mãe má esconde o que comer dos filhos, não deixa os filhos comer, que nem eu já passei muita fome, que a mulher que cuidava de mim não deixava eu
	Socializadora (não da educação, não da bom exemplo, não da atenção, não conversa, não da respeito)	V3 (77 anos), V5 (52 anos), V11 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V17 (62 anos), V18 (58 anos)	V3 (77 anos) “...não dá educação.”; V5 (52 anos) “...Não dá um exemplo bom pras crianças e se a mãe faz o filho vai fazer também, é a mesma coisa.”; V11 (46 anos) “...quando ela não dá atenção. Quando o filho quer atenção e ela não dá. As vezes ele quer desabafar com a mãe e a mãe não escuta, ele quer falar um problema pra mãe e a mãe não escuta, a mãe não procura saber como que o filho ta, porque que o filho ta assim. A mãe não procura saber a vida dele. O que ele ta fazendo na escola, como que ele ta indo na escola, se ele saiu pra almoçar, como que foi.”; V13 (61 anos) “...não dá a educação que merece. Com um filho você tem que educar...”; V14 (56 anos) “...Não chega pra conversar com a filha pra saber o que ta acontecendo...”; V17 (62 anos) “...quando ela não age direito com os filhos...”; V18 (58 anos) “ah é mesma coisa né, não da
	Cuidadora (despreza, não cuida, não ajuda, não liga, não protege)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “a mãe ruim é aquela que o pai sai pra trabalhar e ela sai pra passear na rua e larga a obrigação dela de dentro de casa, não cuida da casa, não cuida de uma roupa, não cuida da comida, não cuida do filho, não cuida do marido, isso aí é uma mãe que não servia pra ser mãe, devia ter ficado solteira mesmo.”; V3 (77 anos) “uma mãe que não cuida, não faz as coisas certas, não cuida dos filhos, não cuida do marido, não cuida da casa...”; V4 (40 anos) “a mãe que despreza os filhos. Deixa os filhos na mão dos outros, muita mãe põem filho no mundo e deixa ai pros outros, conheço muitas mães assim.”; V8 (69 anos) “quando não cuida bem dos filhos”; V9 (52 anos) “...não ta nem ai se comeu, se não comeu, se tomou banho, se não tomou, o filho sai cedo e só volta a hora que quer, ai é uma mãe ruim né...uma mãe que não ta nem ai com os filhos... mas aqui quando não é ela é eu que vou atrás buscar, faz tomar banho, a gente faz o que a gente pode né.”; V11 (46 anos) “quando ela não liga pro filho, quando ela despreza...”; V13 (61 anos) “ah, mãe ruim é dessas que não está nem ai com os filhos...”; V14 (56 anos) “...Se um irmão vai tentar fazer algum estupro, alguma coisa contra você, você vai falar com a mãe e ela não acredita, que é mentira, que é você que tá dando confiança, que é você que tá assanhada...que não tá nem ai pro filho, que vai pra rua, fica noite inteira pra rua, na balada. Quando chega não quer saber se ta passando fome, se ta doente, se ta com uma febre, deita e dorme e deixa os filhos morrer. Eu acho que essa é a mãe má.”; V20 (55 anos) “ah, uma mãe ruim é difícil né. Uma mãe ruim que não cuida dos filhos é difícil, eu não gosto”.
Não estar presente (deixa filho sozinho, deixa pra rua, abandona)	V5 (52 anos), V6 (62 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos)	V5 (52 anos) “uma mãe má é larga o filho sozinho, ir pra forró, pra bar e largar as crianças só...”; V6 (62 anos) “mãe que larga os filhos, de deixar os filhos pra rua, acho que isso ai não é mãe...não sofre junto com os filhos...”; V9 (52 anos) “...que abandona tudo né...”; V11 (46 anos) “...Ela tem que estar presente em tudo. Eu costume ser assim, mesmo com minhas filhas, com meus netos. Mesmo quando elas não vem falar comigo eu chego nelas e converso, mesmo com meus netos. A mãe tem que se interessar muito pela vida do filho, porque ai ele acha que ta sendo bem cuidado, que a mãe ta prestando atenção nele”; V12 (46 anos) “uma mãe ruim é aquela que abandona, cai na vida, deixa o filho abandonado...”; V13 (61 anos) “...deixa pra lá e pra ca...”	
Comportamento da mãe	Negativo (usa droga, bate, xinga, briga)	V9 (52 anos), V13 (61 anos), V19 (86 anos)	V9 (52 anos) “ai que eu posso falar pra você? Mesmo jeito né, esse negocio de droga...”; V13 (61 anos) “...bate, xinga...”; V19 (86 anos) “ruim é que não sabe o que é família, briga com a família”

Não Respondeu		V15 (68 anos), V16 (64 anos)	V15 (68 anos) “mãe ruim é que é ruim com a família, com o marido, com o filho.”; V16 (64 anos) “...ahh... ai é ruim né...”
---------------	--	------------------------------	--

O que é um bom filho?

Categorias	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica membro da família		V6 (62 anos), V7 (56 anos), V9 (52 anos), V19 (86 anos)	<p>V6 (62 anos) “eu tenho um aí que é um amor...”; V7 (56 anos) “o V. e minha filha. É porque eu tenho minha filha... É a mãe desse daí (outro neto que estava lá de férias) é muito boa, ela é minha... ela não é filha, ela é uma amigona, porque quando ela ficou aqui com 20 anos, ela casou e não abandonou eu não. Quando nos morava na rua, porque nos morava pra rua, e eles novo, o vô do Vitor abandonou eu, foi embora com outra mulher e largou nós pra rua, eu sofri muito porque agora eu tenho muito que agradecer. Eu sofri muito, eu fui morar pra rua. Sabe quem foi assim, pra me ajudar? As mulher da creche. Sabe aquela creche ali em cima, eu morei ali, eu com meus 3 filhos. A Fernanda minha, que tem 24 anos, ela tinha 1 mês, ele jogou nós na rua e foi embora com outra mulher. E eu fiquei morando lá na Vila com uma mulher. A mulher, ela brigava com ele, com a mãe do Vitor, então eu entrei trabalha na usina de São Manoel e deixei a Fernanda aqui durante uns 2 meses, daí eu ponhei ela na creche e a Celma e a mãe dela cuidava dela de noite. A Celma tinha uns 12 anos. Então ela ficou morando de dia na creche de noite com a mulher. Eu passei uns pedaços viu. Ai eu conheci ele, quando eu morava na rua, conheci ele (marido) e ele tinha essa casa aqui e nós tá junto até hoje. Aí veio o Vitor, e o Vitor é minha família, meu companheiro, quando meu marido sai de casa ele é meu companheiro, nós vai pra Barra, nós vai pra tudo quanto é lugar. E quando ele tava doentinho eu quase morri de preocupada. Pensava “ai meu Deus, ajuda o médico a sara o Vitor, porque eu não posso perder o Vitor”. E tudo que eu puder, que tiver pra dar pro Vitor eu do. Fico brava com ele quando ele faz alguma coisa errada, nesse mundo de hoje né, falo Vitor, tem que pensar, tem que ir pra escola, nós vamos pra igreja. Nós vamos pra igreja, eu, ele e o vô. Enfia no carro e vamo pra igreja. Ponhei ele em bastante coisa, falo pra ele que tem que ir pra escola e eu que busco ele na escola, não deixo ele andar sozinho, porque hoje tem muita gente que faz mal, né fia. O que eu posso fazer pro Vitor eu faço.”; V9 (52 anos) “...a mais boazinha é essa aqui, a E. ...”; V14 (56 anos) “é o que eu tenho agora, a Nil é uma filha de ouro... Essa daí eu posso falar que ela é minha mãe também. Esse rapaz que está aí na sala também é meu filho, é meu amigo é meu irmão, é tudo, às vezes eu brinco com ele como se fosse uma namorada brincando com ele. Eu falo coisa que ele fala até “ai mãe, a mãe me deixa vermelho”. Só que na hora de chamar a atenção eu não penso duas vezes pra chamar atenção. É o que eu falo pra você filha, aqui a gente tem uma estrutura, mas lá fora as pessoas mudam a cabeça dos filhos da gente. Falar a verdade, meus filhos todos eles entrou na droga quando era adolescente. Eu saia aqui do hospital são Camilo, que eu trabalhava de enfermeira no hospital e ia lá pra Vila, era 2h, 3h da madrugada e eu tava lá procurando meus filhos, só que eu não achava, porque os que estava junto com ele assobiava pra avisa que eu tava chegando. Entendeu? Então eu acho que é por essas crianças pra trabalhar, trabalhar não mata ninguém, senão não existia mais ninguém no mundo. Eu com 12 anos tive o R., não terminei nem a dieta e fui pra roça cortar cana. E to viva e ainda to trabalhando. E agora os menino não pode trabalhar porque é de menor, mas rouba, matar pode, você acha que tá certo isso? Eles não dão oportunidade pros meninos de menor trabalhar, vira bandido. E ai a gente quer corrigir de um jeito e é de outro...Tinha dia que eu chegava e a panela estava em cima do telhado que eles escondia a panela pra não lavar. Eu fiz esse enxerto no dedo, tava com pino no dedo, chegava era meia noite eu tava lavando roupa. Pergunta pra ela se eu fui uma mãe ruim pra eles, so que o que eu mais detesto na vida é falsidade. Eu não aceito de ninguém. E a mentira, mentiu pra mim e eu descobrir que é mentira... eu fui criada de um jeito que eu não gosto que fala coisa pros meus netos, eu me desdobre pra não faltar coisa pros meus netos, se uma filha se separa do marido, eu não sou mulher de chegar e falar “não, não quero minha filha dentro da minha casa”, se a outra se separar a gente da um jeito e ela vem aqui também, não importa que eu vou passar fome, eu como fubá mas os meus netos tem que comer arroz e feijão.”; V19 (86 anos) “...mas graças a Deus são tudo bom.”</p>
É aquele que cumpre sua(s) função(ões)	<p>Afetiva (ter amor, atencioso, carinhoso)</p> <p>Colabora com a família (da apoio, lava louça, cuida dos pais)</p>	<p>V1 (62 anos), V6 (62 anos), V20 (55 anos)</p> <p>V6 (62 anos), V14 (56 anos), V20 (55 anos)</p>	<p>V1 (62 anos) “Tem que ter amor no pai e na mãe, pro pai e a mãe também ter amor por ele. Você não acha? Eu acho é o meu pensar né.”; V6 (62 anos) “...filho bom é filho atencioso com os pais...”; V20 (55 anos) mas fui muito carinhosa com meus pais. Graças a Deus.”</p> <p>V6 (62 anos) “...que da apoio pros pais na velhice, hoje tá difícil”; V14 (56 anos) “.... O J. tem 15 anos, ele lava louça pra mim e eu não acho errado uma mãe, um pai por um filho pra lavar a louça, fazer um serviço enquanto ta trabalhando, porque os meus filhos sempre se cuidaram sozinho pra mim pode ir trabalhar.”; V20 (55 anos) “filho bom é assim, cuida bem dos pais em casa, né...”</p>

	Segue Regras Sociais (obedece, não mente, trata bem, respeita, educado, escuta, não responde, conversa, não da desgosto)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V16 (64 anos), V19 (86 anos), V20 (55 anos)	V1 (62 anos) “filho bom é aquele que obedece ao pai e a mãe, o pai fala não é pra fazer isso, não é pra fazer. Se ele fazer uma coisa errada ele não pode mentir, ele tem que chegar e ele mesmo confessar, eu fiz isso hoje, e se for errado ele tem que falar pra mãe e se for certo ele tem que falar a mesma coisa. Esse aí é o filho bom. Filho que trata todo mundo bem, trata o pai e a mãe. Chega dentro de casa com educação. Igual esse aí mesmo, eu já falei pra ele porque eu sou vó, olha você sai igual um animal e chega igual um animal, não é assim, você tem que sair pra escola e dar a benção pro seu pai, pra sua mãe, chegar da escola e dar benção pro pai e pra mãe, tratar bem, perguntar se passou bem o dia, perguntar se o pai passou bem o dia na roça...”; V3 (77 anos) “é o filho que não responde pra mãe, não fica respondendo pra mãe, não fica dando desgosto pra mãe, não fica atrás de droga.”; V4 (40 anos) “filho que obedece os pais”; V5 (52 anos) “ah um bom filho é respeitar o pai e a mãe em primeiro lugar né. Respeitar a mãe falar e ele escutar o que ela ta falando pra depois não fazer coisa errada.”; V8 (69 anos) “quando obedece mãe e pai”; V9 (52 anos) “Aquele que obedece né, aquele que obedece a mãe. Principalmente tem um aqui que não obedece muito a mãe, que eu já vou logo falar pra você né, que não obedece, e a mãe fala e ele ta resmungando, ta retrucando em cima. Eu acho assim, a mãe falou, o filho, né, não é só ele, os dois mais pequeno e ele aqui, agora...ela obedece, mas o Vitor tem que chegar nele e chamar atenção.”; V11 (46 anos) “filho bom é filho obediente né, embora obediência hoje em dia seja mais complicado, porque antigamente tinha mais obediência né, hoje em dia é mais complicado, eles são mais desobedientes que obedientes né, mas pra uma mãe, tudo que ela quer é um filho obediente, que não dá trabalho. Assim, filho da trabalho, mas um trabalho normal, não um trabalho que deixa a mãe louca, que deixa o pai louco. Tudo que uma mãe quer de um filho é obediência.”; V12 (46 anos) “um filho bom é desde quando não dá trabalho...”; V13 (61 anos) “filho obediente, que não é respondão, que não faz as coisas errada né, e é obediente na casa né, obedece a mãe, obedece a avó e não é fala palavrão”; V14 (56 anos) “...Nunca me respondeu...”; V15 (68 anos) “que respeita a mãe né.”; V16 (64 anos) “que trata bem”; V19 (86 anos) “filho bom é que obedece, que não é mal criado, porque se fosse um filho que andava por ai fazendo coisa errada, maltratando os outros, dai já não era um problema... não é...”; V20 (55 anos) “...não são mal criado com os pais, são educadinho, bem educado, porque não pode né, ser mal criado com os pais. Eu falo pra eles, eu por mim, até hoje, eu to com 55 anos eu tive muita educação dos meus pais, só não tive leitura...”
	Está presente	V12 (46 anos)	V12 (46 anos) “...que fica sempre presente com a gente, que nunca sai de perto, a não ser que seja pra casar, não responde, né... minha opinião é essa.”
Sentimento que desperta	Positivo -tudo (indispensável)	V17 (62 anos)	V17 (62 anos) “um bom filho é tudo na minha vida, meus filhos são tudo na minha vida.”
Não respondeu		V18 (58 anos)	V18 (58 anos) “esse que é difícil! Só por Deus essa criança aqui.”

O que é um mau filho?

Categories	Temas	Avós	Verbalizações
Identifica um membro da família		V7 (56 anos), V14 (56 anos)	V7 (56 anos) "...Ela era ruim pra mim, a mãe dele. Nossa, era braba, endireitou agora. Enquanto ela morava comigo, nossa, se deixava ela batia ne mim. Era bem ruim a mãe dele, agora ela ficou velha, ta criando juízo, era bem braba mesmo."; V14 (56 anos) "tenho 5 filhos. Hoje eu posso falar, agradecer a Deus, porque com bastante perseverança eu consegui ter meus filhos bão. Tem uma que não mora comigo que é ruim, uma cascável, mora lá do lado de Piracicaba. Mas meus filhos não é ruim pra mim, já foram muito por causa das drogas, bebida mas, não são respondão, não me respondem, me tratam bem. Esse mesmo, lá dentro da cadeia e fora da cadeia me tratam bem, é educado, todo mundo gosta dele, todos eles tem amigo, falo que são educado porque eu sempre falo pra eles, 'não faça pros outros o que você não quer que faça pra você'. Se você não quer que uma pessoa te bate, você também não vai bater. O valente é aquele que corre, não é? Eu penso assim."
É aquele que não cumpre sua(s) função(ões)	Não colabora com a família (não da apoio)	V6 (62 anos),	V6 (62 anos) "...não te dá apoio, acho que esse é o filho ruim."
	Afetiva (não tem amor, não da atenção)	V6 (62 anos), V20 (55 anos)	V6 (62 anos) "não sei, acho que é filho que não tem amor aos pais..."; V20 (55 anos) "é mais o que tem né, tem filho que a mãe pode até tirar o coração e tem filho que não dá nem atenção pra mãe né, mas agente é mãe ne, mãe é mãe né, vamos tocando."
	Acadêmica (não estuda)	V4 (40 anos)	V4 (40 anos) "...que não quer nada da vida, não estuda, não vai a escola..."
	Não segue regras sociais (não obedece, faz coisa errada, usa drogas, da desgosto, responde, judia, não escuta, briga, judia, não respeita, não tem educação)	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V6 (62 anos), V7 (56 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V17 (62 anos), V18 (58 anos)	V1 (62 anos) "é o filho desobediente, não obedece a mãe, não obedece o pai, não obedece a vó nem o vô, nem tio, nem mesmo a pessoa de fora que dá conselho... esse filho é um filho ruim, não quer nada de bom."; V3 (77 anos) "é o filho que não considera o pai, só considera ele, não considera a mãe...só vive fazendo fazendo coisa errada, atrás de droga, dá desgosto. Dá muita dor de cabeça pro pai e pra mãe."; V4 (40 anos) "filho ruim é o filho que não ta nem ai com o pai e com a mãe...só quer ficar na rua."; V5 (52 anos) "é não respeita, bater na mãe, bater no pai, fumar drogar, ensinar tudo que não deve pros filhos dele e pros irmãos também."; V6 (62 anos) "...responde..."; V7 (56 anos) "Filho ruim é que judia da mãe né..." V8 (69 anos) "quando não obedece a mãe, quando não obedece a mãe nem o pai não é um filho bão"; V9 (52 anos) "que mexe com droga, que não tem hora pra sair, não tem hora pra chegar, aquele filho que só da problema. Vai parar muitas vezes na cadeia. Esse é um filho mau, que dá desgosto pra mãe e pro pai né."; V11 (46 anos) "um filho mau é quando ele é rebelde ne, quando ele não escuta conselho de mãe, não escuta conselho de pai. Você ta dando conselho bom, porque mãe, aquela que gosta realmente do filho, ela quer tudo de bom pro filho né, mas as vezes tem filho que é muito ingrato. Eu sei disso porque nos estamos vivendo isso na nossa família. Tem uma que tem só um filho, único filho dela e ela é uma mãe tão boa, uma mãe prestativa, por isso que eu falo, as vezes passa muito a mão na cabeça... hoje ele pinta e borda com ela, não tem respeito nenhum, então a gente vê rebeldia na própria família da gente, a gente fica até revoltada as vezes, o duro é que a gente não pode falar nada porque não é filho da gente. Porque mãe é assim, mãe pode falar tudo pro filho, mas os outros não, ela sabe que o filho esta errado, mas se a gente fala alguma coisa ela acha ruim. Então a gente vê isso, então filho rebelde é muito duro pra uma mãe e pra um pai."; V12 (46 anos) "um filho ruim é o que não obedece a gente, tudo que a gente fala ele vira a cara, responde, né, porque a gente que é mãe a gente fala pro bem, mas ele acha que não. Então um filho ruim que eu acho é esse ai, que responde, não obedece, a me fala não vai, ele vai e no fim só prejudica."; V13 (61 anos) "o filho sem educação. A mãe fala e ele responde. Nunca ta de acordo. As mães quer que ele seja uma coisa e ele quer ser outra, não obedece. Fala pra não sair de casa e ele sai. Eu acho assim, tem que entender as mães e as mães tem que entender os filhos né, porque na idade que eles estão agora, eles tem que saber o que é bom e o que é ruim. Porque se for uma pessoa que a mãe fala e eles respondem, então não é uma boa pessoa."; V17 (62 anos) "um mau filho é quando eles não obedece né."; V18 (58 anos) "filho mau é filho sem educação que não respeita pai, não respeita mãe, não respeita ninguém.";
Não está presente	V3 (77 anos)	V3 (77 anos) "...não convive com a família..."	

Não respondeu	V15 (68 anos), V16 (64 anos), V19 (86 anos)	V15 (68 anos) “que é ruim com a mãe”; V16 (64 anos) “ai é ruim também né... daqui de casa é tudo bom...”; V19 (86 anos) “os meus pra mim eu não posso dizer porque são tudo bonzinho pra mim.. é Graças a Deus, minha filha, meus filhos, meus netos, são tudo bonzinhos.”
---------------	---	--

Você está satisfeita com sua família?

Categoria	Avós
SIM	V1 (62 anos), V3 (77 anos), V4 (40 anos), V5 (52 anos), V6 (62 anos), V7 (56 anos), V8 (69 anos), V9 (52 anos), V11 (46 anos), V12 (46 anos), V13 (61 anos), V14 (56 anos), V15 (68 anos), V16 (64 anos), V17 (62 anos), V18 (58 anos), V19 (86 anos), V20 (55 anos)
NAO	
Mais ou menos	